

JORNALISMO ENTRE PICOS

DIÁRIO DE MEMÓRIAS DA UESPI

Thamyres Sousa de Oliveira
Mayara Sousa Ferreira
Thaila Vitória Santos Vieira
Vinícius da Silva Coutinho
Organizadores



JORNALISMO ENTRE PICOS

DIÁRIO DE MEMÓRIAS DA UESPI

Thamyres Sousa de Oliveira
Mayara Sousa Ferreira
Thaila Vitória Santos Vieira
Vinícius da Silva Coutinho
Organizadores





UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI

Evandro Alberto de Sousa
Reitor

Jesus Antônio de Carvalho Abreu
Vice-Reitor

Mônica Maria Feitosa Braga Gentil
Pró-Reitora de Ensino de Graduação

Josiane Silva Araújo
Pró-Reitora Adj. de Ensino de Graduação

Raurys Alencar de Oliveira
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Fábia de Kássia Mendes Viana Buenos Aires
Pró-Reitora de Administração

Rosineide Candeia de Araújo
Pró-Reitora Adj. de Administração

Lucídio Beserra Primo
Pró-Reitor de Planejamento e Finanças

Joseane de Carvalho Leão
Pró-Reitora Adj. de Planejamento e Finanças

Ivoneide Pereira de Alencar
Pró-Reitora de Extensão, Assuntos Estudantis e Comunitários

Marcelo de Sousa Neto
Editor da Universidade Estadual do Piauí



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI



Rafael Tajra Fonteles **Governador do Estado**
Themístocles de Sampaio Pereira Filho **Vice-Governador do Estado**
Evandro Alberto de Sousa **Reitor**
Jesus Antônio de Carvalho Abreu **Vice-Reitor**

Conselho Editorial EdUESPI

Marcelo de Sousa Neto **Presidente**
Algemira de Macedo Mendes **Universidade Estadual do Piauí**
Ana de Lourdes Sá de Lira **Universidade Estadual do Piauí**
Antonia Valtéria Melo Alvarenga **Academia de Ciências do Piauí**
Cláudia Cristina da Silva Fontineles **Universidade Federal do Piauí**
Fábio José Vieira **Universidade Estadual do Piauí**
Sammy Sidney Rocha Matias **Universidade Estadual do Piauí**
Gladstone de Alencar Alves **Universidade Estadual do Piauí**
Maria do Socorro Rios Magalhães **Academia Piauiense de Letras**
Nelson Nery Costa **Conselho Estadual de Cultura do Piauí**
Orlando Maurício de Carvalho Berti **Universidade Estadual do Piauí**
Paula Guerra Tavares **Universidade do Porto - Portugal**
Pedro Pio Fontineles Filho **Universidade Estadual do Piauí**

Marcelo de Sousa Neto **Editor**

Vinícius da Silva Coutinho **Capa**

Ana Caroline de Oliveira Morais **Fotografia da Capa**

Alisson Breno Dias de Sousa, **Fotografias da Contra Capa**

Matheus Moura Alencar de Barros e
Thaila Vitória Santos Vieira

Marcos Antonio de Sousa Rodrigues Moura **Revisão**

Endereço eletrônico da publicação: <https://editora.uespi.br/index.php/editora/catalog/book/214>

J82 **Jornalismo entre Picos diários de memórias da UESPI**
/ Mayara Sousa Ferreira, Thaila Vitória Santos Vieira,
Thamyres Sousa de Oliveira, Vinicius da Silva Coutinho
(organizadores). - Teresina: EdUESPI, 2024.
170p.: il.

ISBN obra Impressa: 978-65-81376-54-3.

ISBN obra digital: 978-65-81376-53-6.

1. Curso de Jornalismo. 2. UESPI. 3. Memórias. 4. Picos -
PI. 5. Aspectos históricos. I. Título

CDD 070.981

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Biblioteca da UESPI
JOSÉ EDIMAR LOPES DE SOUSA JÚNIOR (Bibliotecário) CRB-3º/1512

Editora da Universidade Estadual do Piauí - EdUESPI

Rua João Cabral • n. 2231 • Bairro Pirajá • Teresina-PI
Todos os Direitos Reservados

Um diário de memórias

Depois de tanto tempo guardando, reescrevendo e rascunhando compartilhamos com você o nosso diário. Um diário de memórias, memórias afetivas, memórias de estudantes, de egressos, de professores e de ex-professores. Memórias do curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí (Uespi), Campus Professor Barros Araújo (CPBA), desde o surgimento, em agosto de 2002, que perpassam pela comemoração dos 20 anos de curso, em 2022, e que chegam até os dias atuais. A vida é mesmo outra depois dos 20!

Ao longo desses mais de 20 anos de existência em Picos, Piauí, Brasil, muita coisa aconteceu. Entre desafios, dificuldades, muitas dificuldades, carências, vitórias, superações, crescimento e LUTA (substantivo e verbo) o curso tem sido alimento para estudantes, professores e comunidade em geral. Imagina quantas relações foram construídas nesse tempo? E quantas vidas foram mudadas, a partir daqui? Para te ajudar a imaginar as mudanças de vida, vamos começar falando das nossas (dos organizadores). Afinal, os diários sempre iniciam com uma escrita de si.

Thamyres passou de menina que brincava entre as árvores de uma das antigas sedes do Governo - Palácio do Pirajá e, que, hoje, abriga a reitoria da Uespi, para professora do Curso de Jornalismo da Uespi, em Picos. Mayara, que queria ser a “Jaque Torres (sua ex-orientadora e professora do curso) de outras Mayaras”, voltou para o seu sertão como professora da universidade que ela sempre defendeu. Thaila, que se define como a menina de “20 e poucos anos” (igual ao nosso curso), nem saiu do curso ainda, mas já enfatizou que a meta é ficar, é voltar. Dedicada às atividades de ensino, pesquisa e extensão, ela tem riscado metas da agenda e quer voltar como professora. Vinícius também... nem fechou a porta direito, mas já disse que sonha em voltar e tem inspirado

muita gente a aproveitar e viver o curso. Assim como a gente, muitos fizeram da Uespi sua casa e o curso de Jornalismo de Picos, abriga muitas memórias.

Trazemos ao público a intimidade das lembranças de pessoas que fizeram e fazem a história do nosso curso e temos a consciência de que muito ainda poderia ser e será dito. As memórias enquadradas aqui são memórias subterrâneas, como já dizia, em 1989, o pesquisador austríaco Michel Pollak¹. Elas floresceram das disputas e conseguem, hoje, ecoar pelas falas que aqui trouxemos. História para ser lembrada, contada, registrada, interpretada, vivida, construída e reconstruída.

Começamos este diário em dezembro de 2020, em uma oficina da Liga de Jornalismo, Educação e Memória (Joeme), com participantes da III Semana de Comunicação da Uespi Picos. Continuamos em todo o 2021, 2022, 2023 e em 2024, entre as atividades da liga. Em um exercício não-linear, nossos olhares iam e vinham sobre esse material. A ideia inicial era entregar a obra como um presente de aniversário de 20 anos ao Jornalismo da Uespi, mas lidar com o tempo nunca foi um exercício de rápida resolução.

O filósofo Paul Ricoeur², ao discutir o passado, menciona que o tempo só pode ser constituído por meio da imaginação. Ancorados nesta filosofia, seria ingenuidade nossa achar que tentar mergulhar em mais de 20 anos de curso seria algo rápido.

¹ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: vol. 2, n. 3, 1989.

² RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa** – Tomo I, II e III. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

Construímos a muitas mãos esse material repleto de carinho e afeto pelo que fizemos e estamos fazendo na nossa Uespi. Desejamos que este seja um lugar de memórias da formação em Jornalismo em Picos e no Piauí. Queremos que este material inspire outras produções, com percepções diversas sobre o nosso campo e o nosso tempo.

Através do Jornalismo, um certo lugar de memória, escolhemos os modos de fazer deste livro. Metodologias que articulam apuração, produção, edição e redação jornalísticas, feitas por estudantes e professores, e culminam em entrevistas, reportagens, artigo de opinião, relato de experiência e até poesia. Tentamos fazer um jornalismo não muito convencional.

Fazer um diário é um eterno exercício de lembrar e, infelizmente, nem tudo conseguimos registrar. Assim como o historiador Paul Veyne³ já chamava a natureza da história de lacunar, reconhecemos que esta obra também é lacunar. Nem tudo ou todos estarão categoricamente grafados aqui, mas fica a deixa para que mais memórias sejam evocadas em outras edições.

Os encontros da Liga Joeme foram reuniões de pauta para a produção desta obra. Reunidos em círculos ou separados pela tela do Google Meet nos olhávamos e um novo nome era lembrado, um acontecimento “vinha à memória”, contatos eram compartilhados e, ali, mais um texto ganhava forma. Quando achávamos que tudo já estava no ponto, da entrevista surgia um fato novo, um nome novo e o texto crescia. As datas entravam em divergência, alguns nomes também, mas o exercício de apuração ajudou a nos reconectar com um curso jovem, “de fases” e multifacetado. Falar do curso

³ VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. 4 ed. Brasília. Unb,1998

de Jornalismo de Picos fazendo Jornalismo foi uma metalinguagem, usamos o próprio fazer jornalístico para falar do curso, que é como chuva no sertão.

Na seção *Trajetória*, o leitor pode entender sobre a implantação do curso e conhecer alguns nomes que fazem parte da consolidação. Em *De aluno a professor*, nossa equipe viu que “o bom filho à casa torna” e trouxe entrevistas e reportagens com alguns egressos que voltaram à Uespi como professores. Eles falaram sobre as delícias e dores dos tempos de graduação e sobre a experiência de voltarem como docentes. Na seção *Eu já fui professor da Uespi de Picos*, buscamos alguns professores que já passaram pelo curso, dialogamos sobre projetos desenvolvidos, estrutura do curso, dificuldades e eles também abriram sua caixinha de memórias afetivas. Nessa seção, também buscamos que ex-alunos falassem de seus professores.

Em *Um reitor do curso*, trouxemos reportagem com o professor Evandro Alberto de Sousa, um dos fundadores do curso de jornalismo da Uespi de Picos e o primeiro reitor da Uespi vindo de campus do interior. A prosa continuou com *O curso interligado com outros cursos*. Nossa equipe conseguiu desbravar as ligações entre uma Picos Comunicacional que se articula entre as instituições de ensino. Quem achou que não dava para misturar jornalismo com outros cursos conta, nesta seção, com um relato de experiência de uma enfermeira entre jornalistas. Já na seção *O curso hoje*, tentamos atualizar o que temos feito nos últimos anos.

Aprecie, caro leitor! Este diário é nosso, para você!

A você, Jornalismo da UESPI Picos, nossos sinceros agradecimentos, com desejos de longa vida, vivida e lembrada, crescendo, mudando pessoas e sendo mudado por elas.

Com carinho,
Mayara Sousa Ferreira
e Thamyres Sousa de Oliveira

Quem fez

Este diário foi construído a muitas mãos pelos participantes da Liga Acadêmica de Jornalismo, Educação e Memória (Joeme) e convidados. O início dessa construção se deu durante uma intervenção da nossa liga na III Semana de Comunicação Social da Uespi Picos, em 16 de dezembro de 2020. De lá para cá, nós já fomos vários, mas tentamos condensar um pouco de nós aqui.

Dayanne Lopes Borges

Natural de Fortaleza-CE, Dayanne é uma moça doce, gentil, carinhosa e esforçada em tudo que faz. Apaixonada por livros, curiosa assumida e nunca seguiu o conselho de não falar com estranhos. Jornalista com experiência na editoria de segurança pública e pesquisadora, ela ama uma liga e adora conhecer pessoas novas.

Ediara Sousa dos Santos

Natural de Salvador-BA, residiu há alguns anos no Piauí e, atualmente, mora em Brasília. Ediara, desde nova, sempre teve uma paixão pela escrita. Comunicativa em sua calma, costuma descrever o que sente em frases e poesias. Foco: jornalismo, música, família, ler, escrever, empreendedorismo e memória.

Erika Ravena da Silva Alves

De Picos-PI, ela é fascinada pela possibilidade de reconstituir fatos e momentos, apaixonada por pesquisa e está sempre em busca de conhecimento. A sua discrição não consegue esconder a sua potência. Com sua doçura e inteligência, Erika contribuiu firmemente nas discussões de sua turma, como também na liga, e até mesmo em outras turmas desempenhando as funções de monitora de ensino.

Géssica Lima Feitosa dos Santos

Técnica em Desenvolvimento de Software, Jornalista e Pesquisadora. Géssica com “Gê”, é natural de Picos no Piauí. É uma menina doce, gentil, corajosa e de Deus. Do anseio de pesquisar na Uespi, parte integral das memórias da liga Joeme, pioneira, ela é sonhadora, faladeira e reflexiva. Foco: ler e escrever. Aspirações: Fé, família, pesquisa, jornalismo, educação e memórias afetivas.

Iaquelly de Sousa

Jornalista, natural de Ipiranga do Piauí, apaixonada pela pesquisa e mãe de gatas. Iaquelly é sinônimo de superação, a menina do interior que desde a infância teve uma vida difícil e de muita luta, hoje, é inspiração para muitos que estão na mesma caminhada que ela trilhou um dia. Ama uma liga e se entrega de coração em tudo que se propõe a fazer, dona de um sorriso lindo e de uma fé inabalável.

Lívia Maria da Silva Costa

Jornalista e Relações Públicas, nordestina e, atualmente, moradora da capital, Teresina-PI, é o tipo de faladeira que vai e faz. Lívia divide a vida entre o mestrado em comunicação e o cerimonial da Universidade Estadual do Piauí (Uespi) e está sempre em busca de novos conhecimentos.

Luana de Sousa Rodrigues

Jornalista, Pós-graduada em Gestão de Projetos e Marketing e Growth, Luana é natural de Picos-PI, e cheia de fases, como a lua. Observadora nata e adora escrever. Nem sempre comunicativa, mas sempre ativa e pronta para aprender, completamente sentimental. Durante a graduação dedicou-se à pesquisa e extensão, vivenciando a universidade e tudo

que ela tinha para oferecer; integrou a Liga Joeme desde a sua criação até o ano de 2022. Atualmente, trabalha com Gestão de Projetos Digitais.

Mayara Sousa Ferreira

Da vontade de fazer extensão e pesquisa na Uespi, criou a liga Joeme, em 2019. Coordena, ensina, aprende, cria, pesquisa, estuda. É sertaneja, professora, pesquisadora, jornalista, acelerada, criativa e preocupada. Foco: café, afeto, memórias, jornalismo e educação. Professora efetiva da Uespi. Jornalista pela Uespi, Mestra em Comunicação, Doutora em Educação pela UFPI e mãe do João.

Mikaelly Nagyla da Silva Santos

Natural de Elesbão Veloso, residente em Picos-PI, Nagyla é graduada em Jornalismo, é Social Media e Pesquisadora, fez parte da diretoria da Liga Joeme e desenvolveu pesquisas sobre memória e fotografia. É criativa, comunicativa, ama curtir a vida e guardar boas memórias. Muito dedicada e esforçada no que faz.

Myvrian Hazy Braga de Araújo

Jornalista, administradora, professora de yoga e com uma capacidade de sentir aflorada. Fez parte da Liga Joeme e foi/ é braço que faz e acolhe em tudo que se propõe a fazer. De texto leve e com um dom de tecer as palavras, sonha com um espaço para expressar sua essência e mostrar ao mundo que é possível falar de “coisas que não são só coisas”.

Ruthy Manuella de Brito Costa

Jornalista, Relações Públicas e Licenciada em Geografia pela Uespi. Mestra em Comunicação pela UFPI, professora efetiva da Uespi e Educadora Ambiental da Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos na prefeitura de Picos. Natural de Colônia do

Gurguéia, ‘Tia Ruthy’ é uma das mães do curso de Jornalismo na UESPI. Criativa, despojada, prática e atleta, ela ganha o carisma e a atenção de qualquer pessoa com o seu humor. Dona de um coração gigante e um exemplo a ser seguido, tia Ruthy tem uma marca registrada no coração de todos os seus alunos.

Thamyres Sousa de Oliveira

De Teresina, mas amante do Sertão. Jornalista, filha da mãe, professora e "conversadeira". Thamyres é a “fada” de muitos universitários, a professora ganhou dos alunos esse apelido carinhoso devido seu amor por educar, ensinar e partilhar. Thamyres é sinônimo de gentileza, doçura, bondade e meiguice. Sua didática humana deixou marcas nos corações de muitos uespianos. A Uespi tem muita sorte de ter uma professora tão dedicada e amorosa como ela, quem dera se toda instituição tivesse uma Thamyres na docência. Com certeza seríamos mais felizes.

Thaila Vitória Santos Vieira

Estudante de jornalismo, bocainense de “20 e poucos anos” e com uma capacidade imensa de fazer planos e correr atrás deles. Vive a universidade intensamente, seja nas aulas, na participação de eventos acadêmicos ou na extensão. Falou de memória e jornalismo, ela já “chega junto”. Thaila é presidente da Liga Joeme e também integra o Projeto de Extensão Hemeroteca: um lugar de memória do Jornalismo de Picos-Pi.

Vinícius da Silva Coutinho

O integrante que mais chorou no primeiro encontro da Joeme (e em todos, kkk). Natural de Patos do Piauí, mas não sabe parar quieto num canto... Adora pesquisa e não caiu de paraquedas no Jornalismo. Atualmente, Jornalista por formação (Uespi). Fotógrafo de manifestações culturais populares. Pesquisador em comunicação e suas interligações.

Especialista em gestão de marketing e mídias digitais com experiência profissional em assessoria de comunicação. Vinícius é aquele aluno que todo professor deseja ter, dedicado, proativo, organizado e pontual. A Uespi o espera de braços abertos para compartilhar conhecimentos com aqueles que, hoje, ocupam o lugar de universitário que um dia foi seu. Vinícius é também autor do livro [“Entre verdades e memórias jornalísticas sobre a pandemia da Covid-19”](#) (EdUespi, 2024).

Vitória Sousa Pilar

Vitória Pilar é jornalista, formada pela Universidade Estadual do Piauí (Uespi) e pesquisadora do grupo de estudos TRAMPO [Trabalho e Mídia: Teoria e Práxis Noticiosa]. Como repórter, já recebeu premiações e menções honrosas pelas suas reportagens publicadas no estado do Piauí. Em sua trajetória profissional, atuou nas redações do Portal AZ, Portal G1 PI, O Estado do Piauí, Revista Piauí e Revista Revestrés. Sua produção na carreira científica, jornalística e comunicação é amplamente voltada para denunciar e discutir os impactos da desigualdade social na vida de mulheres, da população negra, LGBTQIA+ e meio ambiente. Ela também é autora do livro-reportagem “Prostituta é Comunidade”, da editora Arisca.

Ylana Nunes de Oliveira

Estudante na área da saúde e com o desejo de aprender mais, Ylana é acadêmica de Enfermagem na Uespi de Picos, e integrante da Liga Joeme. Ela é a menina doce e tímida que se envolveu no meio jornalístico a fim de aprender um pouco mais sobre memória, o que segundo a mesma, foi fundamental para o seu crescimento acadêmico e pessoal.

SUMÁRIO

A TRAJETÓRIA	18
Três (ou mais) gerações do curso de comunicação em Picos, por Gêssica Lima Feitosa dos Santos	20
Trajetoária adentro: entre memórias e curiosidades, por Mikaelly Nagyla da Silva Santo, Thaila Vitória Santos Vieira e Vinícius da Silva Coutinho	29
Que memórias os documentos contam?, por Erika Ravena da Silva Alves	38
DE ALUNOS A PROFESSORES	45
Sonho gerado, nutrido e realizado: professora Mayara Sousa Ferreira, por Myvrian Hazy Braga de Araújo	47
De aluna a professora: Ruthy Costa, a "Tia Ruthy", por Lívia Maria da Silva Costa	61
O menino que queria contar histórias: Edvan Luiz, por Iaquelly de Sousa	72
EU JÁ FUI PROFESSOR DA UESPI DE PICOS	78
"Um lugar que me deu tudo": Orlando Berti em Picos, por Vitória Sousa Pilar	80
"O meu caminho de casa": Sônia Carvalho em Picos, por Vitória Sousa Pilar	86
"Uma universidade para chamar de minha": Clarissa Carvalho em Picos, por Vitória Sousa Pilar	95
Um lugar guardado na memória: Sammara Jericó em Picos, por Vitória Sousa Pilar	99
Pela vontade de contribuir: Daiane Rufino em Picos, por Vitória Sousa Pilar	104
"Eu fui embora, meu amor chorou": mais alguns professores que já passaram por aqui, por Vinícius da Silva Coutinho, Thaila Vitória Santos Vieira e Thamyres Sousa de Oliveira	110
UM REITOR DO CURSO	123
Trabalho, estudo e determinação: a tríade que levou Evandro Alberto a uma trajetória de conquistas, por Dayanne Lopes Borges e Lívia Maria da Silva Costa	125
O CURSO INTERLIGADO A OUTROS CURSOS	131
Cursos interligados: instituições de ensino contribuem para uma Picos comunicacional, por Dayanne Lopes Borges	133
Uma enfermeira entre jornalistas, por Ylana Nunes de Oliveira	138
O CURSO HOJE	141
Memórias cruzadas na Universidade: o Curso de Jornalismo na atualidade, por Dayanne Lopes Borges	143

Jornalismo na Uespi de Picos: um curso que transforma realidades, por Ruthy Manuella de Brito Costa	151
Liga Joeme: diálogos, reflexões e uma xícara de café, por Erika Ravena da Silva Alves	157
AAA Midiática, por Mikaelly Nagyla da Silva Santos e Thaila Vitória Santos Vieira	162
Juntos, formamos uma só voz, por Ediará Sousa dos Santos	166

A TRAJETÓRIA

Em 2002, nasceu uma luz na cidade de Picos, a luz que clareou o caminho de muitos jovens sonhadores, sim, sonhadores! Jovens que com sua profissão de comunicador pretendiam levar informação e dar voz às comunidades.

O curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo e Relações Públicas, da Uespi, Campus Professor Barros Araújo, o primeiro do Sertão e interior do Piauí, teve início em 2002, na cidade de Picos, que fica no centro-sul do estado. De lá até aqui, a Universidade já formou mais de 100 profissionais da comunicação, apesar das dificuldades.

O curso nasceu de uma iniciativa pública, a partir da solicitação de pessoas que já exerciam o jornalismo na prática, mas que não tinham a formação necessária e, por isso, mobilizaram-se para que o curso chegasse em Picos.

Confira, nesta seção, uma reportagem sobre essa trajetória, notinhas sobre curiosidades e ainda uma subseção com documentos, que trazem vestígios de memórias dessas duas décadas de curso.

Três (ou mais) gerações do curso de comunicação em Picos

Géssica Lima Feitosa dos Santos

Início de um sonho

Vamos passear? Neste capítulo do livro levarei você a caminhar um pouco comigo por meio de resquícios de histórias, vivências e memórias, que despertaram de diferentes leitores, uespianos ou não. É uma coletânea de sentimentos, lembranças, esperança e paixão sobre o que não vivenciamos fisicamente, mas “vivemos” ou “viveremos” por meio dos relatos de outros que nos antecederam.

O curso Comunicação social com habilitação em Jornalismo e Relações Públicas foi autorizado em 2001. Por meio da Resolução 38/2001, o Conselho Universitário da Universidade Estadual do Piauí (CONSUN) reforçou que o curso seria implantado na cidade de Picos.

Seu primeiro vestibular teve o edital publicado em setembro de 2001, oferecendo 40 vagas para o turno da tarde, com ingresso somente para o primeiro semestre de 2002. Foram 182 candidatos inscritos, o que caracterizou uma concorrência de 4,5 candidatos por vaga. O primeiro curso de comunicação social do semiárido piauiense crescia em um terreno que começava a ser fertilizado para o acesso à universidade. Segundo dados do Censo da Educação Superior de 2010, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e

Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), de 2001 a 2010 houve um crescimento anual no número de ingressos em cursos de graduação presencial e à distância no país.

O curso só se tornou uma realidade, de fato, a partir do interesse dos próprios profissionais atuantes da área da comunicação em Picos, que na época tinham o desejo de se profissionalizar academicamente. Uma comitiva foi até Teresina conversar com o então governador Mão Santa e o reitor da época, Jônathas Nunes, requerendo a criação do curso.

Pegadas da Uespi em uma formação: Deisy Feitosa

Alguns desses nomes que se dirigiram a Teresina, fizeram caminho para que estudantes como Deisy ingressassem no curso de jornalismo. Deisy Fernanda Feitosa, além de jornalista e radialista, é pesquisadora com relevantes estudos nas áreas de televisão digital, interatividade e outros, e, atualmente, é também professora colaboradora do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da Universidade de São Paulo (USP) e coordenadora e professora dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Faculdade Paulus de Comunicação (FAPCOM).

Em entrevista, Deisy conta sobre suas memórias afetivas sobre o início do curso. Nesta caixinha de memórias, um evento em que o jornalista investigativo Roberto Cabrini esteve presente foi o primeiro momento citado.

“Eu lembro com muito carinho, com muito afeto, de todos esses momentos, os primeiros dias, os aprendizados, a gente fez o primeiro seminário de jornalismo de Picos e eu fui uma das organizadoras junto ao professor Evandro Alberto e ao J. Pereira -

jornalista egresso da primeira turma. Nós levamos o Roberto Cabrini na época, que foi a maior sensação para ele, por ele ser a estrela do seminário”, relembra a pesquisadora.



Deisy Feitosa concede entrevista sobre A televisão na era da convergência digital das mídias. Foto: Portfólio Deisy Feitosa

Mesmo não concluindo o curso na cidade de Picos - sua graduação foi finalizada na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) - Deisy destaca colegas e professores que contribuíram para sua formação.

“Tenho muito respeito pelos professores, que me deram essa estrutura e formação no jornalismo. Lembrei de outro colega, Sebastião Moura e outras pessoas que eram muito experientes na área do Jornalismo que contribuíram com conhecimento para a gente. Tinha também o Edvan, que é um amigo que quero muito bem, foi [depois] coordenador do curso. Era uma turma muito bacana que trazia conhecimento para nossa área, agregou e ajudou a construir essa história”, reforça Deisy.

Desde 2005, Deisy realiza pesquisas que relacionam televisão aos eixos da televisão digital, comunicação comunitária, interatividade, inclusão sociodigital,

educação, telejornalismo, representatividade, diversidades e convergência tecnológica. Assim como Deisy, outros nomes da primeira turma ganharam o mundo e estão fazendo história, da Uespi para o mundo.

Da Uespi para o mundo: Sandy Swamy

Sandy Swamy Silva do Nascimento, que entrou para o curso de Comunicação Social da Uespi de Picos em 2015, é uma das egressas mais conhecidas do curso, tanto entre os calouros quanto entre os professores que a admiram. Uma menina mulher meiga, educada, dedicada, doce e prestativa, que despertou seu amor pela docência ainda na graduação e que, hoje, é também mestre pelo Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e cursa doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM), na Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Diferente de Deisy, que enfrentou um curso com instalações no bairro Junco, Sandy já iniciou suas aulas no novo campus, localizado no bairro Altamira. Porém, ao ingressar, Sandy conta que a estrutura ainda carecia de ajustes.

“Nem todas as salas tinham ar condicionado. O data show, por exemplo, era disponibilizado pelo próprio professor, sendo que cada um [professor] tinha que levar o seu ou a turma precisaria reservar o aparelho da instituição. Muita coisa da obra não estava pronta... não foi fácil”, ressalta Sandy.

Apesar de não ter sido fácil, para aquele primeiro momento, o curso se ajustava em seu próprio lugar, onde a partir de então passaria a construir sua própria história. Sandy

relata sua participação ativa no curso, seja em eventos científicos ou mesmo nas pautas de mobilização social, como as greves.

“A minha relação com a instituição e o curso foi e é muito intensa, vivenciei cada semestre do curso. Além do básico, que é ser estudante, participei de movimentos estudantis, greve, movimento feminista, organização de eventos, tanto na área do Jornalismo, quanto em parceria com os outros cursos. Fiz cerimonial de eventos, consegui fazer estágio e contatos nas diversas áreas do Jornalismo”, destaca Sandy.

As greves, que são um instrumento para que trabalhadores, resguardados pela constituição, lutem por melhorias, sempre estiveram presentes na educação piauiense. Durante sua passagem pelo curso de Comunicação Social, Sandy destaca a greve de 2016, um momento em que ela reivindicou melhores condições para a universidade, mas também exercitou pautas já debatidas em sala como o feminismo.

“Em 2016, estive na linha de frente da greve dos professores, técnicos e estudantes. Nesta época, pedimos por concurso público, aumento de vagas das bolsas trabalhos, auxílio alimentação e moradia, progressão dos professores e melhorias dos campos. Participei ainda da escrita do PDI [Plano de Desenvolvimento Institucional] do campus. No mesmo ano e fruto de abuso sexual que ocorreu no movimento de greve, iniciamos um movimento feminista. Criamos o coletivo GraçIones, para reivindicar pautas femininas e direitos dentro e fora da universidade”, relembra Sandy.

No jornalismo, ela estagiou no Portal Integração (Oeiras-PI), Band Piauí (Teresina-Pi), Rádio Cultura, Rádio Guaribas, Rádio Cidade Modelo (Picos-PI) e Portal/ Jornal *O Dia* (Teresina-PI), entre outros. Como você pode ler (desejo que tenha a honra de assim como

eu, poder conhecer), uma mulher e tanto, enquanto pessoa, profissional e pesquisadora, fruto do curso de jornalismo em Picos - para o mundo, que certamente retornará ao campus, transmitindo seu legado de geração a gerações, assim como outros, pois a boa filha à casa também retorna.

Sandy revela que, no período de 2015 a 2021, não teve acesso à iniciação científica e à pesquisa, mas percebe que é uma realidade que tem sido modificada no curso.

“Eu finalizei o curso de jornalismo, em 2018, e, nesta época, a realidade do curso era composta da seguinte maneira: tínhamos apenas alguns professores concursados, onde alguns estavam ‘emprestados’ ou afastados do campus de Picos. Então, os professores substitutos não tinham tempo e incentivo para realizar grupos de pesquisa. Hoje, sei que essa realidade vem sendo modificada e fico muito feliz, pois senti muita falta durante a minha graduação”, ressalta ela em sua fala.

*No dia 21 de setembro de 2020, além de completar seu aniversário de 25 anos, Sandy lançou o livro "Mãos que trazem à luz: memórias das parteiras de Oeiras-PI", oriundo de sua pesquisa de TCC, do curso de Jornalismo da Uespi de Picos-PI.
Foto: Reprodução/Instagram.*



Sandy também fez parte do grupo de alunos que teve que mudar de cidade para estudar. Com gastos custeados pela mãe e pelo auxílio moradia que conseguiu receber na Uespi, ela conta que, apesar das dificuldades, o curso foi importante para ampliar sua visão de mundo.

“Além das questões financeiras, a falta de professor, [pouco] incentivo à pesquisa e até laboratórios eram preocupantes. No início, não tínhamos câmeras para fazer aulas práticas de fotojornalismo e telejornalismo, o que dificultava o aprendizado. Para driblar a falta de equipamentos fazíamos com frequência oficinas com profissionais, para poder ter mais oportunidades de aprendizado. O curso mudou a minha vida, visão de mundo e me deu a oportunidade de conhecer pessoas maravilhosas. Atualmente, meu contato é mais indireto com os estudantes e professores. E quem sabe em um futuro próximo, retorne como docente”, otimiza Sandy.

De geração a gerações: “aula de Jaque”

Jaqueline da Silva Torres Cardoso é uma das professoras e inspirações do curso de comunicação e de jornalismo. Sim, os dois, afinal ela é professora desde 2006, quando o curso resistia, mesmo com as suas dificuldades, e tinha grade diferente. Formada em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e propaganda pelo Centro de Ensino Unificado de Teresina (CEUT), em 2002, ela deixou a vida na capital para fazer a vida “nos Picos”.

Também com um vasto currículo, a área de atuação da professora Jaque, carinhosamente como a chamamos, dentro do campo da pesquisa e do Jornalismo, é a Antropologia, uma área que, segundo ela, foi possível através do seu doutorado. Jaqueline estuda a antropologia relacionada ao jornalismo das práticas etnográficas. Sua linha de pesquisa é cercada por essa área focando também nas comunidades tradicionais, especificamente as comunidades quilombolas e a relação dessas comunidades com a Folkcomunicação, sobre as práticas midiáticas.

Com quase duas décadas como professora da Uespi (ingressou em 2006), Jaqueline Torres ressalta que a sua transformação na casa não foi apenas profissional, mas pessoal.

“Nesses anos, eu pude me qualificar profissionalmente e melhorar como pessoa, pois a cada volta minha, depois de terminar a especialização, falo isso também depois de terminar o mestrado, o doutorado, a gente vem com outra bagagem e com outra perspectiva e que a gente quer compartilhar com o alunado. Quando a gente retorna com essa bagagem, vê um outro perfil de aluno, que também compartilha suas experiências. Eu acho que isso é o que engrandece tanto o professor como a própria instituição, como o próprio curso”, suspira Jaqueline, que já formou muitos jornalistas em Picos.



Jaqueline Cardoso, a quarta pessoa da esquerda para a direita, acompanhada dos demais professores, prontos para a Colação de Grau da 3ª turma do Bacharelado em Jornalismo, em 2022.

Foto: Reprodução/Instagram.

Hoje, lecionando em um espaço diferente da época em que a Uespi de Picos não tinha uma sede própria que contemplasse adequadamente os cursos, Jaqueline destaca que a inserção da pesquisa não foi algo instantâneo no curso de Comunicação de Picos. Enquanto outros cursos “brigavam” pela pesquisa, a estrutura física era um degrau importante para se fazer ensino e pesquisa em Picos.



Jaqueline Cardoso, durante a IV Semana de Comunicação Social, em 2023.

Foto: Arquivo da Ascom UESPI

“Como é que nós íamos trabalhar a questão de pesquisa? Como é que nós íamos trabalhar a questão de grupos de estudo? Debater textos, discutir textos e participar de reuniões?!... se nós não tínhamos nenhum espaço físico para isso? A própria biblioteca passou um tempo com os livros todos encaixotados. Então, a ausência total de qualquer tipo de laboratório para qualquer curso, não só para o curso de de jornalismo. Eu acho que foi o período mais difícil para nós”, suspira tristonha, mas reconhece que o curso, atualmente, vive a sua melhor fase, com ensino, pesquisa e extensão fortalecidos.

Trajatória adentro: entre memórias e curiosidades

Mikaelly Nagyla da Silva Santos

Thaila Vitória Santos Vieira

Vinícius da Silva Coutinho

Nesta seção, apresentamos memórias de curiosidades que marcaram a história do Curso de Jornalismo da Uespi de Picos. Utilizamos-nos do formato textual jornalístico denominado nota, apropriando-nos desse estilo de escrita e organização de informações. As curiosidades estão dispostas de forma cronológica e mostram a evolução do curso até o presente.

Para a construção, os dados foram levantados a partir de pesquisas bibliográficas e documentais, como também, de campo, pela observação e pela comunicação interpessoal marcada pela oralidade na própria vivência dos estudantes na ambiência desse curso de formação. Um adendo necessário: esses acontecimentos não são únicos, nem totalizadores, mas são alguns dos restos de memória que chegaram a nós, nesse tempo, e que consideramos interessantes de serem salvaguardados.

Aprecie, divirta-se e lembre com a gente!

O Início

Em agosto de 2002, o Campus Professor Barros Araújo, da Universidade Estadual do Piauí, recebeu a primeira turma no Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Relações Públicas, até então, o único de todo o interior do Piauí. No primeiro

vestibular, o edital publicado em setembro de 2001 ofereceu 40 vagas para o Curso de Comunicação Social em Picos, no turno da tarde. Foram 182 candidatos inscritos, o que caracterizou uma concorrência de 4,5 candidatos por vaga. O Curso foi criado para atender à necessidade de formar profissionais na área e foi reivindicado por pessoas que trabalhavam nos meios de comunicação da região semiárida piauiense, mas que não tinham formação acadêmica.

Parcerias para o início

A Uespi fez parcerias com prefeituras da região para viabilizar a implantação do curso. Parte das vagas da primeira turma foi direcionada ao que hoje conhecemos como cotas dessas instituições parceiras; a outra parte, por ampla concorrência. Desse modo, as prefeituras pagavam mensalidades à universidade para ajudar a custear o funcionamento do curso de formação. Por outro lado, a instituição de ensino superior destinava algumas vagas específicas para cada prefeitura, assim, os candidatos desses municípios concorriam apenas a essas vagas.

Primeiras relações públicas de Picos

A primeira turma de Comunicação Social concluiu o curso apenas com a habilitação de Jornalismo. Somente a partir da segunda turma, os formandos optaram por continuar por mais dois semestres para a conclusão da segunda habilitação do mesmo curso, a de Relações Públicas (RP). O curioso é que esse grupo de estudantes de RP só contava com três alunos: Ruthy Costa (a nossa tia Ruthy), Simoni Portela e Richardy Leal, os primeiros relações públicas da nossa Uespi-Picos.

Dificuldades no percurso

No desenrolar desse tempo, o curso passou por dificuldades para se manter. A carência se evidenciava na estrutura, com poucos laboratórios, e, principalmente, na ausência de professores com formação em Comunicação Social para atender à demanda que surgiu com a implantação. Por conta disso, não houve oferta de turmas anualmente ao longo desses 20 anos, como seria comum em outras formações, mas existiram grandes intervalos entre uma turma e outra, na perspectiva de melhorias estruturais.

Reconhecimento do Curso

O curso de Comunicação Social da Uespi de Picos foi reconhecido pela primeira vez em 2006, pelo Conselho Estadual de Educação, na Resolução CEE Número 187/2006. Em tese, o processo de avaliação levou em consideração aspectos, como ensino, pesquisa, extensão, responsabilidade social, gestão da instituição e corpo docente. Os dados obtidos são úteis para a sociedade, especialmente aos estudantes, como referência quanto às condições do curso e da instituição. O reconhecimento do curso permitiu que a graduação tivesse validade de forma oficial no país, assim como no mercado de trabalho. Foi um grande passo.

Eventos

O Curso sempre foi marcado pela realização de eventos. O primeiro foi o Seminário de Jornalismo de Picos (SEJOPI), que contou com a presença de Roberto Cabrini, no ano de 2003. De lá para cá, muitos outros aconteceram, mas um deles tem marcado o nosso tempo de 2018 para cá, quando a comunidade acadêmica passou a realizar anualmente a *Semana de Comunicação* da Uespi de Picos-PI. O evento é organizado por docentes e discentes e discute temáticas relacionadas ao jornalismo e à comunicação, as quais

conversam com a comunidade. Oficinas, palestras, mesas redondas e apresentações de trabalhos marcam o evento, ano a ano.

Líder de mercado

Que os uespianos estão no mercado de trabalho piauiense não é novidade. Desde que o curso foi implantado, as práticas de comunicação midiática têm sido marcadas pela formação em jornalismo. Quer ver só? Dá uma olhada no campo das nossas TVs. A TV Picos, a primeira televisão de Picos-PI, tem, em seu quadro, muitos jornalistas oriundos da nossa Uespi, desde o diretor de jornalismo, passando por produtores, editores, repórteres e repórteres cinematográficos. De forma semelhante acontece no quadro de profissionais da recém-chegada TV Cidade Verde de Picos, muitos jornalistas formados no primeiro curso estão fomentando a comunicação em todos os setores do telejornalismo. Outra: a equipe de correspondentes da Rede Clube, nessa cidade, também é composta por egressos da Uespi de Picos. Podemos falar em líderes de mercado?!

Foram e voltaram

As professoras efetivas Mayara Ferreira e Ruthy Costa foram estudantes do Curso de Jornalismo da Uespi de Picos, e, hoje, atuam como professoras efetivas do curso. Além delas, Jailson Dias de Oliveira, que foi aluno e voltou como professor substituto, durante os anos de 2009 a 2011, voltou à casa em 2023 e Edvan Luiz foi egresso da primeira turma, e professor de outras, entre 2015 e 2019, e, agora, em 2024.

Visita técnica

Na trajetória do nosso curso, visitas técnicas às redações de jornalismo são comuns, entre Picos e a capital Teresina. Uma delas foi marcante, porque aconteceu em

Recife-PE. Em novembro de 2018, estudantes foram conhecer a sede da Globo Nordeste na capital pernambucana. A mobilização e a supervisão ficaram por conta do professor e egresso de jornalismo, à época também coordenador, Edvan Luiz.

A primeira liga

Em junho de 2019 foi criada a primeira Liga Acadêmica do Curso Jornalismo, que realiza estudos, pesquisas e atividades extensionistas envolvendo os eixos de jornalismo, educação e memória. A liga tem o propósito de promover a extensão e a produção científica, por meio de atitudes problematizadoras referentes às interconexões entre diferentes áreas do saber, especificamente, jornalismo, educação e memória. Assim, sua proposta é interdisciplinar no sentido de dialogar sobre os campos que lhe dão nome - jornalismo e a educação sob o âmbito da memória.

Pauta de pesquisa

A trajetória do Curso de Jornalismo da nossa Universidade virou pauta de pesquisa. Quando do seu doutoramento, entre 2019 e 2022, a professora e egressa do mesmo curso, Mayara Sousa Ferreira, estudou nossas memórias, nossa história, nossas práticas educativas e teceu análises sobre o ensino de jornalismo no Piauí. Estudantes de graduação também estudaram (e estudam) nosso curso, como Danielly Duarte e Silva, da sétima turma. Nosso curso foi objeto de pesquisa científica em nível de pós-graduação, como também em nível de graduação.

Superpoderosas

O Curso conta com uma forte presença feminina no quadro de professores efetivos. Cerca de 80% do quadro de docentes de Jornalismo é composto por mulheres. Entre os

anos 2019 e 2021, o curso se manteve em funcionamento com a presença das professoras efetivas Mayara Ferreira, Lana Krisna e Thamyres Sousa. Na época, Jaqueline Torres, também professora efetiva do curso, estava afastada para o doutoramento e o outro professor efetivo, Evandro Alberto, atuava como docente e como vice-reitor da instituição. A nota já estava redigida, mas nossas editoras pediram para acrescentar que o curso tem mais uma professora efetiva: Ruthy Costa voltou para ficar.

Jornalista na reitoria

O atual reitor da Universidade Estadual do Piauí (Uespi) faz parte do quadro de professores efetivos do Curso de Jornalismo. Evandro Alberto de Sousa consta no quadro de professores desde o início, quando atuou como professor substituto, saindo em 2006 e voltando em 2012, como efetivo. Desde então, percorreu cargos de gestão na Universidade, passando pela coordenação de curso, direção de campus, vice-reitoria até chegar à reitoria, no ano de 2021.

Primeiro livro lançado pelo curso

O curso tem se destacado recentemente com a publicação de livros, com o protagonismo de estudantes de graduação. O lançamento do livro [“Comunicação comunitária e pandemia no sertão do Piauí⁴”](#) aconteceu no dia 25 de maio de 2022 de forma online. Organizada pelos professores Evandro Alberto de Sousa e Orlando Maurício de Carvalho Berti e por mais 16 alunos da Universidade Estadual do Piauí, Campus Professor Barros Araújo, em Picos, a publicação foi feita pela EdUespi – Editora da Universidade Estadual do Piauí. O livro é composto por sete capítulos, cada um pensando em um grupo

⁴ Acesse o Livro **Comunicação comunitária e pandemia no sertão do Piauí** disponível neste [link](#).

social do Sertão do Piauí. A elaboração, ação, correção, editoração e publicação aconteceu no intervalo de mais de um ano.

Nasce outro livro (na pandemia)

Os docentes Evandro Alberto de Sousa e Orlando Maurício de Carvalho Berti alavancaram outra produção. Junto com os discentes Ana Caroline de Oliveira Moraes, Géssica Lima Feitosa Dos Santos, Luana de Sousa Rodrigues Moura, Myvrian Hazy Braga de Araújo e Vinícius da Silva Coutinho pesquisaram e produziram o livro “Radiojornalismo e pandemia no sertão central do Piauí”⁵. A obra foi lançada no dia 22 de junho de 2021, em live transmitida pelo YouTube, e aborda o processo de mediação informacional radiojornalística durante o período da pandemia no Sertão Central do Piauí, bem como discute esses ocorridos com os profissionais da linha de frente informacional e as emissoras, como também os que fazem esse tipo de comunicação via podcast e, com isso, oferece respostas e reflexões sociais sobre o radiojornalismo e suas faces e interfaces.

Um é pouco, dois é bom e três é bom demais

O livro “*Jornalismo, educação e memória: um diálogo possível*”⁶ foi lançado em 22 de dezembro de 2021, durante a IV Semana de Comunicação Social da Uespi. A obra é fruto do trabalho desenvolvido na Liga Acadêmica de Jornalismo, Educação e Memória (Joeme). O livro conta com organização das docentes Mayara Ferreira e Thamyres Sousa, além dos discentes Vinícius Coutinho e Luana Rodrigues. A publicação foi feita pela EdUespi –

⁵ Acesse o Livro **Radiojornalismo e pandemia no sertão central do Piauí** disponível neste [link](#).

⁶ Acesse o livro **Jornalismo, educação e memória: um diálogo possível** gratuitamente [aqui](#).

Editora da Universidade Estadual do Piauí. Dividida em duas partes, na primeira, o leitor encontra trabalhos que versam sobre educação, sempre conectados à memória; na segunda parte, o foco é o jornalismo como lugar de memória.

Frutos dos esforços... o prêmio vai para o sertão do Piauí

Em agosto de 2021, os estudantes do curso de Jornalismo da Uespi de Picos, Vinícius da Silva Coutinho e Sheron Weide Alves Ferreira, foram finalistas da 6ª edição do Prêmio José Marques de Melo de Estímulo à Memória da Mídia, durante o XIII Encontro Nacional de História da Mídia (ALCAR 2021). Em dezembro do mesmo ano, o estudante Vinícius Coutinho garantiu também o 1º lugar na área de Ciências Sociais e Aplicadas durante o XX Seminário de Iniciação Científica da Uespi. Os dois prêmios foram frutos de pesquisas do PIBIC-ICV. Já em 2022, a estudante Iaquelly de Sousa conquistou Menção Honrosa ao apresentar resultados de sua pesquisa de PIBIC-V durante o XXI Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo (Enejor). Quem planta, colhe, não é mesmo?

ComTransformação (COTA)

Em maio de 2022, o curso ganhou mais um grupo de pesquisa, o COTA ou ComTransformação, idealizado pelo professor substituto Flávio Santana. O grupo trabalha temáticas relacionadas à comunicação comunitária, popular e folkcomunicação como ferramentas de transformação social. Mais uma turma pensando na comunicação em nosso meio.

Hemeroteca: Um lugar de memória do Jornalismo de Picos-PI

Em fevereiro de 2023, idealizado pelas professoras Mayara Ferreira e Thamyres Sousa, surgiu o projeto HEMEROTECA. A ideia veio da carência de estudantes do próprio

curso de jornalismo ao não encontrarem dados ou informações sobre a história de Picos. O grupo trabalha a temática de memória e tem criado uma hemeroteca em cima da coleta de revistas, jornais, fotografias, conteúdo radiofônico e audiovisual. Ganha a universidade, ganha a comunidade.

Labcom: Laboratório de Comunicação

O Projeto LabCom é uma iniciativa da Universidade Estadual do Piauí (Uespi), idealizado pelas professoras e orientadoras Ruthy Manuella e Mayara Ferreira. Este projeto de assessoria se destaca por sua abordagem especializada em diferentes áreas, sendo dividido em nichos que englobam matérias jornalísticas, artes visuais, produção audiovisual e sonora. Com uma equipe dedicada e criativa, o projeto LabCom busca oferecer serviços personalizados e de alta qualidade em cada uma dessas vertentes, atendendo às necessidades específicas dos projetos universitários e produzindo soluções inovadoras em seus projetos. Desejamos que o projeto tenha vida longa!

Jornalismo destaque nos eventos

Em 2022, na edição do XXII Encontro de Ciências da Comunicação na Região Nordeste (INTERCOM NORDESTE), todas as pesquisas do Piauí em nível de graduação apresentadas durante o evento foram oriundas do Curso de Jornalismo da Uespi de Picos. Destaque nos eventos!

Que memórias os documentos contam?

Erika Ravena da Silva Alves

Qual poderia ser a relação entre documentos preservados e uma possível memória sobre a história do curso de jornalismo da Uespi de Picos? Querido leitor, registros ou marcas de um determinado período da vida de um grupo social podem nos ajudar a compreender fatos e aspectos dessa determinada conjuntura/momento. Isto é, por meio de arquivos documentais, como por exemplo, memorandos, atas, decretos, resoluções e notícias podemos entender um pouco do contexto histórico da Uespi, especificamente do curso de Jornalismo.

De acordo com o estudioso Pierre Nora (1993, p. 7), “há locais de memória porque não há mais meios de memória”. Esses locais de memória seriam, então, como vestígios de uma realidade social que não existe mais. Para Nora (1993), sentimos uma necessidade de resguardar e criar arquivos. “Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são marcos de uma outra era, das ilusões de eternidade” (NORA, 1993, p. 13). Esses elementos seriam marcos de uma conjuntura passada. O estudioso também reflete que a história seria uma espécie de reconstituição do passado.

Neste tópico, convidamos você a conhecer um pouco da história do curso de jornalismo da Uespi, Campus de Picos, por meio de alguns documentos, isto é, de arquivos que fizeram parte desta trajetória. Reunimos aqui documentos que

marcaram/registram momentos primordiais dessa história. Embora sejam poucos, eles trazem alguma representatividade, afinal, nossa sociedade valoriza as memórias conservadas por meio da escrita.

Os listados abaixo foram escolhidos para comporem esta subseção por estarem disponíveis até os nossos dias. Mas é necessário ressaltar o caráter lacunar dos documentos. Eles são apenas recortes de um tempo, de algo que se quis que fosse preservado.

São eles:

- Resolução CONSUN 38/2001 que cria o curso
- Decreto nº 12.256
- Notícia sobre o primeiro laboratório do curso
- Primeiro jornal laboratório
- Notícia sobre os 15 anos do curso de Comunicação social da Uespi de Picos



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CONSELHO UNIVERSITÁRIO - CONSUN

RESOLUÇÃO CONSUN Nº 38/2001

Teresina, 29 de outubro 2001

O Conselho Universitário da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, no uso de suas atribuições legais, considerando deliberação do CONSUN em 02/08/2001,

RESOLVE,

Art 1º - Autorizar o funcionamento do Curso de **Bacharelado em Comunicação Social** previsto no EDITAL Nº 02/2001, ministrado pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI.

Art. 2º - Esta Resolução entra em vigor nesta data, retroagindo seus efeitos a 29/08/2000.

COMUNIQUE - SE E CUMPRA - SE


JÔNATHAS DE BARROS NUNES
PRESIDENTE DO CONSUN

Jornal Laboratório do Curso de Comunicação Social - UESPI/Picos

Antenando

Nº 1
Ano I
28/10/05

Picos ganha a sua primeira TV local

Foto Lucilene Jesus



Estúdio da TV Picos no Bairro Arrolândia

O Governo do Estado de Piauí, através da Fundação Antares, investiu cerca de US\$ 100 mil na instalação da TV Picos, valor correspondente a mais de R\$ 400 mil. A emissora, inaugurada dia 25 de outubro, conta com equipamentos de última geração.

A TV Picos já pode ser captada no canal 13, mas, para isso, é necessário desligar a antena parabólica. A emissora repetirá o sinal da TV Cultura de São Paulo e alguns programas da TV Antares de Teresina.

De início, estão previstos cinco programas, dentre eles um noticiário em português. Para, um programa em espanhol, um programa universitário. *Página 07*

- SIGET/SENAT promove cursos de capacitação *Página 01*
- Picos ganha internet grátis *Página 04*
- Ideias de Picos ganham conselho municipal *Página 05*
- Prefeitura lança filme no interior do semi-árido *Página 11*
- Rio-Grandense se atualiza *Página 12*

UFPI de Picos terá sete novas opções de cursos

Foto Lucilene Jesus



Representantes políticos

Agora é oficial o campus da Universidade Federal do Piauí (UFPI) em Picos, via internet a inauguração de sete novas opções. O governador Wellington Dias (PT), juntamente com o reitor da UFPI, Luiz Inácio Lula e com o chefe do departamento de Ensino Superior do Ministério da Educação, Manoel Pellegrini, apresentaram no campus inaugurado em Junho o padrão de expansão e interligação de ensino superior do governo federal no estado do

Piauí.

O campus ocupado pela Fundação Antares abrigará cursos de Licenciatura em Pedagogia, Letras, Estatística Social e Comércio. Atualmente no campus de Picos, há apenas o curso de Licenciatura em Física em Letras e Pedagogia, com 600 alunos. O projeto prevê a criação de 23 cursos em nível de graduação.

Página 08

Anunciado pólo de negócios para cidade de Picos

Durante a II Feira (Semana de Desenvolvimento Industrial e Comercial), realizada dia 17 de setembro, no prédio do Anep - Associação Comercial e Industrial de Picos -, foi apresentado e entregue aos representantes do Governo Estadual, Municipal e dos Empresários, um projeto para criação do Pólo de Negócios da Cidade de Picos, que deverá ser entregue também ao Ministério das Cidades do Governo Lula. O documento foi elaborado através de uma parceria entre o economista da Fundação Joaquim Nabuco, o pioneiro Ilton Duarte Santos e os membros do Anep. *Página 03*

Saúde

Clisam é referência em atendimento

A primeira clínica do Nordeste dedicada especificamente ao atendimento de mulheres está em Picos. A Clínica Integrada de Saúde da Mulher (CLISAM), inaugurada em junho deste ano, serve como centro de referência para 50 municípios da macroregião piauiense e emprega cerca de 150 profissionais. Para o pioneiro no atendimento no setor por ter um funcionamento prioritário às necessidades de saúde da mulher. *Página 04*

Foto Lucilene Jesus



Clínica Integrada de Saúde da Mulher

Antenando foi o primeiro jornal-laboratório da Uespi de Picos. O jornal era impresso e tinha editorias como: opinião, política, cidade, interior, entrevista, especial, economia, educação, cidadania, cultura e geral. Ele foi produzido pelos primeiros estudantes do curso em Picos, sob a orientação de professores.

Governo do Estado do Piauí 07/06/2021 21:34

www.piaui.pi.gov.br

Uespi inaugura laboratórios no Campus de Picos

22/05/2007 07:56
por Antônio Alencar

Foto: Divulgação

Dando procedimento à política institucional de melhoria do ensino, pesquisa, extensão e infraestrutura da Universidade Estadual do Piauí (Uespi), o reitor em exercício, professor Carlos Alberto, inaugura, no dia 25 deste mês, a partir das 17h, os laboratórios de Multimídia, Contábil - Escritório Modelo e o de Informática do Campus de Picos. O investimento é de cerca de R\$ 120 mil, oriundos de emenda parlamentar de autoria do deputado federal Nazareno Fonteles (PT), bem como do tesouro da Universidade. A inauguração contará com a presença do parlamentar, além de autoridades locais, professores, funcionários do quadro técnico-administrativo e de alunos.



Carlos Alberto

Além das inaugurações em Picos, outras obras encontram-se em andamento pelo interior do Estado, por exemplo, do auditório do Campus de Piri-piri, que já foi contemplado com um laboratório de Informática, onde serão investidos R\$ 220 mil. Ainda em Piri-piri, o Campus terá sua biblioteca ampliada, o que significa outro investimento no valor de R\$ 44 mil. O recurso, ora investido, é de emenda parlamentar proposta pelo então deputado federal Símplicio Mário ao Orçamento da União. O Campus de Parnaíba, também, recebeu investimentos com a inauguração de um laboratório de Informática e, ainda, este ano ganhará um Apiário-Escola, além da estruturação do Laboratório de Química e Físico-química, que implica em um investimento de R\$ 95 mil.

Recentemente, o Campus Poeta Torquato Neto, em Teresina, foi contemplado com três laboratórios beneficiando os cursos de Comunicação Social, Ciências Contábeis e Engenharia Elétrica. O Campus Clóvis Moura, também de Teresina, recebeu um auditório, reforma e ampliação de sua biblioteca. Além disso, o Campus Heróis do Jenipapo, de Campo Maior, teve seu laboratório de Informática inaugurado. Todas essas inaugurações fazem parte dos esforços da Administração Superior da Instituição em melhorar mais ainda os serviços prestados à população, tendo à frente a reitora, professora Valéria Madeira.



Endereço da página:
<http://www.piaui.pi.gov.br/materia.php?id=24084>


<http://www.com.pi.gov.br/imprensa.php?id=24084> Página 1 de 1

Notícia do site do Governo do Estado do Piauí sobre a inauguração dos laboratórios de multimídia, contábil e informática da Uespi de Picos, em 2007. O laboratório de Multimídia foi o primeiro do curso de comunicação social da Uespi, campus de Picos, cinco anos após a criação do curso.

[Destques](#) [Todas as Notícias](#)

Curso de Comunicação Social da UESPI de Picos comemora 15 anos de existência e atuação

 Romário Mendes · 5 de dezembro de 2017  18

 UESPI de Picos

Usamos cookies em nosso site para fornecer a você a experiência mais relevante, lembrando suas preferências e visitas repetidas. Ao clicar em "Aceitar", você concorda com o uso de **TODOS** os cookies.

[Configurações de cookies](#)

Notícia do Portal Riachãonet sobre os 15 anos do curso de Comunicação Social da Uespi de Picos. Registrar por meio de produções jornalísticas comemorações como essas pode ajudar no futuro a relembrar e tentar conhecer um pouco desses momentos, isto é, o jornalismo também pode ser um lugar de memória.

DE ALUNOS A PROFESSORES

O curso de Jornalismo na Uespi plantou várias sementes no seu início. Sementes essas que, ao longo dos anos, foram e ainda estão sendo cuidadas para crescer e florescer. Quando falamos para alguém “Eu curso jornalismo”, imediatamente vem a indagação “Você quer ir para a Globo?” seguida da frase “Quero te ver apresentando o Jornal Nacional”, frases muito comuns, ouvidas por estudantes do curso, mas que, sem querer desmerecer a Rede Globo, não representam a principal meta nem sequer a mais presente na lista de quem optou por cursar comunicação ou jornalismo.

Existem vários jeitos de se mudar e contribuir com o mundo, uma delas é através da educação. Por que não ser professor?! Docentes que um dia já foram discentes e que tiveram sua vida transformada pelo impacto da educação e do conhecimento, discentes que chegaram no ensino superior imaginando que iriam atuar no mercado de trabalho da comunicação, e acabaram se apaixonando pela arte de ensinar e contribuir. Se eu (Thaila Vitória), pudesse definir a palavra “Docente” em apenas uma seria com certeza seria “contribuição”.

Nesta seção, você acompanha reportagens e entrevistas com ex-alunos do curso de Comunicação Social da Uespi Picos, que voltaram como professores. Nossos editores já apuraram que tem mais gente querendo crescer essa lista.

Sonho gerado, nutrido e realizado: professora Mayara Sousa Ferreira

Myvrian Hazy Braga de Araújo

Era uma tarde calorosa, assim como a maioria das tardes picoenses. Eu estava perdida pela Uespi, mas encontrei um rosto familiar, me lembrei da foto de posse das novas professoras do curso de Jornalismo da Uespi de Picos. Uma delas era a professora Mayara Ferreira. Falei algo como “conheço você da foto, você é uma das novas professoras do curso de Jornalismo”. Eu ainda um pouco perdida, mas professora Mayara sendo ela mesma (risos). Começava ali um novo ciclo no curso de jornalismo da Uespi. A recém empossada professora da Uespi, assumiu a disciplina de Realidade Política e Econômica do Brasil e Piauí, na minha turma do bloco 02.



Mayara Ferreira

Ilustração: Myvrian Braga

Logo na apresentação, Mayara se emociona ao contar um resumo de sua história para chegar até ali. O curso de Jornalismo da Uespi que, recentemente (2022), fez 20 anos guarda em suas memórias uma parte da história de vida desta professora que, ainda aluna, decidiu que voltaria a lecionar na casa que lhe garantiu a inserção no ensino superior. Naquele momento, minha turma presenciou a história do curso se confundir com a história de vida de alguém.

Na disciplina de Jornalismo Digital e Plataformas Multimídias, a última atividade era de tema livre. Era a oportunidade que eu tinha de pesquisar e escrever sobre o que eu gostava, então fui pesquisar histórias. Pensei na professora Mayara, que havia me emocionado naquela aula. Vou te contar o que encontrei nessa história...

A maior inspiração...

As boas histórias, muitas vezes, seguem a ordem cronológica. Mais importante do que chegar ao hoje é compreender o início da trajetória de Mayara. Quando começou o gosto de Mayara pela educação e pelo ambiente acadêmico? A culpa (no bom sentido) é de Dona Marily Pacheco de Sousa Ferreira, sua mãe. Nascida na pacata São José do Piauí (que está a 30 km de distância de Picos), Dona Marily destoou do costume da época de sua cidade em que as meninas se casavam aos 16 anos. Marily foi estudar e deixou o casamento para depois do curso da Escola Normal Oficial de Picos. Foi uma revolução para a família e para a época, mas ali se iniciava uma nova trajetória para os futuros Sousa Ferreira.

Mayara teve a mãe e professora como inspiração. Marily conta que, ainda pequena, a hoje professora da Uespi, brincava de boneca, distraía-se e deixava o arroz queimar. Na época, Marily ficava fora de casa por alguns dias para fazer sua graduação e continuar seus estudos. Na tentativa de amenizar a ausência que as horas de estudo exigiam da rotina materna, as idas à universidade contavam como passeio para a “cria”. Mayara fala sobre ir algumas vezes à Universidade com sua mãe. “Eu amava!”, relata.

Via a rotina de pacotes de provas para corrigir, os finais de semana comprometidos e as dificuldades, mas também ouviu falar sobre a mágica da sala de aula. “Mãe sempre falava isso. Não importa qual seu problema, mas ao entrar na sala de aula o problema fica da porta pra fora”, lembra.

A sala de aula, o convívio no ambiente escolar/universitário, é um lugar onde podemos nos sentir acolhidos. Mayara foi se inspirando e querendo provar a ‘mágica’ que, insistentemente, era mencionada pela mãe. Apesar dos trabalhos e de uma rotina atribulada, Mayara se pega sentindo essa mágica.

“O dia estava corrido. Acordei com vontade de chorar. [...] Depois da mesa do Projeto Diálogos Comunicacionais eu pensei... Eu tô me sentindo tão bem. Que bom que eu estou fazendo isso. Porque é isso mesmo o que eu queria pra mim”, desabafa.

Mayara via o brilho de Dona Marily, que sempre tentava fazer diferente e encontrar motivação, mesmo nas dificuldades. Além da casa, as duas dividiam também a rotina na escola. Lá, a Mayara aluna via também a sua mãe ser uma professora querida.

1ª Entrevista com Profa Mayara

Lembro de ir entrevistá-la em seu trabalho pela manhã na Coordenadoria de Comunicação da Prefeitura de Picos. Mayara foi a primeira jornalista concursada da prefeitura de Picos e foi empossada no ano de 2017. Ela trabalhava no cargo de Jornalista da Prefeitura e conseguiu, com seus esforços, tanto a vaga do concurso, como ascender aos cargos da Coordenadoria de Comunicação. A preparação para as aulas ajudou a construir a bagagem que a professora juntou aos anos de curso e experiência de mercado para atingir a aprovação naquele concurso bastante esperado e disputado na cidade.

“Eu sei que eu passei [no concurso], porque eu sou professora, porque, diariamente, para interagir na sala de aula, eu preciso estudar e, estudando para trabalhar, eu consegui me preparar para os concursos”, declara.

Vida escolar

A menina Mayara sempre quis ir à escola. Iniciou seus estudos de forma precoce nas escolas públicas em uma cidadezinha no interior do Piauí. “A minha vida estudantil começou em São José do Piauí. Eu sou de lá, cresci lá e sempre estudei em escola pública, do ensino infantil até o ensino médio”, lembra.

Mayara conta que, no início da década de 1990, os professores não precisavam ter um ensino superior para lecionar, por isso, olha para sua vida escolar e reflete um pouco sobre a qualidade do ensino. Ao ver seus irmãos mais velhos indo à escola, ela tinha o desejo de partilhar logo desse momento. Aos quatro anos, a escola permitiu que Mayara assistisse às aulas, como ouvinte, acompanhando seu irmão Romário, que tinha idade mais próxima. “Só pra eu não perder o gosto pela escola”, lembra.

Já no início de sua vida escolar as professoras comentavam sobre a menina Mayara. “Rápido ela juntou as palavrinhas e aprendeu a ler [...] até eu ficava admirada e pensava: meu Deus, como minha filha é inteligente!”, conta dona Marily. Mayara criava até as coreografias para as apresentações no colégio. “Ela vai longe”, diziam as professoras. A mãe era suspeita para falar. Então, só ouvia, observava e, por ser de família bastante religiosa, orava.

Os anos se passaram e já era época de fazer vestibular, mas a preparação não era das melhores. Então os pais, Alcides e Marily, decidiram colocar Mayara e Romário, pois sempre estudaram juntos (mesmo com idades diferentes), para fazer um cursinho pré-vestibular na cidade de Picos. Sabe o dinheiro do lanche?! Era guardado para comprar livros, lembra dona Marily.

“Em 2007, com muita dificuldade financeira, meus pais pagaram o cursinho pré-vestibular para mim e para o meu irmão. [...] para a gente se preparar para entrar na universidade”, recorda Mayara. A concorrência para o curso de Jornalismo na Uespi era de 17 para uma vaga. Só perdia em maior concorrência para o curso de Direito, que era de 20 para uma vaga. Mayara passou em terceiro lugar para o curso de Jornalismo, mas também passou em primeiro lugar em Letras na Universidade Federal do Piauí (UFPI) e em Ciências Sociais na Universidade Regional do Cariri (URCA), em sétimo lugar. Seu desejo era Ciências Sociais, mas os pais não tinham condições de sustentar a filha em uma cidade mais distante e Mayara acabou optando pelo curso de Jornalismo. Ao entrar na Universidade, ela se deparou com outras dificuldades. Dentre elas estava a estrutura da Uespi, ou melhor dizendo, a ausência dela.

“Desde sempre eu tive essa veia de pensar em estudar e fazer pesquisa. Só que a Uespi, naquele momento, passava por dificuldades. A gente estava com o campus em construção, então, não tinha uma sala de aula para estudar, nem laboratórios. [...] Mas eu fui levando. As poucas oportunidades que eu tive dentro da universidade, eu peguei”, relembra.

As extensões e monitorias que surgiam, Mayara participava, pois seu desejo era ir além e realizar seu sonho. “Desde o momento que eu entrei na universidade, eu já sabia que eu queria voltar como professora, como docente do curso, pra trabalhar com pesquisa”, conta.

Vou te contar mais sobre o passaporte para a pesquisa... Ao terminar a graduação em 2011, ela já iniciou as seleções para o Mestrado. “Foi outra grande dificuldade pra mim”, desabafa. Para ela, assim como não teve a base escolar para entrar na universidade e foi necessário fazer um cursinho, também não teve a base da universidade para ingressar no mestrado.

Mudou de cidade, foi morar em Teresina, para trabalhar, ficar mais perto do seu objetivo e enfrentar mais uma etapa. Foram três tentativas para cursar o mestrado. Mas conseguiu! O mestrado foi em comunicação (UFPI), de 2014 a 2016, e ainda, tinha uma bolsa que ajudava nas despesas de morar em uma capital. “Ela foi de mudança só com a cara e a coragem e com uma promessa de um emprego. Nem era certo [...]. Ela não sabia de nada, nem pegar ônibus”, lembra dona Marily.

Antes mesmo de terminar o mestrado, Mayara voltou para Picos para se tornar professora da Faculdade R. Sá, uma instituição particular da cidade de Picos que também possui o curso de Jornalismo. O convite para ser professora da instituição aconteceu porque ela era a única mestranda da região na área de comunicação.

Uespi, voltei!

Mas o desejo de Mayara sempre foi voltar como docente da Uespi, lembra? “Eu quero contribuir com a mudança na minha região e eu vejo a educação como uma saída. Porque eu sempre pensei assim: eu vou me preparar, eu vou me qualificar, mas eu vou querer atuar na minha região, sertão do Piauí. Eu vejo mais sentido assim”, declara.

No concurso para professor da Uespi em 2018, Mayara passou, foi chamada, assumiu o cargo e, hoje, ministra aulas na instituição e coordena projetos de pesquisa e extensão, dentre eles a Liga Acadêmica Joeme (Jornalismo, Educação e Memória) proporcionando além de conhecimento, muitas experiências aos seus alunos. A Professora Mestre e Doutora (DOUTORA bem alto, como gritamos em nossa colação de grau), Mayara Ferreira, mostra a que veio. Ela está vivendo o seu sonho muito a sério. “É o concurso da minha vida!”, enfatiza Mayara todas as vezes que pode.

Se pudesse resumir em uma palavra o seu retorno como professora da Uespi, ela resume em SONHO (palavra repetida muitas vezes e com ênfase). “Olha, a Uespi para mim sempre foi um sonho. [...] Então, voltar para a Uespi, como professora, é a realização de um sonho. Parece clichê mesmo e é. Para mim é isso, eu estou vivendo um sonho”.

A Liga Joeme (Jornalismo, Educação e Memória) é um dos projetos de pesquisa coordenados pela professora Mayara, ou somente May, como chamam alguns alunos mais chegados (risos). Participei da Liga de 2020 a 2022 e vi outra oportunidade para continuar a contar essa história e publicar aqui no nosso e-book. Dessa vez precisei entrevistar a professora Mayara de forma virtual, já que o momento pandêmico não nos permitiu encontros “ao vivo”. Precisava atualizar algumas informações e saber como a história que comecei a contar em 2019 continua...

2ª Entrevista com a Profa. Mayara

Então, nos encontramos virtualmente pelo Google Meet e a professora Mayara me recebeu em seu escritório, com uma xícara de café, para conversarmos sobre como anda a vida de DE (dedicação exclusiva) da Mestre e, na época, quase doutora, professora Mayara Ferreira.

Cansada, mas realizada! Cansada pelo contexto de pandemia que estamos vivendo, mas realizada, pois, são 14 anos de sua vivência na Universidade como aluna, até chegar a ser professora DE. Durante esse período, Mayara buscou trabalhar no meio jornalístico com a finalidade de trazer para seus alunos as experiências das dores e dos sabores da profissão. Foram 9 anos como Jornalista Institucional, trabalhando com assessoria de comunicação.

Neste momento da nossa segunda entrevista, Profa. Mayara estava há 4 meses se dedicando somente à docência. Sabe aquela fase romântica, em que só vemos as doçuras, mesmo com as dificuldades? Pois Mayara se encontra nesta fase de realização do sonho,

que foi gerado e nutrido durante toda sua vida. Foi onde fiquei sabendo mais sobre sua mãe, dona Marily, e sobre o início da “Mayara Pesquisadora”.

Passaporte para a pesquisa

Em meio a arrepios, Profa Mayara me contou sobre o apoio da Professora Jaqueline Torres, que era recém chegada do mestrado. “Cheguei nela, quase chorando [...], me lembro demais!, na biblioteca do campus do Junco. E contei pra ela que queria muito fazer pesquisa, que eu queria me tornar professora, que eu queria ingressar no Mestrado, mas que eu não tinha oportunidade, que eu não sabia por onde começar e eu não tinha quem me guiasse.”, rememora Mayara.

O irmão Romário vivenciava, em sua graduação na UFPI, a rotina de pesquisa que Mayara tanto queria, mas ele não tinha o objetivo do mestrado. “Quando falei isso, minha professora Jaque Torres se sensibilizou e disse que ia me ajudar”, relata.

O primeiro artigo estava pronto. O próximo passo era publicar. O evento escolhido foi o Intercom (Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação), que é um congresso que reúne pesquisadores e profissionais de comunicação todos os anos, desde 1977. Naquele ano, 2011, o evento regional aconteceu em Maceió, mas havia/há todo um custo para se inscrever e se manter na cidade durante o evento, e esse era um investimento que Mayara não tinha como fazer. Profa Jaque Torres (assim chamada carinhosamente por Mayara) colocou Mayara e mais duas amigas em seu carro, tendo seu marido como motorista, e foram para o Intercom apresentar seus artigos. Nascia ali uma pesquisadora.

“Preciso ser a Jaque Torres de outras Mayaras”

Além das disciplinas, Profa May também se dedica aos projetos de extensão onde busca proporcionar aos seus alunos as oportunidades que não teve durante seu período de estudante na Uespi. Para ingressar na docência é preciso passar por esse processo de aprender e se dedicar à pesquisa. Mas nem todos os alunos desejam esse caminho, né? Apesar disso, os projetos nos proporcionam diversos aprendizados e experiências, mesmo antes de ingressarmos no mercado de trabalho jornalístico.

Estou aqui escrevendo essa reportagem, com vários sonhos no coração, não sei se o de exercer a docência, mas sei que as experiências que tenho nos projetos de pesquisa e/ou extensão, ninguém me tira. De participar da Liga Joeme, de partilhar nossas vivências nos encontros. De organizar eventos no Projeto Diálogos Comunicacionais, além do Projeto de Assessoria em Comunicação, que tivemos em 2019. São muito mais do que horas nos certificados, são experiências para a vida profissional e pessoal.

Notas dos editores: Ainda durante o processo de organização do livro, Myvrian Braga se formou, mas continua na Uespi sendo sempre convocada para oficinas e para relatar suas experiências a quem, como ela, escolheu o jornalismo por amor.

Formação, transformação e afetividade

Transformar vidas. É sobre isso que queremos tratar e que buscamos na educação, que é um elemento formador, transformador e, também, afetivo. A educação visa transformar as realidades e mostrar caminhos para que tudo possa ser diferente. Fácil quase nunca é, mas diferente, sim.

“Eu sou professora. E tive a minha vida transformada por conta da educação. Eu estou me realizando do ponto de vista pessoal e profissional, porque a Universidade me

deu uma profissão. [...] Quando eu atuo como professora, seja em sala de aula, seja em projetos de pesquisa, seja nos projetos de extensão, é com essa intenção de ajudar na transformação dessas pessoas para que elas tenham uma oportunidade, como eu tive, porque Jaque Torres me ajudou quando voltou do Mestrado”. De aluna e professora a amigas e, hoje, colegas de trabalho.

A história continua...

“É uma honra falar da minha filha. Obrigada por abrir esse espaço para conhecer a história dela, porque acredito que é um testemunho, que pode ajudar muitas pessoas, que dizem que não conseguem, que não podem, que não tem condições financeiras. Com esse testemunho, as pessoas podem se inspirar, buscar forças para lutar e chegar onde quiserem chegar”. Nessa fala, dona Marily agradece a oportunidade de contar a história da sua filha, mas sabemos que a história continua. Ainda tem muito a se contar, momentos importantes que as entrevistadas guardam no coração. A história continua... Hoje, agradeço pela oportunidade de escrever a história da minha Profa Mayara.

A história continua... (PARTE 2)

O dia era 24 de agosto de 2022 e, em uma apresentação híbrida, sediada no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI, os familiares, amigos e alunos da primeira turma da Uespi de Picos para a qual a Profa. Mayara ministrou sua primeira aula no campus, participaram da apresentação da tese de doutorado de Mayara.

Como uma das alunas dessa turma, expresso aqui minha emoção em participar desse momento tão especial e de “concluir” esta história inspiradora, até aqui.



*Colação de Grau
Turma: “Da Uespi
pro Mundo”... Eu
vejo a Profa
Mayara super
animada aqui
nessa foto. A
gente sabia que
era uma mistura
de animação e
saúde!*

Foto: Studio Chis



*Profa. Mayara, eu e Profa.
Thamyres (minha orientadora do
TCC). Quando chamaram Profa.
Mayara para compor a mesa eu me
lembro de gritar:
“Doutoraaaaaaa!” Eu escrevi e
contei essa história inspiradora
aqui! Às vezes sentimentos
parecem ser de um idioma
desconhecido, alguns momentos
não consigo traduzir!*

Foto: Studio Chis

Memórias



Mayara, Thamyres e Lana, professoras aprovadas que assumiram o concurso da Uespi em 2018. Foi dessa foto que me lembrei quando vi Profa. Mayara pessoalmente.

Foto: Arquivo pessoal das professoras



Mayara, Aparecida e Luana. Uma lembrança do primeiro ano do primeiro projeto da LIGA Joeme. Primeiro projeto coordenado pela profa Mayara, depois que voltou para a Uespi.

Foto: Arquivo pessoal da professora Mayara



Thamyres, Mayara e eu, Myvrian. Minha linda lembrança! Primeira intervenção da LIGA Joeme na Uespi foi na Semana de Comunicação de 2019. Participei das atividades e tive mais contato com o Projeto. Hoje, distante por causa do momento de pandemia, me emociono pensando em como seria se estivéssemos todos chorando juntos kkkk... (tem lágrimas rolando aqui)
Foto: Caroline Morais



Mayara, Dona Marily e Sávio, egresso da Uespi e esposo de Mayara. Com vocês a inspiração, a dona do brilho, quem nos ensinou sobre a "mágica da sala de aula", Dona Marily.
Foto: Arquivo pessoal da professora Mayara

De aluna a professora: Ruthy Costa, a "Tia Ruthy"

Lívia Maria da Silva Costa

Quem já se formou ou ainda está concluindo a graduação em jornalismo e se encantou com a pesquisa e as questões acadêmicas do curso com certeza sonha em ser professor universitário. E como sonhar não custa nada, por que não ser professor da instituição que tanto nos acolheu? É um desejo possível que foi realizado pela professora Ruthy Costa.



Ruthy Costa, durante a IV Semana de Comunicação Social de Picos, em 2023.

Foto: Arquivo pessoal

Ela se formou em 2007 em Jornalismo e Relações Públicas, pela Universidade Estadual do Piauí – Uespi. Hoje é Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí (PPGCOM/UFPI), com pesquisa na linha de Processos e Práticas do Jornalismo. Além disso, é graduada em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual

do Piauí (2006) e divide bem as paixões entre a docência em jornalismo e o cargo de Educadora Ambiental da Secretaria de Meio Ambiente Recursos Hídricos - Prefeitura Municipal de Picos.

Além da dedicação à pesquisa que a fez tornar-se membro do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação - NUJOC/UFPI, Ruthy possui MBA em Gestão de Recursos Humanos pela FATEC Internacional; MBA em Gestão Ambiental e Desenvolvimento Sustentável pela FATEC Internacional.

Com esse currículo extenso, vamos conhecer um pouco da história da tia Ruthy, como é chamada carinhosamente pelos seus alunos. Durante 9 anos, ela foi professora substituta da Uespi e, desde 2021, passou a integrar efetivamente o quadro da instituição que a formou. Conhecedora e também autora da história do curso, ela tem muita coisa boa para nos contar. Então, pega seu cafezinho ou a bebida da sua preferência e vem conhecer um pouco de como foi esse processo de aluna a uma das professoras mais queridinhas da nossa Uespi.



Ruthy Costa ministrando aula na disciplina de Crítica da Mídia para o 5º período de jornalismo na Uespi em 2023.

Foto: Arquivo pessoal de Thaila Vitória.

Ruthy Costa e sua primeira aula presencial pós-pandemia, em maio de 2022.

Foto: Arquivo pessoal de Thaila Vitória.



Lívia Costa: Para começar vamos entender primeiro quando surgiu o desejo da tia Ruthy em cursar Jornalismo e como foi a escolha pela instituição de ensino em que iria estudar.

Professora Ruthy Costa: Bom... eu nunca fui aquela estudante ou aquela pessoa que sonhou a vida inteira com uma carreira específica de dizer: ‘Ah! eu vou ser médica, dentista, isso ou aquilo’. E na minha infância muitas profissões passavam pela minha cabeça, o jornalismo era uma delas, veterinária era outra, arquitetura... cheguei a fazer curso técnico e até a véspera do vestibular, no terceiro ano do ensino médio, eu estava mirando em arquitetura, já que eu fazia o curso técnico de edificações, mas eu sempre fui uma pessoa que sempre gostou muito de jornal, de acompanhar as notícias, uma criança que gostava de assistir jornal. Eu sentava para assistir jornal, perguntava sobre tudo.

E aí, no ano do vestibular, eu disse: "não, vou fazer é jornalismo". E todo mundo: 'ah, mas tu está fazendo um curso de edificações, na área de arquitetura e tudo mais...' É, mas eu quero fazer jornalismo". E, aí, na época, eu morava em Floriano, tinha [jornalismo] para Picos e Teresina, na Uespi de Picos e na Uespi de Teresina e na [Universidade] Federal de Teresina.

Eu nunca tinha vindo em Picos, não sabia nem para onde ficava, e então decidi ir para Picos. Nunca tive muita vontade de morar em Picos, mas eu vim para cá e só conheci Picos quando vim fazer minha matrícula. Naquela época, eram duas matrículas [presenciais], a acadêmica e a institucional que ainda continua dessa forma e a minha mãe veio fazer a matrícula porque ela ia procurar lugar para alugar e eu já vim fazer a segunda matrícula que já era para ficar. Foi o meu primeiro contato com Picos. Eu morava em Colônia do Gurguéia e fui morar em Floriano e vim para cá em 2003. A minha turma é a segunda turma de jornalismo da Uespi.

Lívia: O primeiro contato com a Universidade é sempre marcante e para você como foi esse período enquanto estudante na Uespi?

Ruthy: Meu primeiro contato foi no nosso prédio do junco, a sede antiga da Uespi e aí eu morava bem próximo. Minha mãe alugou o apartamento ali pertinho da praça do [bairro] Junco. Então, o meu primeiro contato foi quando eu vim fazer a matrícula e depois quando começaram as aulas. Para mim, era tudo muito novo: o ambiente em si, aquela curiosidade sobre as disciplinas.

Então, eu lembro de uma das primeiras coisas que eu fiz. Na época, Evandro [professor e, hoje, reitor da Uespi] já era nosso coordenador e eu lembro que ele falou sobre a grade curricular, as disciplinas. Ele deixou uma cópia na xerox e eu fui tirar essa cópia que era

para ver todas as disciplinas. Eu queria ter essa noção de todas as disciplinas que a gente ia estudar e quando cada uma delas ia acontecer. A partir daí, eu comecei a criar, realmente, as expectativas em torno dessas disciplinas, do que a gente ia estudar, sobre o que a gente ia ler e pensando também nas práticas como a gente ia colocar em prática aquelas disciplinas dentro do Jornalismo, porque sempre se tem essa ideia né?!, da figura do jornalista. Então, as minhas primeiras ideias nesse período foi ter essa dimensão do que eu ia estudar, de que tipo de conteúdo, quais disciplinas eu ia estudar.

Lívia: A gente sabe que o curso sempre enfrentou muitos desafios em relação à estrutura do prédio e dos laboratórios. Após o seu primeiro contato, foi o que você esperava? Teve alguma dificuldade durante esse período enquanto estudante?

Ruthy: Muitas! [risos] A minha é a segunda turma. Tivemos uma diferença de entrada muito pequena da primeira turma. Eles só tinham um semestre à frente da gente, não era nem um ano. Vamos começar pelas dificuldades, que eram muitas, realmente. A começar pela estrutura mesmo física, do prédio em si, a nossa estrutura de sala de aula... Nós não tínhamos laboratórios nas disciplinas que exigiam laboratórios como rádio, Tv, Web. A gente não tinha laboratório, não tinha equipamentos, a própria biblioteca naquela época era uma biblioteca bem carente de livros do nosso curso e eram poucos livros que a gente tinha nessa biblioteca.

O primeiro impacto realmente para mim foi dessa deficiência da estrutura. A maioria dos nossos professores vinha de Teresina. Tínhamos pouquíssimos professores daqui da cidade. Evandro Alberto, [hoje, reitor da Uespi] que era coordenador e também era professor e tínhamos um ou dois da área de jornalismo que moravam aqui, em Picos, e todos os outros vinham de Teresina. A gente tinha uma dificuldade muito grande pelo

deslocamento desses professores de lá para cá, semanalmente. Às vezes, tinham algum tipo de imprevisto e não conseguiam chegar para o horário da aula.

Então, existia tanto essa dificuldade em termo de estrutura física quanto também essa dificuldade em relação aos professores. Não por eles em si, mas por serem professores que precisavam vir de outra cidade para ministrar aula. No primeiro momento, claro isso me causou um certo susto, um receio, um medo de saber se aquilo ia dar certo realmente.

Lívia: Tia Ruthy, a pergunta que não quer calar agora é saber se em meio a tanta dificuldade encontrada na Uespi, naquela época, você se arrependeu em algum momento de ter escolhido Jornalismo em vez de arquitetura?

Ruthy: Jamais! [Gargalhadas de olhinhos bem apertados]. Jamais! Eu não me arrependo de ter escolhido Jornalismo, de ter ficado. Quando eu decidi realmente fazer jornalismo, eu decidi que queria aquilo para minha vida. Não foi com aquela ideia de que eu vou fazer um curso, se eu gostar bem, se eu não gostar, vou fazer outro.

Tem outro curso que eu fiz junto, eu fiz geografia junto com jornalismo e amo geografia também. Trabalho na parte ambiental até hoje, gostei muito da experiência do meu curso de geografia, mas a minha paixão pelo jornalismo é algo que eu escolhi para fazer e tive realmente a certeza de que fiz a escolha certa desde o início, mesmo diante de todas as dificuldades e não me arrependo jamais. Eu não me imagino, hoje, tendo outra profissão que não o jornalismo.

Lívia: E o desejo de ser professora, quando essa vontade despertou em você?

Ruthy: O [desejo] de ser professora eu costumo dizer que eu me tornei professora. Foi uma profissão que eu sempre admirei. Minha mãe é professora. Hoje, ela é professora

aposentada. Então, eu convivi a vida inteira nesse ambiente de trabalho de professora. Eu ia com minha mãe para escola. Quando ela fez o curso de graduação dela, eu era pequenininha, tinha cinco ou seis anos e eu ia muito com ela para a universidade quando estava no período das minhas férias. Foi algo que eu sempre admirei. Quando veio a oportunidade de fazer o primeiro processo seletivo para professor substituto da Uespi, eu era recém formada. Terminei em 2007 e aí abriu esse edital em 2008 e eu disse: “ah, vou fazer para ter a experiência de ver como é o processo seletivo”.

O curso de geografia, como era licenciatura, a gente tinha essa prática mais didática. No jornalismo, nem tanto por conta de ser bacharelado, mas na disciplina de metodologia e nos seminários eu sempre gostei. Não era aquela aluna que tinha pavor de seminário. Eu gostava [risos], inclusive, falava pelos cotovelos. Tinha seminário que os meninos tinham que ficar me cutucando ali para eu deixar tempo para os outros. Eu fiz a seleção e até aquela coisa assim: “Eu vou fazer, por fazer, mas eu não vou passar nisso, porque eu acabei de terminar a graduação”. Estava terminando a especialização que eu já havia começado enquanto estava fazendo o curso e fiz mesmo pela experiência. Quando eu vi a homologação para as inscrições que tinha mestres, eu pensei: “isso aqui não vai dar certo” [risos].

Praticamente eu não tinha currículo nenhum, a experiência que eu tinha de sala de aula era de sala de aula de ensino médio e por ter trabalhado em uma escola na parte administrativa, mas fiz, até pensei: ‘vou fazer isso não’, e uma das minhas professoras disse : “ faz... não se intimide por isso, nem que for pela experiência, mas vá”. E eu fui.

A minha aula foi maravilhosa! Eu lembro que tirei dez na aula da prova didática. Fiquei muito empolgada. Claro que fiquei com medo quando entrei na sala pela primeira vez,

porque era uma turma de relações públicas. Minha primeira turma foi uma turma de RP e que até pouco tempo eram meus colegas de curso. Claro que me deu aquele frio na barriga, mas foi uma segunda paixão dentro da área do Jornalismo, que eu disse assim: “é isso que eu quero!” [Risos]. Eu quero trabalhar no jornalismo, mas eu quero trabalhar com jornalismo sendo professora de jornalismo, estudando, ensinando, conversando com meus alunos, uma outra paixão.

Lívia: Você foi professora substituta por muitos anos na Uespi e criou uma relação de muita afetividade com a instituição. O que te fez seguir tentando os seletivos até se tornar professora efetiva?

Ruthy: Deixa eu explicar o que é o ambiente Uespi. Eu sempre digo que a paixão que a gente tem na Uespi é algo que, muitas vezes, não se vê em outras instituições de ensino. O ambiente Uespi que eu digo é o lugar em si. São as pessoas que fazem parte da Uespi, são os alunos, o pessoal do setor administrativo com quem a gente convive uma grande parte do tempo, os corredores da Uespi, as atividades que a gente desenvolve, principalmente, as vivenciadas com os nossos alunos.

A força de vontade que a gente sempre tem dos alunos também motiva muito. Tudo que a gente se propõe a fazer os alunos não tem aquela coisa, ‘ah, professora, não’. Eu sempre tive o “sim” dos alunos. Por mais desafiador que parecesse, arriscado, muitas vezes, os alunos sempre diziam ‘vai dar certo’. Então, as disciplinas sempre fluíram muito bem por conta desse comprometimento dos alunos.

Lívia: Tia Ruthy, fala para gente como foi a sua trajetória de aluna a professora?

Ruthy: Eu vejo como um crescimento muito grande. Não assim de funções, mas um crescimento de pessoa mesmo. A gente tem muitos amigos do tempo de Uespi que, às vezes, a gente se pega lembrando como era o nosso ambiente enquanto estudante, das vivências, das histórias que a gente viveu e, hoje, ser professora, chegar a essa função de professora me faz me sentir muito honrada, porque é uma responsabilidade muito grande. Eu sempre digo que a profissão de professor é uma responsabilidade muito grande. A gente não ensina. Não é que a gente não está ensinando ninguém, a gente, muitas vezes, mais aprende do que ensina. O processo é esse e é uma forma que eu vejo de poder dar um retorno para Uespi daquilo que eu tive. É a minha forma de retribuir e, hoje, eu pude retribuir isso. Eu pude retribuir durante muitos anos, como professora, contribuir, fazer parte, lutar como aluna, como professora e me envolver realmente nas melhorias da instituição e ver esse crescimento da instituição. Tenho muito orgulho de fazer parte disso tanto como aluna e também como professora.

Lívia: Quem não teve esse contato com você enquanto esteve como professora substituta da Uespi deve estar estranhando o 'tia Ruthy', mas é algo que eu sempre vi os alunos te chamando e mesmo não tendo a oportunidade de você ser minha professora a gente acaba pegando e chamando também, como você vê esse carinho?

Ruthy: [Risos] O "tia Ruthy" foi algo que a Uespi me deu e eu tenho a maior satisfação do mundo quando eu estou na rua ou em qualquer lugar e ouvir 'tia Ruthy'. É algo que outras pessoas, mesmo que não tenham sido meus alunos diretamente, tem essa consideração por mim, se sentem acolhidos. Eu me sinto acolhida por esses estudantes mesmo que a gente não tenha vivido esse convívio em sala de aula.

Isso começou no primeiro ano que eu comecei a dar aula. Eu lembro que quem começou a me chamar de “tia Ruthy” foi o Renan Nunes [Hoje, repórter da Rede Clube]. Ele foi da primeira turma em que eu fui professora já na habilitação de Relações Públicas. Eu conheço o Renan há anos, nós fomos vizinhos por muitos anos em Floriano, estudamos na mesma escola. E aí quando eu vim como professora na Uespi, o Renan foi meu aluno e começou a me chamar de “tia Ruthy”. Ele chegou ‘lá vem tia Ruthy’ e pronto... dele foi para todos os outros e ficou e até hoje.

Lívia: Para finalizar nossa entrevista, qual o conselho que você oferece para quem, hoje, é estudante, mas também deseja se tornar professor da Uespi?

Ruthy: Eu vou começar dizendo não façam como eu fiz, porque como eu disse eu entrei na Uespi como professora em 2009 logo, recém-graduada. Sempre tive claro o desejo, a ideia e a vontade de fazer o mestrado, de fazer um doutorado, de seguir nessa carreira acadêmica, mas eu me atribulei muito de trabalho. Eu trabalhei desde o segundo período da graduação. Por que eu digo não façam como eu fiz? Porque por muitos anos eu quis trabalhar, trabalhar e trabalhava sessenta horas por semana, manhã, tarde e noite. E qual a dica que eu digo, querem seguir essa carreira? Sigam! Terminem a graduação e corram direto para o mestrado, se vocês tiverem essa oportunidade.

Hoje, nós já temos muito mais facilidade de programas de mestrado mais próximos da gente. Então vá, não espere como eu esperei primeiro me tornar professora para depois me tornar mestre. Eu não faria diferente, diante das circunstâncias, mas eu acho que a gente pode ir no ritmo que a gente já vem no acadêmico. E se precisar de ajuda podem me procurar. Não parem! Busquem estudar sempre, mesmo que não esteja matriculado em um curso, mas esteja sempre se informando, querendo saber das novidades. Se

querem seguir essa profissão, sigam. Eu não me arrependo de exatamente nada. Eu amo ser professora de Jornalismo e Relações Públicas. Então, busquem e não tenham medo!

O menino que queria contar histórias: Edvan Luiz

Iaquelly de Sousa

Estudante, professor, coordenador e um eterno amigo do curso: estas são as atribuições que podemos listar para Edvan Luiz da Silva. É difícil reunir fotos do curso de Jornalismo da Uespi sem percebê-lo em uma delas, seja nos corredores, em alguma sala de aula ou mesmo nas viagens para eventos e visitas técnicas. No decorrer da entrevista, o professor Edvan Luiz Silva se mostrou muito feliz e grato por dar o seu testemunho sobre o curso de comunicação que o formou e como se deu a sua jornada na Uespi de Picos.



Edvan Luiz apresentando o programa "Jaicós em Destaque", informativo da prefeitura de Jaicós-PI, na Rádio Clube FM, em 2023.

Foto: Reprodução/Facebook

Edvan conta que ao ingressar no curso de Jornalismo da Uespi, em 2002, estava envolto em muitas dúvidas quanto a essa decisão de carreira e lembra que tanto a equipe gestora, os professores e seus colegas foram fundamentais para a construção da sua base profissional.

Antes de cursar jornalismo, o gosto pela escrita e a vontade de saber de todos os acontecimentos já acompanhavam o menino. Edvan já sabia que seus maiores interesses eram o rádio e a tevê.

Quando perguntado sobre suas experiências na área da comunicação antes de ser acadêmico, conta com riqueza de detalhes cada uma das oportunidades que abriram as portas até o sonhado curso que o permitiria ser um contador de histórias.

No ano de 2007, Edvan começou a trabalhar em uma rádio chamada *Canta Galo AM*, no município de Jaicós-PI, apresentando o programa *Comprometidos pela fé*, quadro da igreja católica da Paróquia Nossa Senhora das Mercês. O programa foi um passaporte para que logo após, nessa mesma rádio, ele, à convite da direção, apresentasse um programa de entretenimento intitulado *Ritmos da tarde*. Cada vez mais ganhando espaço, não demorou muito para apresentar o jornal *Canta Galo Notícias*, que tinha duração de 30 minutos durante a semana.

Ao ser questionado sobre a escolha do curso de Jornalismo, ele conta que em nenhum momento teve dúvida quanto ao curso que seguiria, mas lidou com a não existência do curso na região de Picos e a dificuldade de cursá-lo na capital, Teresina, ou outra região, por motivos financeiros. O curso de Comunicação Social com habilitação

em Jornalismo e Relações Públicas só chegou à Uespi em 2002 e fez com que muitos “Edvans” desengavetassem o antigo sonho de cursar comunicação.

Depois de um breve período, o sonho do agora acadêmico Edvan se tornou realidade. A Uespi de Picos ofertou a sua oportunidade, mas até o diploma chegar foram muitas dificuldades e por diversas vezes elas vinham tanto de dentro quanto de fora da universidade.

“Nessa época era tudo muito difícil, tanto na estrutura física da instituição quanto na minha estrutura financeira. Foram muitas noites que dormi com fome, porque não tinha dinheiro para comprar o que comer à noite quando chegava da universidade”, conta o professor.

Em uma realidade em que os programas de assistência estudantil eram praticamente nulos, continuar era um ato, muitas vezes, de insistência, quando na verdade deveria ser direito. A universidade, hoje, conta com programas de assistência, como o Auxílio Alimentação e Moradia, que têm proporcionado uma melhor permanência na instituição.

Houve também as dificuldades de imprimir apostilas e trabalhos, mas ele contou com a ajuda de amigos muito queridos. Ele cita a amiga Claudete Alencar e o amigo Fábio Gonçalves, que na época era dono de um jornal em Picos.

Entramos, então, no campo das memórias e ele conta uma passagem marcante na sua jornada até ser jornalista.

“Eu morava com minha avó paterna e a minha tia. Minha avó sempre quis que eu fizesse o curso de Direito, era o sonho dela. Nós sabemos que toda família pobre, podemos

dizer assim, tem o sonho do filho se formar em direito e a minha avó queria muito isso. Eu fiz o vestibular para jornalismo escondido. Sem que ela soubesse, eu fiz minha inscrição para o curso de comunicação social e ela só ficou sabendo depois que saiu o resultado. Então, ali eu estava matando o sonho dela de ter um neto advogado, mas cresci com o desejo de realizar o meu sonho que estava tão próximo de mim, o curso de comunicação social da Uespi”, lembra.

Ao iniciarmos a nossa conversa sobre o curso, o jornalista diz que via o mercado de trabalho muito escasso na região, mas que mesmo vendo essa dificuldade não desanimou, pois ele instaurou em sua mente que ele estava pronto para buscar a sua oportunidade em outros lugares. Para ele, a Universidade lhe proporcionou um novo olhar e uma nova forma de como encarar os desafios da vida e alcançar todos os seus objetivos profissionais traçados.

Ainda sobre o mercado de trabalho, Edvan conta que ao concluir o curso não teve logo a oportunidade no meio da comunicação, mas elas foram surgindo. Ele passou por rádios, assessoria de comunicação e outros.

O bom filho à casa torna

“Em 2015, voltei para a universidade, dessa vez não como acadêmico, mas como professor substituto no curso de comunicação social, e em 2017 assumi a coordenação do curso. Para mim foi uma experiência maravilhosa e ser coordenador foi algo inexplicável”, relata Edvan.

Apesar das dificuldades que a Uespi passava no momento pela falta de professores e pela infraestrutura, ele nos conta que foi voltando ao curso, como professor, que teve como retribuir todo o conhecimento que recebeu da universidade.

Edvan acompanha estudantes de Jornalismo em visita técnica à Globo Nordeste, no centro de Recife-PE, novembro de 2018. Aparecem em destaque na imagem, além do professor, o então estudante Adailson Carvalho e a então diretora de Jornalismo da Globo Nordeste, Jô Mazzarolo.

Foto: Arquivo pessoal de Vinícius Coutinho.



Uma memória de alegria

O entrevistado destaca que dois de seus momentos mais felizes proporcionado pelo curso foi quando o próprio comprou o exemplar do extinto jornal *Diário do Povo* e viu seu nome como aprovado no curso, e a sua formatura, quando recebeu o diploma pelas mãos de seu amigo, professor e, hoje, reitor da Uespi, Evandro Alberto.



Edvan com estudantes de Jornalismo no centro histórico de Recife-PE, novembro de 2018.

Foto: Arquivo pessoal de Vinícius Coutinho.

Concluindo a entrevista, indaguei sobre a felicidade no âmbito profissional ele se diz feliz e que deseja adquirir cada vez mais conhecimento.

“Eu sou feliz sim como jornalista, mas quero ir muito além, quero trabalhar com a pesquisa e mostrar que o que eu queria na universidade não era só obter um diploma e guardar na gaveta, mas sim ser um contador de história e produzir a arte do jornalismo”, considera.

EU JÁ FUI PROFESSOR DA UESPI DE PICOS

Da capital até Picos são apenas 307 km, esta é a distância que a partir do ano de 2002 foi muito percorrida por professores que contribuíram com o curso de jornalismo em Picos. Experiências, desafios, medo, afeto. Essas são algumas palavras citadas por aqueles que estavam presentes no início de tudo.

O início das lutas (sim, ser professor da Uespi, em 2002, foi uma luta!) vai ser retratado aqui. Luta no sentido de desafios encontrados e que foram enfrentados por esses bravos docentes jornalistas. No sertão em que faltavam equipamentos, estrutura física, livros didáticos atualizados, professores percorriam toda semana o percurso de 307 km para dar aula no município de Picos, no interior do Piauí.

Nesta seção, são apresentados relatos de luta, mas também de determinação e afeto por quem já passou por aqui. Somos um pouco de todos aqueles que transitam em nossos caminhos. Cada conhecimento construído coletivamente enriquece a trajetória que escolhemos trilhar. Da Uespi, eles são aqueles que nos deixaram não só memórias, educação, crescimento, mas saudade, que muitas vezes tem sido atenuada em nossas semanas de comunicação.

“Um lugar que me deu tudo”: Orlando Berti em Picos

Vitória Sousa Pilar

Quando começou a dar aula no campus de Picos, em 2003, Orlando levava suas próprias máquinas fotográficas. No lugar, ainda não havia livros, nem bibliotecas, tampouco internet. O professor fez parte de uma geração de docentes que viu os alunos que se formaram ali ganharem o mercado de trabalho com muita garra. Os primeiros alunos, os trabalhos de extensão e os projetos de pesquisa que ali foram realizados lhe motivaram a persistir no caminho docente. Foi naqueles primeiros anos como professor de Picos que a vida do professor foi se misturando com a história do curso e vice-versa. “A universidade me deu a oportunidade de crescer”, conta. “E eu acredito que cresci, no sentido cultural, social e pedagógico”, complementa.



Orlando Berti durante a V Semana de Comunicação Social de Picos, em 2023.

Foto: Arquivo da Ascom

Vitória Pilar: Qual foi o seu caminho até à Universidade Estadual do Piauí no Campus de Picos?

Professor Orlando Berti: A minha experiência com a Uespi nasceu quando era para eu ser aluno da instituição. Fui aprovado nela, mas também na Universidade Federal do Piauí (UFPI), no vestibular de 1996. Mas eu decidi ficar na Federal, na 25ª turma de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, onde me formei em agosto de 2001. Eu sabia que a Uespi ia lançar um curso de comunicação. Fiquei muito interessado porque aquele curso de comunicação teria uma habilitação, de Relações Públicas (RP). Fiz o vestibular e passei para a primeira turma da Uespi. Então, era o meu segundo momento com a instituição e o meu primeiro grande momento com o curso. O meu terceiro contato foi no final de 2002, tentei o concurso e não passei por conta do currículo.

Fazendo reportagens para o *Jornal do Brasil*, uma especial sobre a seca, na cidade de Monsenhor Hipólito, a 75 km de Picos, eu conheci o Evandro Alberto. Ele era um jornalista, mais ou menos recém-formado. Ele me contou: “Olha Orlando, a gente montou um curso aqui em Picos”. Nascia o curso de jornalismo de Picos, um ano depois do curso de Teresina.

O curso, reconheça-se, tem um papel crucial do jornalista Fábio Gonçalves. O Fábio viu uma oportunidade de levar esse curso para Picos e ele encheu tanto o saco do professor Jonathas Nunes [então reitor], que o curso aconteceu e foi autorizado aqui em Teresina. O [curso] de Teresina começou em março de 2001 e o curso de Picos começou em 2002. Ambos, na época, ofereciam 40 vagas em comunicação social, habilitação em jornalismo e relações públicas.

O curso de Picos foi o primeiro curso de jornalismo do sertão nordestino. Ele tem uma inserção social muito maior do que o curso de Teresina, porque aqui em Teresina nós já tínhamos a UFPI, a Faculdade Santo Agostinho e o Ceut que oferecia Publicidade e Propaganda. Ou seja, em Picos era um curso inédito. E como Picos converge com quase cem cidades, sendo elas do sertão piauiense, sertão pernambucano, do sertão cearense e do sertão baiano, a representatividade regional desse curso era enorme.

Mas... voltando ao professor Evandro, no meio de 2003, ele disse: "Olha, a gente vai fazer um concurso para professor substituto, tá precisando de professor aqui na Universidade". Entrei em agosto de 2003, como professor substituto. Em Picos, foram abertas duas vagas para professor efetivo, então eu passei, e fiquei em Picos, até retornar um novo concurso e voltar para Teresina.

Vitória: Estruturalmente, como o senhor lembra da Uespi de Picos?

Orlando: Hoje a gente costuma dizer que, estruturalmente, nós somos felizes e vocês não sabem. O curso de jornalismo em 2003, lá em Picos, houve uma mudança muito significativa em termos estruturais. Para se ter ideia, quando a gente chegou em Picos, não tinha nem um livro na biblioteca de comunicação. Quando a gente começou, não tinha internet no campus, não tinha ar-condicionado nas salas, não tinha sequer uma máquina fotográfica, uma filmadora. As aulas de fotografia, por exemplo, aconteciam com os meus equipamentos. O curso em Picos foi muito na raça.

De estrutura, é perfeita? Claro que não. Aí é um desafio que poderia ser juntamente com o alunado e professorado, que a gente pudesse evoluir coletivamente para melhorar os nossos laboratórios, ou melhorar essas possibilidades de conexão para que a gente pudesse ter mais perspectivas sobre essa questão estrutural. Mas houve um avanço gigante. A Uespi também passou por toda essa evolução.

Não é a estrutura que vai garantir uma boa formação. Você pode ter certeza. Porque muitas vezes o nosso aluno sai na frente de aluno das melhores universidades do país. Isso é o que? É a gente que é melhor ou pior? Não, porque nós temos um alunado dedicado, interessado. Um bom curso não se faz só com estrutura. Estrutura, ajuda, reconhecemos, mas se faz com interesse. Não adianta nada eu ter equipamentos de última geração. O importante é a gente ter um comportamento holístico, um comportamento mais social, um comportamento da perspectiva de ajudar o próximo.

Vitória: Quais as lições dentro do campus de Picos que o senhor levou para a sua prática docente em outros campi?

Orlando: Eu entro como aluno de comunicação na instituição e, hoje, sou pós-doutor. Isso não significa as conquistas acadêmicas, mas as conquistas pessoais, coletivas e as sociais, principalmente.

Se você me perguntar qual é a principal memória do curso são as vitórias do nosso alunado. As vitórias, por exemplo, de a gente ter uma ex-aluna como a Deyse Fernanda, que foi aluna da primeira turma da Uespi de Picos, e que, hoje, é professora da Universidade de São Paulo (USP), pós doutora pela USP e é uma das maiores especialistas em TV digital.

Eu costumo dizer que eu sou um professor da Universidade Estadual do Piauí, lotado no campus poeta Torquato Neto, mas tanto no meu currículo ou quando me é pedido um currículo, eu falo que sou professor dos cursos e de comunicação da Uespi.

Todas minhas atividades, principalmente de pesquisa e extensão, sempre voltam para Picos por dois grandes motivos: 1) por uma ligação afetiva com o sertão. Foi o local onde eu nasci, cresci e conheci a comunicação. Minha interação com a comunicação vem de criança, lendo jornais, ouvindo rádio. 2) Eu venho de uma família de classe baixa, sertaneja, de um pai que só fez até a oitava série e de uma mãe que se formou quando eu já estava na universidade, mas que sempre incentivaram o conhecimento e o estudo como o principal bem que um pai, uma mãe, pode deixar pro filho.

As experiências de Picos foram incríveis porque naquela época eu ministrava aulas na Universidade Federal do Piauí e, em Picos, quase simultaneamente. Eram aprendizados gigantescos. Eu cheguei a escrever um artigo sobre as colossais diferenças entre o ensino

de Picos e da capital. Por quê? Não é por conta da distância geográfica. Essas diferenças residem, principalmente, nas questões culturais e nas questões culturais midiáticas. Em Teresina, houve um fortalecimento muito grande da mídia televisiva e cada vez mais das perspectivas webjornalísticas. Picos, não. Picos tinha, e ainda tem, uma tradição forte no radiojornalismo. A própria formação do alunado foi muito forte para rádio, depois para as assessorias comunicacionais, principalmente as assessorias empresariais e políticas. Você tinha uma cultura diferente. Então, era muito engraçado que, muitas vezes, numa disciplina em Teresina, você tinha que dar uma modificada para uma realidade picoense por conta dessas perspectivas. As experiências marcantes estão nessas multiplicidades culturais e regionais, do entendimento da força de quem são essas pessoas do sertão, porque eu concordo em número e grau que o sertanejo é um forte.

Foram essas vitórias que o nosso alunado teve que me deixaram feliz. Às vezes, eu encontro um aluno e eles me dizem: "Poxa Orlando, obrigado por ter colocado alguns grilhões de areia nessa minha grande construção". Esse é um dos pontos chaves.

Vitória: Em três palavras, o que a experiência de ser professor em Picos significa?

Orlando: Carinho, dedicação e aprendizado. Falar de Picos para mim é sempre um prazer. É a questão de dizer dos aprendizados que foram muitos, das amizades feitas, da evolução que foi feita. A Uespi hoje é tudo o que eu tenho cientificamente e pessoalmente. Não é a universidade que faz o aluno. Somos nós, nosso interesse, e a nossa garra. A Uespi me deu muito a oportunidade de crescer e eu acredito que eu tenha crescido, no sentido cultural, social e pedagógico.

“O meu caminho de casa”: Sônia Carvalho em Picos

Vitória Sousa Pilar

Natural de Picos, Sônia Carvalho viveu a infância e adolescência na cidade. Para poder concluir o ensino superior, se mudou para Teresina e se graduou como jornalista. Já no mercado de trabalho, teve vontade de voltar à cidade natal e oferecer as chances que ela não teve. Voltar como professora, ao campus de Picos, era fazer esse caminho de casa. Como docente, fez parte da geração de professores que assistia os alunos enfrentando as mais diversas barreiras para estudar no sertão: uma aluna que vendia dindim [espécie de picolé feito de suco de frutas ou artificial] para poder pagar a van de volta para casa, um idoso que viajava de Floriano a Picos, diariamente, para se formar. Presenciou momentos únicos, como o pai de uma amiga de infância que se formou e a ansiedade dos primeiros alunos ao apresentarem seus TCCs (Trabalhos de Conclusão de Curso). Sônia lembra com carinho dessas memórias, até daquela vez, em que os alunos não acreditaram que ela iria dar aula na véspera do seu casamento. Sônia fez parte de uma geração que reclamava da estrutura, mas não se limitava por ela: “educação a gente faz com os recursos que temos e podemos, entendendo que ela é libertadora mesmo que com as ferramentas mais rudimentares”, diz. “Picos me ensinou a ser uma docente forte, persistente e livre”.



Sônia Carvalho durante a V Semana de Comunicação Social da Uespi, em 2023.

Foto: Arquivo pessoal.

Vitória Pilar: Quais caminhos levaram a senhora para ser professora da Universidade Estadual do Piauí no campus de Picos?

Professora Sônia Carvalho: Picos é o meu caminho de casa. Vivi 16 anos em Picos, ou seja, nessa altura da vida, com 43 anos de idade [no período da entrevista], passei mais tempo em Teresina do que lá. Mas, Picos é minha casa, onde eu tenho família, onde eu tenho residência.

Desde sempre fui preparada para sair de Picos, porque na minha época de adolescente, na década de 90, não tinha muita possibilidade para quem queria fazer curso superior. Então, quem desejava o ensino superior, ou quem desejava um ensino médio mais bem feito, precisava ir a Teresina. Estudei em Teresina, fiz o curso de Teresina [Sônia se formou em Bacharelado em Comunicação Social - com habilitação em Jornalismo pela

UFPI], me formando em agosto de 2001 e em outubro, iria começar a primeira especialização oferecida pelo nosso curso na Federal (UFPI) [Especialização em Comunicação Institucional]. Eu ingressei nessa especialização, e aí, aconteceu um divisor de águas na minha vida. Eu ingressei nessa especialização que me deu uma titulação necessária, em 2002, para que me desse a chance de ser professora.

Eu já estava no mercado trabalhando em jornalismo impresso, webjornalismo e assessoria de comunicação. Em 2003, quando o concurso foi aberto, tinham vagas para Teresina e Picos, e eu vi que era possibilidade de realizar um sonho. Percebi que era uma chance de me conectar à minha cidade, de contribuir com aquilo que me faltou quando era adolescente.

Foi uma universidade, um curso de jornalismo, que era uma coisa que eu não tive quando eu tava nos anos 90, com meus 13, 14 anos. Eu saí de lá para ingressar na universidade. Isso me levou para Picos de novo, em 2004, cheia de inseguranças, em uma época que eu só tinha apenas uma titularidade, sem nenhum tipo de experiência docente em lugar nenhum, nem para ninguém. O que me guiou foi o desejo de contribuir com a cidade, trabalhar nas chances de oportunidade para outros jovens, oportunidades que eu não tive.

Meus pais colocaram na minha cabeça uma imagem muito positiva na vida do que é ser um professor. O professor tinha dos meus pais um respeito absurdo, toda credibilidade. Foi sempre isso que eu percebi da docência, dentro de casa. Seja professor da graduação, do infantil, ensino médio. Morreu, mudou de cidade, abandonou a carreira, sempre vai ser professor para mim. A docência na minha vida foi construída assim, carregada de muita afetividade, assertivamente positiva, que para mim é o cargo mais querido que alguém pode ter.

Vitória: Qual a sua principal memória do campus de Picos?

Sônia: Eu me lembro muito da minha aluna Leila, que hoje não mora mais em Picos, está morando em São Paulo. Ela vendia *dindim* para pagar a van que a deixava na universidade todos os dias. Tinha também um senhor que morava em Floriano, vinha todos os dias de manhã, com sessenta anos de idade, sem falta. Lembro que ele tinha uma loja de pneus e se formou. Havia alunos que já eram jornalistas de batente, mas estavam ali naquela luta pelo seu diploma do ensino superior. Eu lembro deles inseguros com seus Trabalhos de Conclusão de Curso, porque estavam ali recebendo, pela primeira vez, professores que eram dessa área. Eles estavam cheios de medo com o que seria cobrado deles. Foi muito assustador para eles, mas era muito assustador para a gente também, tanto que a gente não sabia muito o que tinha de esperar.

Eu me lembro de uma aluna que reclamava muito, meu Deus, reclamava de tudo, do tamanho da prova e de tudo. E hoje [na época da entrevista], essa aluna tá encerrando o mestrado dela na Federal, provavelmente será nossa professora e vai dividir banca de TCC comigo. E hoje em dia, olho para essa aluna, e fico maravilhada em ver como ela cresceu. Eles cresceram muito!

Também lembro do coordenador do curso me entregar os pincéis e dizer: "está aqui a sua turma". Ele me entregou com muita confiança, achando que eu ia fazer um trabalho de excelência, com muita segurança, achando que eu poderia ser a melhor professora do mundo. É uma das melhores memórias que tenho.

Também presenciei briga de alunas. Duas alunas brigando na sala de aula, briga mesmo. Tive que botar para fora [risos].

Por lá, organizei as primeiras defesas de TCC, ainda no campus do Junco. Lembro dos alunos bem arrumados, ansiosos. As primeiras orientações que eu fiz foram do Odorico Carvalho, pai de uma amiga minha de infância, um artista lá de Picos. Eu fui orientá-lo, como professora, mas eu era amiga da filha dele, de brincar na rua. Pensei que ele não ia me respeitar como professora, mas ele fez um trabalho de fôlego, com um respeito imenso por mim. O trabalho de uma professora orientando um aluno pode construir coisas boas.

Tenho muitas memórias, de lanche com os meninos, em um calor absurdo, com eles me perguntando o que ia cair na prova, perguntar se era pra anotar, a espera ansiosa pela nota, pelo resultado daquela avaliação que tinha tanto temor. Eram muitas expectativas assim.

Não tinha também como esquecer dos ventiladores. Não tinha ar-condicionado ainda, e tínhamos que desligar os dois ventiladores por causa do barulho. Eu imprimia muito matérias e escrevia muito no quadro porque eles não tinham tanta condição para imprimir material.

Eu me lembro que eu trabalhei até na véspera do meu casamento. Eu me casei em um domingo, mas eu fui dar aula na sexta. Ninguém acreditava que eu apareceria na aula porque eu iria casar. E eu fui dar aula. A minha fama era de “professora caxias”, muito certinha. Foi um período de carência, carência de toda sorte. Pode parecer pra gente que pensar na carência como uma coisa de hoje, e ela existe com frequência, mas são muito diferentes.

Cada aula para mim era um prazer. Eu brinco falando sério que ser docente é a coisa mais difícil, mas é um encanto. A universidade pede para eu botar duas, três, quatro horas de aula, mas chega um aluno com uma pergunta e muda tudo. Isso é encantamento. O conteúdo todo que você preparou, achando que daria quatro aulas, só deu meia hora. É bonito viver isso.

Vitória: Como era a sua sala de aula, seus corredores... a estrutura do campus de Picos?

Sônia: Eu dei aula no Campus Junco. Era super longe da casa da minha mãe, de pegar a BR, uma estrada de chão, mas também era muito familiar porque me levava para a casa da minha madrinha, que é a irmã da minha mãe. Minha madrinha tem uma casa no Junco. Era um caminho familiar.

Lá era um prédio adaptado de um colégio público, portanto já estava ali funcionando com toda boa vontade dos servidores, dos professores. Você percebia que não tinha um ar condicionado, alguns não tinham ventiladores no teto. Eu lecionei em apenas uma sala e nessa sala, as cadeiras eram sofridas, algumas quebradas.

Eu me lembro de ter uma mesa, cada vez que eu chegava, lá já tinha uma mesa diferente, porque as mesas rodavam todas as salas para outros professores usarem. Eu brincava que daqui a pouco ela ia parar no Japão do tanto que viajava entre as salas. Todo equipamento de retroprojeter era meu, porque a universidade ainda não tinha. Eu sempre fui muito de ter tudo meu para não depender da carência. Tinha um quadro branco, bem grande, com uma iluminação boa. Em algumas oportunidades, lâmpadas fluorescentes, as de armazém queimavam.

Naquela conjuntura, eu sabia que os alunos não podiam esperar que eu tivesse um bebedouro melhor para oferecer um ensino melhor e oportunizar um conhecimento que eles precisavam. Algumas pessoas acham que isso é omissão e eu permito esse tipo de julgamento, porque o que me interessa é fazer o melhor trabalho possível com o que eu tenho em mãos, mesmo que seja só um pincel. Educação, a gente faz com os recursos que temos e podemos, entendendo que ela é libertadora, mesmo que com as ferramentas mais rudimentares. Um lápis pode ser libertador. Sou daquelas que reclamam da estrutura, mas enquanto isso, vamos fazendo o que for possível, porque se só esperar a estrutura chegar, isso não vai ser feito nunca.

Vitória: Quais os projetos que você colocou em prática na Uespi de Picos que foram importantes para a comunidade e para a sua vida docente?

Sônia: Naquela época havia tão pouco recurso e a pesquisa não era obrigatória. Em 2003, a gente precisou entender que estávamos lutando para estabilizar o ensino. Se a gente estabilizasse o ensino, já estava ótimo, já estava bom. A pesquisa vinha apenas lá no final do curso, em forma de TCC e tinha que ser bem trabalhada por nós para que a turma não ficasse com medo da pesquisa. Eu fiz muitos trabalhos de pesquisa, mesmo que delimitados ao TCC, mas que muito me orgulham.

A gente estava tentando solidificar o ensino do Jornalismo para aqueles alunos. Estávamos tentando montar o básico para que o aluno acreditasse que ele era capaz de compreender um texto, de fazer uma prova e tirar nota boa. Nossos livros ainda eram de Mauro Wolf [grande pesquisador da área de comunicação, indicado em várias bibliografias], que não se entregava facilmente. Era muito desafiador trabalhar com esse

contexto. Os alunos acreditavam que era algo inalcançável, que apenas se eles tivessem muita sorte, poderiam entender. Estudo de jornalismo tem que ser aberto.

Vitória: E as experiências marcantes que tiveram naquele local e que refletiram na prática docente do outro campus?

Sônia: A primeira lição é que cada turma é uma turma, cada aluno é um aluno e não tem receita de bolo para estar em sala de aula. Terão situações que você vai pegar no seu “HD de docência” no ensino superior e você não vai encontrar nada — e vai ter que ser aberto às vivências, às críticas e esperar essas críticas, porque elas aparecem.

Uma das coisas que aprendi é que tudo bem não agradar, não ser perfeito e não corresponder às expectativas. Como corresponder às expectativas de mais de 40 pessoas diferentes? Eles me chamavam de Tia Sônia [risos]. Como comecei dentro da minha cidade, eu estava falando com as pessoas mais próximas de mim, meus conterrâneos, minha gente.

Essa necessidade de ser próxima, que não é todo professor que consegue se aproximar, me fez aprender lições sobre ser acessível, não andar como uma eleita pela universidade, entender sobre não agradar a todos, a agir com muitas pessoas diferentes que eu vou enfrentar que nenhuma especialização e aperfeiçoamento vão me dar. Cursos dão uma segurança e uma orientação de atitudes, mas jamais treinarão para algumas situações. Hoje, eu aceito o caos de sala de aula, os questionamentos, principalmente. Picos me ensinou que as minhas práticas podem ser questionadas, mas que isso é perfeito. O professor tem que saber o que está fazendo por um ato de coerência.

Vitória: Professora, em três palavras, o que foi ser professora na Uespi de Picos?

Sônia: Nossa, que difícil responder isso [suspiro profundo]. Foi um *desafio*, foi um *crescimento* e foi uma *vitória*. Com certeza! Me senti vitoriosa, porque meu objetivo de contribuir com a minha cidade, abrindo oportunidades para outros colegas se formarem foi uma forma de me sentir participante disso. Me senti construindo uma Picos melhor. As experiências docentes que tive em Picos são cada vez mais queridas, mais valiosas e ricas. Elas importam muito para mim, porque hoje eu tenho rugas, cabelos brancos, meu corpo teve dois filhos e a docência atravessou isso comigo. Envelhecer tem suas dificuldades também porque a gente pega alunos cada vez mais jovens e espertos, mas não é que ficamos ruins, eles ficam mais evoluídos.

Há cada dia que passa as memórias do campus de Picos foram as bases que eu plantei ali e não param apenas naquele chão. Eu continuo fazendo até hoje e não teria atravessado tantas coisas se não tivesse vindo da cidade que eu vim, de um povo tão forte. Era um curso que enquanto ele tentava se firmar, eu também tentava me firmar. Estávamos os dois nos firmando. Nos forjamos ali: na infância e na docência. Aprendi a ser uma docente forte, persistente e livre. O tempo que fui mais livre em sala de aula foi nas salas de aulas de Picos. Isso me deixa feliz de fazer parte daquela história.

“Uma universidade para chamar de minha”: Clarissa Carvalho em Picos

Vitória Sousa Pillar

Clarissa via nos pais a inspiração para ser professora. Chegou a imaginar que seria docente perto de casa, em Teresina. Até que a publicação de um concurso para professora em Picos a levou ao sertão. Chegando em Picos, se encantou com a determinação dos alunos para poder estudar. Eles lhe mostraram o papel necessário para descentralizar a educação do ensino superior nas universidades do Piauí. Essas lembranças, ela guarda na memória, como também a de um grupo de meninas, que apesar de tudo, iam assistir aulas à noite no campus do Junco. Na época, Clarissa se dividia entre Teresina, Picos e Rio de Janeiro — onde terminava o doutorado. Ela brinca ao dizer que foi um tempo em que acordava sentindo a textura das paredes para se lembrar onde estava. Esses desafios lhe marcaram como professora e aluna, com a missão de manter a sensibilidade e o desejo de ensinar, como um constante "desafio, adaptação e missão".

Vitória Pilar: Quais as principais memórias que você guarda como professora no campus de Picos?

Professora Clarissa Carvalho: A principal memória do curso foi...Vixe Maria! Foram tantas! Mas uma coisa que para mim ficou marcada foi saber o que é a Uespi, de fato. O que é, de fato, a Uespi dentro de todas as instituições de ensino superior no Piauí, enquanto uma universidade que está em todo lugar. Ali em Picos, eu tinha alunos e alunas de vários municípios perto, que vinham de transportes coletivos e voltavam para casa à noite.

Com aqueles alunos, eu entendi o papel de descentralizar a educação do ensino superior nas universidades do Piauí. Em Teresina, por exemplo, eu vi como os alunos do interior são diferentes e fortes, mas que há uma fortaleza nos *campi* do interior. Uma memória que me marca muito é um conjunto de alunas, que apesar de tudo, iam assistir aulas à noite na universidade. Tinha muita força de vontade nos alunos.



Montagem de fotos da professora Clarissa Carvalho, utilizadas em entrevista ao portal Oitomeia, sobre a realidade das mães solo.

Foto: Reprodução

Eu sou filha de professores universitários que estavam ali desde o início da UFPI (Universidade Federal do Piauí), quando lá ainda era FAFI, Faculdade de Filosofia, que depois se fundiu à Faculdade de Medicina e Direito, depois se transformou na UFPI. Em 1972, meus pais começaram a trabalhar lá. Eu vi toda aquela coisa da universidade se criar. Eles estavam muito envolvidos na política da universidade. E eu fui parar na Uespi, porque eu fiz o concurso por acaso. Eu estava terminando o mestrado e meu foco, plano de carreira docente, era a UFPI, muito pelo espelho dos meus pais. Esse foco mudou, não apenas por questões salariais, mas também porque eu passei a entender que a Uespi seria um lugar para mim como a UFPI era para os meus pais. Ainda com muitos problemas estruturais, mas que deu seus passos para se tornar pertencente e vestir a camisa de que a Uespi era minha, seus problemas eram meus e eu estava ali por algum propósito. Então, eu entendi que a UFPI não fazia mais sentido para mim, de uma forma profissional, e a Uespi começou a se transformar para mim aquilo que eu via nos meus pais com a Federal.

Vitória: Como você se lembra da estrutura do campus de Picos?

Clarissa: O curso praticamente não tinha infraestrutura [Clarissa ingressou como professora efetiva em Picos, em 2013]. A gente funcionava numa escola pública, num prédio de escola pública, que ficava ali no Junco. Nem todas as salas tinham data-show, tinha que reservar no departamento para levar para as salas. Mas como eu sempre trabalhei mais com disciplinas teóricas, isso não chegou a ser um problema para mim. Não havia laboratórios de TV, rádio. Quando eu estava em Teresina, já construíram um campus novo, mas acabei não tendo experiência por lá.

Vitória: E os projetos que você conseguiu desenvolver enquanto docente no campus de Picos?

Clarissa: No campus de Picos, eu desenvolvi um projeto que se chamava "Parteiras do Sertão", que era um projeto de salvaguarda, de registro dos saberes de parteiras da região, a partir das parteiras cadastradas pelo Ministério da Saúde, como parteiras, de várias cidades do entorno de Picos.

A gente fez um cadastro para fazer um trabalho etnográfico para entender os saberes que essas mulheres colocavam em prática, no partejar e transformamos isso em blog, com fotos de textos dos alunos. No projeto, não havia só mulheres, homens também estavam envolvidos. Infelizmente, ele teve que ser engavetado, porque eu tive que sair para o doutorado.

Vitória: Em três palavras, o que a docência em Picos lhe ensinou para as outras experiências pessoais e em sala de aula?

Clarissa: Ser professora na Uespi de Picos, para mim, foi um desafio, adaptação e missão. O entendimento da docência para mim foi uma missão. Eu estava no Rio de Janeiro fazendo doutorado no meu primeiro semestre da Uespi. Ficava uma semana em Picos, ia para Teresina, pegava um voo para o Rio de Janeiro. Eu fiquei assim por alguns meses, foi preciso muito jogo de cintura naquele meu começo na Uespi. Eu assistia a aula do doutorado, fazia trabalho para repor a aula que eu perdia, que ainda era uma disciplina, e a minha orientadora vinha tinindo em cima de mim. Eu chegava com uma mala e já tinha outra que ficava arrumada para eu ir. Eu acordava sentindo textura da parede atrás para saber se eu estava em Teresina, em Picos ou no Rio de Janeiro. Essa experiência fez parte da minha experiência como docente nesses primeiros meses. Foi importante para mim.

Um lugar guardado na memória: Sammara Jericó em Picos

Vitória Sousa Pillar

Professora desde 2006, Sammara Jericó Alves Feitosa deixou as redações dos veículos de comunicação para ir à sala de aula. A cidade de Picos deu sede à sua primeira experiência docente, lugar onde fez amizades, lembranças e boas memórias. Como esquecer aquele primeiro dia, uma recepção agitada em que os alunos estavam fazendo manifestação contrária a um docente? "Eu fiquei com medo, fiquei com receio, mas eles foram tão carinhosos comigo e me deram tanta força, que isso me impulsionou mais ainda a me dedicar para ser uma boa professora e atender aos anseios da turma, como também, às minhas próprias expectativas", relembra. Ou aquelas tardes de sol, cansados e andando de um lado para o outro, nas aulas práticas de telejornalismo? "Essas cenas me marcam de verdade por ver a força de vontade que os alunos estavam tendo". Entre as três palavras que resumem a experiência, Sammara cita "luta": "Uma luta constante, que a Uespi nunca deixou de ter, e que permanece pela esperança de uma universidade cada vez melhor para os alunos".

Vitória Pilar: O que lhe motivou a ser professora no campus de Picos?

Professora Sammara Jericó: Eu sou professora da Uespi desde 2006 e quando eu fiz o concurso para a universidade, foi a minha primeira experiência como docente. Eu

trabalhei por muito tempo nas redações dos veículos de comunicação de Teresina, mas senti vontade também de ir para essa área da docência e consegui passar no concurso. Passei para Picos, fiquei durante seis anos - até ser chamada para trabalhar na assessoria de comunicação da Uespi, em Teresina.

Foi a minha primeira experiência e foi uma experiência incrível. Eu fui muito bem recebida pelos alunos, pela direção e pelos colegas. Eu cheguei a Picos por uma necessidade de querer contribuir em sala de aula.

Vitória: Quais as principais memórias que você tem de dentro do campus de Picos?

Sammara: Uma das minhas primeiras memórias foi a recepção dos alunos. Eu cheguei num dia que eles não estavam satisfeitos com uma professora de Teresina e estavam se manifestando pela saída dela. Isso me deixou muito assustada. Eu fiquei com medo, fiquei com receio, mas eles foram tão carinhosos comigo e me deram tanta força, que isso me impulsionou mais ainda a me dedicar para ser uma boa professora e atender aos anseios da turma, como também, às minhas próprias expectativas.

Uma das primeiras memórias e principais memórias que eu tenho foi desse dia, quando eu cheguei para dar minha primeira aula. E as outras memórias também são muito em função dos meus alunos. Uma, que lembro bem, é quando a gente resolveu fazer uma prática de telejornalismo. Passamos o sábado todo debaixo de um sol quente, e ao final, a gente se reuniu e ficamos felizes por todo aquele esforço que a gente teve. Ainda lembro da cena: a gente cansado, andando de um ponto para outro. Essa cena me marcou de verdade por ver a força de vontade que os alunos estavam tendo.

Vitória: Qual era a estrutura que a Uespi de Picos tinha quando você ministrou aulas?

Sammara: A Uespi do Junco parecia muito uma escola do ensino médio. Ela era bem distante do centro. E depois, a gente foi para uma estrutura ainda mais longe. Não tinha nada em volta, a gente não poderia sair para lanchas. Então, levávamos os nossos lanches e dividíamos por lá mesmo, porque não tinha como sair. Depois, a gente foi para uma outra escola. Essa escola, de verdade, estava funcionando o ensino médio, mais próximo do hospital de Picos. E tinha muita zoada, porque eram estudantes do ensino superior e os estudantes do ensino médio. Era muita zoada! Foi pesado. Eu não peguei a estrutura nova da Uespi. Peguei esses momentos difíceis, onde os alunos e professores e direção buscavam sempre uma melhoria para o campus de Picos e pelo potencial que a Uespi tem. Pelo que ela poderia ainda mais contribuir para a sociedade de Picos, para o Estado. Sempre foi uma luta para ter um espaço próprio.

Vitória Pilar: Você conseguiu desenvolver muitos projetos estando na Uespi de Picos?

Sammara: Em Picos, eu trabalhei muito disciplinas práticas. Então, todos os meus projetos foram inseridos dentro das disciplinas. Eu não fiz trabalhos de pesquisa com minha turma, os projetos eram mais voltados para atividades práticas. Naquele tempo, a gente não tinha um contato muito próximo com Teresina, não nessa época. Hoje, a gente tem mais.

Vitória: Quais as lições de ser professora em Picos que a senhora teve e que carregou para a docência em outro campus?

Sammara: Picos me ajudou muito a ser uma professora melhor, porque os alunos me incentivaram demais. Eles eram exigentes e faziam com que eu me preocupasse muito em ser uma boa professora. Além das minhas próprias expectativas em corresponder e me sentir feliz fazendo o que gosto.



Professora Sammara Jericó.

Foto: Arquivo pessoal.

Eu sou apaixonada pela docência e por isso resolvi sair das redações. Eu escolhi ser professora 24 horas e Picos me trouxe uma experiência. Me fez acreditar que tudo é possível, apesar das dificuldades. Picos fez isso: acreditar que sempre era possível. Os alunos se reuniam, lutavam, conseguiam. E eu trouxe isso para Teresina, para os meus alunos, para a direção, para os meus colegas e que é possível a gente fazer um produto de qualidade apesar de ter dificuldades. É preciso ter confiança e isso a gente consegue com esse trabalho conjunto.

Vitória: Em três palavras, como você resume sua experiência docente no campus de Picos?

Sammara: Ser professora na Uespi de Picos foi um sonho. Em um primeiro momento *desafiador*, né? Eu viajava toda sexta-feira, dava aula à noite, manhã e de tarde [do sábado]. Era um desafio. Foi cansativo. Mas a outra palavra é *agradecimento*, porque todo o desafio, todo o cansaço, teve um propósito, esse propósito foi alcançado de me tornar uma professora melhor a cada dia nesse relacionamento com os meus alunos. A outra palavra é *agradecimento*. Agradeço pelo que os alunos e a direção de Picos me proporcionaram de aprendizado, sabe? Me ajudaram a formar a professora que eu sou hoje e eu sou muito agradecida. A outra palavra é *luta*. Eu acho que foi uma grande luta, e que Picos ainda hoje tem. E é uma luta que ainda permanece, sempre permanece para que a gente tenha uma universidade melhor, sempre para esses alunos e para os alunos do futuro.

Pela vontade de contribuir: Daiane Rufino em Picos

Vitória Sousa Pillar

A carreira acadêmica de Maria de Jesus Daiane Rufino Leal começou a ser trilhada no final da sua graduação de jornalismo. Seguir para o mestrado foi uma decisão de continuar estudando, mas logo depois, tomou a decisão de ensinar. Em Picos, quando foi aprovada para o concurso da Uespi, precisou revezar suas salas com alunos do ensino médio, o prédio escolar em que a universidade passou por alguns meses acomodada era voltado para esta fase do ensino. Foi também com suas primeiras turmas de Picos que ela fez boas amizades que permanecem até hoje em sua vida. Sua relação pessoal com a cidade onde nasceu (Ipiranga do Piauí), vizinha a Picos, foi um fator importante. Estar em Picos, naquela época, não era apenas um retorno (pois sempre visitava o lugar), mas um presente. “Toda a experiência em Picos significou esforço, persistência e amor”, ressalta.

Vitória Pillar: Quais caminhos lhe levaram para ser professora no campus de Picos?

Professora Daiane Rufino: Seguir a carreira acadêmica foi algo que me veio ainda no final da graduação, quando eu estava fazendo TCC. Eu percebi a minha aptidão para área da pesquisa, mas a decisão mesmo de ingressar veio alguns anos depois de tempo

trabalhando no mercado, como jornalista. Eu resolvi fazer o mestrado e foi uma decisão de continuar estudando.

Meu estudo na minha vida foi algo que nunca parou. Eu nunca tive intervalos grandes, sem fazer curso, sem estudar. Então, fui fazer um mestrado em São Paulo – não havia no Piauí ainda mestrado em comunicação. Fui aprovada para o mestrado na Universidade Metodista de São Paulo e fui orientada pelo professor José Marques de Melo - uma das maiores referências no país em estudos sobre jornalismo e comunicação.

Fazendo mestrado já era um caminho para ingressar em alguma universidade como professora e isso já era um desejo. O mestrado era uma preparação para isso. Quando finalizei o mestrado, que eu retornei a Teresina, apareceu uma oportunidade do concurso para professor substituto na Universidade Federal do Piauí. Eu fiz, fui aprovada e fiquei dois anos como professora da UFPI. Foi muito gratificante pra mim. Tinha um valor simbólico muito grande na minha vida, mas ainda não era um concurso efetivo desejado.

Nesse período, a Uespi tinha uma carência, como ainda hoje tem uma carência muito grande. Havia uma carência muito grande dos professores e havia uma luta da ADCESP, da Associação dos Docentes da Uespi, junto ao Ministério Público Estadual. Eu lembro que eles ingressaram com ação na justiça para que o governo realizasse o concurso. Eu tenho essa consciência de que o concurso que eu ingressei na Uespi foi resultado de uma luta dos docentes, dos estudantes da Uespi que protestavam por melhorias estruturais, dentre elas a realização de concurso.

O concurso apareceu e tinha vagas para o campus de Picos. Foi uma oportunidade, não teve vaga para o campus de Teresina. No concurso, fiquei empatada em primeiro lugar com o professor Evandro Alberto, mas, por um critério de desempate, que acho que foi o

currículo, ele ficou em primeiro lugar e eu em segundo, então fomos nomeados juntos. Depois foram nomeadas mais duas professoras [Rosane Martins e Clarissa Carvalho], foram quatro professores contratados para este concurso. Nesse momento, ser professora de jornalismo de Picos foi uma questão de oportunidade, da luta daquele tempo para chamar professores para aquela cidade.

Vitória: Quais as principais memórias que você guarda do curso de Picos?

Daiane: Foi um desafio, tanto na UFPI quanto na Uespi. Eu estava ingressando em uma nova atividade como professora. Foi um momento de aprendizado e amadurecimento enquanto docente. A principal memória que eu tenho do curso, com certeza, são as pessoas, são meus alunos. Eu acho que eu consegui, falo isso sem nenhuma falsa modéstia, fazer uma relação muito boa com todas as turmas que eu tive em Picos. Eu fui professora em Picos durante quatro anos, de 2012 a 2015. E muitos deles são pessoas que ficaram na minha vida, que falam comigo, nos encontramos em outros momentos dessa trajetória da comunicação do jornalismo

Vitória: Como era a estrutura da Uespi de Picos quando você lecionou por lá?

Daiane: Sobre a estrutura sempre foi um ponto bem complexo essa questão da estrutura do curso. Eu falo não só em relação a estrutura do curso, mas a estrutura da própria universidade. Quando eu cheguei pra dar aula em Picos, o campus do Junco estava todo em reforma. Todo deteriorado. O campus fisicamente era muito ruim. Então, quando eu cheguei foi muito frustrante nesse sentido. As turmas estavam funcionando numa escola de ensino médio. Fui dar aula na escola chamada Marcos Parente. Eu dava aula numa sala onde tinha muito aluno de ensino médio, onde os alunos ficavam correndo e gritando e falando alto nos corredores. Era uma sala que não tinha ar condicionado, com

ventiladores barulhentos. Aquilo ali me deprimiu no sentido da falta de respeito com nós professores e com os alunos.



Daiane Rufino realizando pesquisas no Acervo Torquato Neto, em Teresina-PI.

Foto: Reprodução/Instagram.

Em 2012, eu tinha acabado de ter filho e quando eu fiz o concurso, eu estava grávida do Caleb [nome do filho de Daiane]. Ele nasceu em março e eu assumi o concurso em maio. O meu filho era bebezinho de dois meses, então, pra mim foi um desafio muito grande estar com um bebezinho e estar dando aula, como esses desafios que vem pra mulher. Deu tudo certo e eu acho que consegui fazer um bom trabalho.

Depois da reforma, nós voltamos para o campus anterior e ele já estava melhor, com ar condicionados e tudo, mas não posso deixar fazer essa crítica. A estrutura física da Uespi é ainda muito precária. Em relação a estrutura do curso também é muito precário, sem

bibliotecas com livros, sem programas de computador. Lá tinha um laboratório com muita dificuldade porque havia pessoas que se achavam donas dos ambientes e dos materiais. A gente tinha dificuldade no acesso e ele não tinha internet e os programas adequados. O professor tinha que se virar em muita coisa.

Vitória: Quais os projetos que a senhora conseguiu desenvolver no campus de Picos?

Daiane: Os projetos de pesquisa que eu desenvolvi não foram em parceria com o curso de Teresina, mas eu desenvolvi projetos de extensão dos quais eu me orgulho muito. Um deles contou com a parceria com a professora Samária Andrade, que foi lá fazer uma aula inaugural do semestre – quando a gente tinha oportunidade, fazíamos esse tipo de coisa.

Houve três projetos de extensão que foram muito importantes do meu ponto de vista. Eu fiz um projeto de extensão que nós envolvemos a comunidade Parque de Exposição, que fica próximo ao campus do Junco, onde os meus alunos fizeram oficinas de fotografia, de radiojornalismo e telejornalismo com jovens, adolescentes carentes daquele bairro. Fizemos uma parceria com a Secretaria de Assistência Social e com uma ONG, sobre comunicação comunitária. No final, a gente fez um evento com a comunidade, os alunos exibiram telejornal, exibiram as fotografias, exibiram o programa de rádio e os pais dessas crianças foram assistir. Foi um projeto de extensão que me orgulhou muito.

O outro projeto de extensão que me orgulhou bastante foi uma revista que nós fizemos sobre a história da cidade de Picos, em decorrência do aniversário da cidade. Os alunos fizeram várias reportagens sobre a história na área da economia, da educação, da política, da cultura do município de Picos. Conseguimos imprimir algumas edições, fizemos o lançamento da revista lá mesmo no campus e foi muito interessante.

O terceiro projeto de extensão foi um evento [da disciplina] de Ética, Legislação e Jornalismo. Foi muito bacana, porque nós levamos convidados de Teresina, fizemos em parceria com o pessoal do curso de Direito de Picos. Foram dois dias de palestras, mesas redondas, que discutiram essa questão ética e discutindo legislação.

Desenvolvi esses três projetos de extensão enquanto estive lá e que eu me orgulho muito do interesse e dedicação que os alunos tiveram.

Vitória: Como a experiência em Picos lhe marcou na sua trajetória docente, mas também, de alguma forma, pessoal? Se você pudesse resumir essa trajetória em três palavras, quais seriam?

Daiane: Eu sou muito grata pela oportunidade de ter estado em Picos. Eu tenho uma relação pessoal muito forte com a região, porque eu sou do município de Ipiranga do Piauí, pertencente à microrregião de Picos. Para mim, foi um regresso às minhas origens. Não é um regresso único, porque eu estou sempre lá, em Ipiranga. Eu tenho uma relação afetiva com a região e fico feliz de durante quatro anos, ter dado uma contribuição para formação de jovens que sonharam em ser jornalistas. Dei essa contribuição, que não foi fácil para um campus com poucas pessoas. Em três palavras, toda a experiência em Picos significou *esforço, persistência e amor*.

“Eu fui embora, meu amor chorou”: mais alguns professores que já passaram por aqui

Vinícius da Silva Coutinho, Thaila Vitória Santos Vieira e Thamyres Sousa de Oliveira

“Trabalhar na UESPI de Picos foi um divisor de águas na minha trajetória. Ali, aprendi e me tornei de fato professora!”

Michelly Santos de Carvalho

Foto: Arquivo pessoal



Michelly foi professora da Uespi de abril de 2016 a setembro de 2018 e fala sobre as suas principais memórias na instituição.

Michelly: Eu lembro bem do entusiasmo dos/as estudantes para as aulas. Lembro que não tínhamos muitos recursos para as aulas práticas, mas o pessoal sempre se esforçava muito para dar o seu melhor e fazer bons trabalhos. Lembro das conversas na cantina nos

intervalos das aulas, das oficinas inesquecíveis de fotografia com Emanuel Costa e o quanto todo mundo saía feliz das atividades que ele gentilmente preparava. Lembro do empenho da turma da disciplina de organização de eventos para preparar a *I Semana de Comunicação da UESPI de Picos*, o quanto trabalharam para conseguir bons patrocínios e fazer um evento espetacular, mas também o quanto o evento foi muito marcante para mim e para o curso, das boas conversas na sala de professores com algumas professoras e professores que fiquei amiga por conta do trabalho nesse campus. Lembro também das gentilezas e boa disposição dos funcionários do campus: Leydiane, Laéssio, Sr Francisco, Candinha, das meninas da limpeza, e tantos outros que não consigo mencionar aqui, mas que sempre foram afáveis e generosos. Lembro também das confraternizações e surpresas que os/as estudantes fizeram e o grande carinho que tinham por mim. Dos trabalhos de extensão que os/as estudantes organizavam e se empenhavam em fazer da melhor forma possível. Trabalhar na UESPI de Picos foi um divisor de águas na minha trajetória. Ali aprendi e me tornei de fato professora!

A professora Michelly Carvalho relembra também algumas de suas contribuições para com o curso de Jornalismo em sua passagem.

Michelly: Começamos a fazer a *Semana de Comunicação da UESPI de Picos*. Com o valor arrecadado em patrocínios e inscrições conseguimos comprar vários livros na área de comunicação para doar a biblioteca do campus. Iniciamos também encontros semanais de estudo e pesquisa na área de Comunicação e Direitos Humanos. Apesar de não termos formalizado um grupo de pesquisa na área, que era nossa intenção, lançamos sementes para o interesse no estudo e na pesquisa no curso.

Para além da sala, os laços de Adriana Magalhães



Adriana Magalhães, então editora-chefe do Jornal O Dia, participa de homenagem pelos 72 anos do veículo, em sessão solene na Alepi (2023). Foto: Assis Fernandes/O Dia.

Adriana Magalhães foi professora substituta do ano de 2016 até 2020, na Universidade Estadual do Piauí, Uespi. A relação de Adriana com a universidade foi de êxito, na época, se deslocava toda semana de Teresina para Picos a fim de contribuir com a sua bagagem comunicacional. Durante o período, ela dividia a rotina em Picos com o cargo de editora-chefe do jornal *O Dia*, um dos jornais mais antigos em circulação no Piauí, sediado em Teresina. Alunos da época contam que ela se dedicou muito a questões práticas das suas disciplinas devido à ampla bagagem comunicacional no mercado. Chegou a ministrar disciplinas de Jornalismo Digital e Plataformas Multimídias, instigando os alunos a criarem seus próprios sites e publicarem suas matérias.

Adriana era gente como a gente, a professora é descrita pelos alunos pela sua afetividade e os laços que construiu junto à universidade e com o alunado. Hospedada na casa de um

dos alunos e pegando o ônibus coletivo juntos às turmas, ela fazia da capital do mel um lugar para sentir. Segundo Vinícius Coutinho, aluno da docente durante o tempo da sua atuação, uma das características mais fortes da professora era não se limitar apenas às paredes da Uespi, nas aulas. *“Quando Adriana vinha para Picos, ela vivia Picos junto com os alunos e para além da sala de aula”*, lembra Vinícius.

Amanda Campos: “uma das melhores professoras que eu pude ter”

Quando se olha o Projeto Pedagógico do curso de Comunicação Social da Uespi de Picos, do ano de 2012, é possível perceber que a professora Ruthy Costa, a nossa Ruthynha, não economizou palavras ao mencionar que a professora Amanda Campos “inaugurou a habilitação de RP [Relações Públicas]”, em Picos. Na época, professora do quadro provisório da UESPI, Amanda foi a primeira professora a ministrar aulas na habilitação de RP, em 2007.

Com disciplinas como Organização de Eventos, Políticas de Comunicação e Comunicação Corporativa e Laboratório de Relações Públicas, a professora prendeu a atenção de uma turma de apenas três alunos, a primeira que decidiu cursar a habilitação de Relações Públicas. Ruthy relembra que depois da boa experiência que sua turma teve com a habilitação “engavetada” outras turmas começaram a despertar o interesse por seguir o curso.

Nem a pouca idade e tampouco o fato de ser recém-formada fizeram com que as aulas da “menina de Teresina” fossem menos atraentes. Cortando mais de 300 Km, semanalmente, Amanda fazia com que a carência da biblioteca de poucos livros fosse amenizada pelos materiais de apoio que a professora trazia e pela experiência adquirida no Cerimonial da Uespi, como lembra Ruthy Costa. Nem o fichário (pasta com argolas para inserir papéis) da Ruthy, fez com que a professora perdesse o foco em seu primeiro dia de aula.



Amanda Campos durante lançamento do livro O Processo e os Impasses da Legalidade (2018), no qual é autora do capítulo TRANSAÇÃO PENAL: instituto despenalizante do JECRIM.

Foto: Reprodução/Plataforma Lattes

“Quando ela começou a aula, meus olhos brilhavam, mas depois eu percebi que eu estava assustando a professora [risos]. Na ânsia de entender ‘tudo’ de RP, eu tinha respostas e comentários para tudo que ela dizia. Ela olhava minhas anotações, aquele fichário cheio de páginas, mas seguia firme na sua aula. Sinceramente, na minha habilitação de RP, eu tenho a Amanda como uma referência extremamente positiva. Ela sempre chegava em sala de aula com informações novas, com exemplos reais, atuais, interessantes. [...] Depois os nossos caminhos tomaram rumos diferentes, ela voltou pra Teresina, eu segui em Picos, mas sempre a tive como uma das melhores professoras que eu pude ter”, relembra Ruthy.

Graciele Barroso em mais uma edição de “Romper com as impossibilidades”

Houve um período em que um prédio com a fachada escrita “Universidade Estadual do Piauí” era o sonho do uespiano, em Picos. Quem, hoje, passa pela BR-316 e vê a fachada do Campus Altamira, pode passar despercebido às dificuldades atravessadas para chegar ao que temos hoje. Na mesma época em que faltava salas de aula fixas, biblioteca equipada, equipamentos para aulas práticas de TV, sobrava boa vontade. Mayara Ferreira, hoje, professora do curso de Jornalismo da Uespi de Picos, foi aluna do curso de 2008 a 2011 e lembra que neste cenário a boa vontade atendia também pelo nome de Graciele Barroso, egressa do curso, repórter e apresentadora de TV “das boas” e que, assim como Ruthy Costa, fez parte de um grupo que era aluna e logo voltou como professora.

O Educar Nestante, plataforma educacional que tem a coordenação pedagógica da jornalista da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Graciele Barroso, venceu o Prêmio LED – Luz na Educação, da Rede Globo e da Fundação Roberto Marinho.

Foto: Reprodução/Instagram



Mayara lembra que as disciplinas de Telejornalismo da sua época e de turmas vizinhas foram salvas pela *expertise* de Graciele, que dosava a mão entre as reflexões e a experiência prática, que ela já acumulava da TV Picos. Mesmo formada em uma fase difícil e voltando ao curso com dificuldades ainda maiores, a jovem professora não se deixava vencer pelos desafios, mesmo que para isso a própria câmera filmadora tivesse que rodar os quatro cantos de Picos com sua, conforme Mayara conta.

“Graciele tinha vontade de ser professora e tinha vontade de romper com os desafios que as circunstâncias acabavam nos colocando. Eu lembro que, nas aulas de telejornalismo, ela emprestava a filmadora dela para a gente ter a experiência de produzir reportagens. Cada semana a câmera ficava com uma equipe”, relembra Mayara Ferreira.



Em 2023, Graciele retornou à Uespi de Picos para participar da cerimônia de abertura da 5ª Semana de Comunicação, edição que tratou sobre os 20 anos do curso de jornalismo, no sertão.

Foto: Ascom

Na falta de estúdios de TV, a parceria com a TV Picos, emissora pública pertencente à Fundação Rádio e Televisão Educativa do Piauí, chegou na hora certa e fez

com que “a turma de Mayara” vivesse a experiência de estúdio em um ambiente em que alguns poderiam ocupar depois.

“A gente foi para a TV depois que terminou o jornal e a aula foi lá. Então, ela levou a gente para o estúdio. Colocou cada pessoa no estúdio para gravar uma escalada, uma chamada de jornal e aí depois ela foi avaliando de um por um, dando feedback. Então, para mim o diferencial dela era esse, o romper com as impossibilidades”, finaliza Mayara.

Rosane Martins: um afago e um fôlego profundo no curso

“Uespi lança edital de concurso com 240 vagas para professor na sexta”. Este era o título de uma matéria divulgada pelo site *Cidadeverde.com*, em 31 de agosto de 2011. O número que saltava aos olhos do leitor tinha um peso forte para a turma de Clebson Lustosa, jornalista e relações públicas formado pela Universidade Estadual do Piauí - Campus Picos, que, na época (desde 2010) cursava jornalismo. Segundo o jornalista, que “pegou o quente do movimento SOS Uespi” - movimento em que estudantes, professores e técnicos ocupavam espaços e reivindicavam uma universidade melhor - Rosane Martins, uma das professoras aprovadas naquele concurso, chegava para dar um fôlego ao curso de Comunicação Social em uma fase que não era das melhores.



Rosane Martins.
Foto: Reprodução/Plataforma Lattes

Clebson lembra o currículo de Rosane, da sala que os abrigava naquele momento de restauração do prédio sede, mas a memória mais forte foi da professora que, mesmo diante das dificuldades, queria fazer acontecer.

“Quando a Rosane começou a dar aula para a gente, a nossa turma estava no [Centro Educacional] Marcos Parente, uma escola de ensino fundamental e médio e você imagine como é que aluno de universidade, que a gente pega, às vezes, uma aula ligada, entra 6h da noite e vai até 9h30 [da noite], com textos muito densos, vai dividir o mesmo espaço com os estudantes [de ensino fundamental e médio]. De 50 em 50 minutos tocava uma sirene para ter troca de professor e os alunos iam para os corredores e era aquele barulho. A Rosane vinha de duas universidades com boa estrutura. Ela fez a graduação na Universidade Federal do Piauí e o mestrado na Universidade Federal do Ceará, se não me engano [checamos e foi esta universidade]. Ela chegou na Uespi e encontrou aquele caos e, mesmo diante dessa dificuldade, ela falou assim: é isso que eu tenho, mas isso não vai me impedir de entregar o meu melhor”, relembra Clebson.

Detalhista, ele fez questão de mencionar o bom humor, a disposição, alegria e a maestria de Rosane na “arte do ensinar”. Dentre as disciplinas que ela chegou a lecionar, instintivamente, o hoje âncora e diretor de Jornalismo da TV Cidade Verde em Picos, tem nítida a disciplina de telejornalismo.

“Ela sempre chegava muito bem humorada na sala de aula, sempre disposta a querer ensinar a querer, naquele momento, construir uma boa formação para os alunos e eu lembro que isso era o que diferenciava muito ela: a alegria, de querer fazer acontecer,

de preparar uma aula boa, com bom referencial teórico. Ela tinha um compromisso com a aula dela e com os alunos. Ela conseguia fazer com excelência. [...] Era uma aula tão gostosa de assistir que você tinha vontade de participar”, reforça o ex-aluno.

Formada em um contexto em que o fazer educação e comunicação têm forte ligação com a educação libertadora de Paulo Freire, Rosane construiu junto ao alunado de Picos a ideia de que os alunos deveriam passar pelas disciplinas, de modo que as disciplinas também deveriam fazer parte da vida deles. Foi assim quando ela resolveu fazer uma roda na biblioteca e revisar conteúdos de Teorias da Comunicação.

“Essa preocupação e compromisso eram tão grandes que eu lembro que ela se disponibilizou em ir para a Uespi, em um horário fora da carga-horária dela, para ensinar teorias da comunicação, porque quando pagamos teoria da comunicação I e II foi jogado. Era o básico, era o alicerce que a gente precisava para as próximas disciplinas, era teoria da comunicação, e a gente não sabia nada. Ela se disponibilizou a ir várias tardes para a Uespi. A gente ia para a biblioteca, ela fazia uma roda com aqueles que queriam participar. Ela ia, apareciam 3, 4, 5 [alunos] e ela explicava do mesmo jeito, com a mesma vontade”, detalha Clebson.

Humanidade e empatia também fizeram parte das qualidades que Clebson usou para definir Rosane. Ele aponta como um dia pesado, o dia em que a aula de Produção e Edição em Telejornalismo teve que ser encerrada antes do tempo, devido às condições da sala ofertada, em um período em que o campus passava por ajustes.

“Nós assistimos aula de Produção e Edição em Telejornalismo dentro de um laboratório de anatomia. E eu lembro que, um dia, ela percebeu que não iria conseguir

terminar a aula, porque ela estava percebendo o nosso sofrimento. [...] A gente começou a lacrimejar, o olho começou a ficar vermelho, o cheiro ficou forte. Ela tentou segurar a aula ao máximo, mas teve uma hora que ela disse: gente, eu vou ter que liberar, porque não vai ter como vocês assistirem aula aqui. Esta cena até, hoje, fica aqui na minha mente”, relembra o jornalista.

Clebson também é cuidadoso ao lembrar que a parte de pesquisa e extensão andavam a passos curtos na sua época de estudante e aponta a professora Rosane Martins como alguém que fez o exercício de “pegar na mão” de alguns alunos e fez pesquisas relacionadas ao telejornalismo picoense.

Carinhosamente chamando a professora de “madrinha”, ele finaliza mencionando o que da Rosane ficou nele em Picos.

“Eu sempre falo que a Rosane é uma madrinha para mim. A Rosane foi a primeira pessoa que me abriu uma porta profissionalmente para trabalhar com tv. Foi a pessoa que apostou neste Clebson para trabalhar em TV e eu sempre faço questão de contar esta história. Ela foi importante para me mostrar que mesmo sendo profissional, mesmo diante de cenários difíceis e de situações que não são favoráveis você pode dar o seu melhor. O seu melhor pode ser algo muito grande e trazer bons frutos. [...] E ser ético também. Durante as discussões, durante os debates, as questões que a gente levantava, de ser um jornalismo para o povo, de fazer um jornalismo com espaço de passagem de voz para quem realmente precisa. Eu acho que este lado humano que eu tenho, sensível também, em algum momento para escrever algum texto, a sensibilidade de olhar para determinados assuntos na hora de escrever, de reportar, acho que vem muito da Rosane também”, conclui.

UM REITOR DO CURSO

Ser jornalista é também sonhar. Sonhar com um futuro melhor, com um mundo sem desigualdades sociais e com lugares que todos possam ter acesso igualmente. Enquanto a igualdade não for regra, é dever do jornalista contribuir para que esse sonho se torne real, afinal, é através do nosso trabalho que as notícias chegam até as pessoas. Com Evandro Alberto, este sonho não foi diferente.

Nesta seção é apresentada a trajetória do menino nascido e criado numa cidade interiorana do sertão piauiense e que, desde criança, buscou chegar ao ensino superior, em condições em que as mãos das políticas públicas, infelizmente, pouco chegavam ali.

Filho de pais agricultores, a história da colheita se repete nesta seção. Evandro se tornou professor do curso de jornalismo na Uespi e foi um dos grandes incentivadores para que o curso fosse implantado e continuasse até os dias de hoje.

A pá e a enxada, presentes no sustento de muitas famílias do interior, como a de Evandro, foram substituídas por caneta e papel, através da educação. O atual reitor da Universidade Estadual do Piauí iniciou sua carreira uespiana na docência, passando pela coordenação, direção e chegando ao atual cargo de reitor da universidade. Evandro Alberto é o primeiro reitor da Uespi oriundo de campus do interior do Piauí, cargo que não lhe impediu de viajar toda semana para seu campus de origem para ministrar aulas. Puxa a cadeira e vamos escutar a história do reitor do interior.

Trabalho, estudo e determinação: a tríade que levou Evandro Alberto a uma trajetória de conquistas

Dayanne Lopes Borges e Lívia Maria da Silva Costa

Aos 12 anos, o garoto que vendia jornal para comprar um lanche não imaginava que chegaria ao cargo máximo administrativo da Universidade Estadual do Piauí (Uespi), a reitoria. Essa trajetória de conquistas é iniciada de forma simples e despretensiosa. Natural de Picos e filho de agricultores, Evandro Alberto de Sousa é professor do curso de jornalismo da Uespi e está como reitor nessa instituição (até a data em que editamos esta publicação). O jornalista acumula diversos títulos, como o de mestre e doutor em serviço social e também já ocupou cargos desejados do mercado de trabalho, como o de assessor de comunicação da prefeitura de Monsenhor Hipólito.



Evandro Alberto durante a V Semana de Comunicação Social na Uespi, em 2023. Foto: Arquivo pessoal da Ascom.

Em seus relatos, o atual reitor da Uespi revela que começou a trabalhar na adolescência, mas sem desistir dos seus estudos. Funcionário do Armazém Paraíba, Evandro Alberto desempenhou diferentes funções, atuou nos serviços gerais, nas vendas e também teve a oportunidade de substituir o locutor da loja. Toda essa trajetória o influenciou para escolher a graduação de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, embora sua mãe torcesse para que ele cursasse Direito. Apesar da dúvida, Evandro se dedicou ao Jornalismo. “O jornalismo vem daquelas leituras que sobravam os jornais. Eu achava interessante porque as pessoas compravam o jornal para se informar, então eu queria mostrar que eu tinha alguma informação [...] E veio a oportunidade de ser locutor do Paraíba. Eu fiz também um programa na rádio Grande Picos AM, se chamava *Rádio Comunicação*. Aos domingos, eu tinha uma audiência, então veio a vocação para o jornalismo e dentro de uma área específica que era o rádio”, conta.



*Evandro Alberto no início da sua trajetória escolar no colégio Francisco Santos, em Picos.
Foto: Reprodução/instagram.*

Durante sua graduação, Evandro Alberto continuou se movimentando e acumulando experiências de trabalho. Antes de concluir o bacharelado em jornalismo, ele conseguiu registro profissional, pela conclusão de um curso de radiojornalismo. Para exemplificar que a comunicação esteve inserida na sua realidade, o docente revela que também trabalhou como ator para um comercial de supermercado e de animador em portas de lojas. "Foi uma área que deu muito certo comigo, que eu gostava. Eu acho que todo profissional que gosta do que faz não é aquele peso, aquele fardo, você faz o que gosta, você tem inspiração a cada dia, não te cansa, e o jornalismo para mim é assim", argumenta.

Após concluir a graduação na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Evandro Alberto se tornou especialista em comunicação educacional pela mesma instituição em que se formou jornalista. Por meio de uma instigação de um amigo que estava na docência, Evandro retornou para Picos em busca de se tornar professor. "O curso foi fundado em 2001 e em 2002 eu fiz o seletivo, fui aprovado e em 2003 estava como coordenador de curso", relembra os primeiros anos da docência, que coincidem com a implantação do primeiro curso de jornalismo no interior do Piauí. Evandro iniciou em 2002 como professor substituto e ficou nessa condição até 2008 quando o contrato provisório acabou. Durante suas atividades na Uespi, Evandro Alberto fundou o curso de jornalismo na Faculdade R.Sá.



*Aula inaugural
do curso de
Comunicação
Social.*

*Foto: Arquivo
da Liga Joeme.*

Em 2012, Evandro Alberto foi aprovado no concurso de professor efetivo e retomou as atividades docentes na Uespi. Em 2016, inicia-se sua carreira na área administrativa na Universidade Estadual do Piauí. Nesse ano ele foi eleito e ficou à frente da direção do Campus Professor Barros Araújo (CPBA). Em 2017, assumiu a vice-reitoria e em 2021 ganhou a consulta acadêmica e foi empossado como reitor. Evandro conta que toda essa trajetória não foi planejada, mas sim uma missão que foi confiada a ele por ter sido convocado. “Eu fui chamado, eu tive a confiança dos pares e, hoje, estou desenvolvendo essa missão com muito orgulho e muito amor”, reforça.

O reitor do interior

Evandro Alberto diz nutrir sentimento de gratidão por ser o primeiro reitor do interior. Embora durante a campanha ela tenha sentido uma discriminação, preconceito

e xenofobia por conta do seu local de origem. “A forma que cada um pensa e aqueles que tiverem esse posicionamento devem ter os motivos e só a eles cabe explicar o porquê tiveram essa posição, mas a Uespi é uma universidade acolhedora. Eu fico feliz em ser o primeiro reitor tanto de uma área que é pequena na nossa instituição como o jornalismo e também de ser do interior, porque ali estou representando toda a universidade e pela primeira vez o interior teve essa oportunidade com a nossa candidatura e com a nossa gestão”, afirma.

Outro comportamento que Evandro diz entristecê-lo são as críticas destrutivas direcionadas à Uespi: “quando eu vejo alguém tentando elevar a baixa estima, transferir um sentimento de que a universidade é algo que não supre, que é algo pequeno, é algo que é esfacelado, fico muito triste com isso, porque a nossa universidade é pujante, a nossa universidade é grande, é gigante e transforma a vida das pessoas”, reforça.

O reitor descreve sua relação com Uespi e não deixa de sinalizar que os desafios também foram presentes: “Por eu ter vivido o período mais difícil com a Universidade, eu passei a ter um amor incondicional por essa instituição. Então, eu não só vivo, eu amo essa instituição. A Uespi me deu a oportunidade de mostrar o trabalho que ela é capaz de fazer, construí amizades e, mais do que isso, passei a ter uma meta em relação àquilo que a gente podia propor para melhorar a educação”, destaca.

Sobre o legado que Evandro vem construindo, ele lista que a construção da nova sede de Picos, que teve mobilização de professores, servidores e do Diretório Central de Estudantes (DCE) da época; a inauguração do campus de Oeiras Prof. Possidonio Queiroz; a ampliação do número de professores; a pista de atletismo; ônibus para o campus de Picos. O reitor também revela que vem preparando um novo concurso [realizado antes de

terminarmos a edição da obra], além de projetos para inaugurar. Para o futuro, Evandro busca uma universidade mais moderna e cheia de oportunidade para quem constrói a Uespi: alunos, técnicos, colaboradores e professores.

A partir da sua experiência, Evandro Alberto deixa um recado para quem está em busca das suas conquistas: “primeiro de tudo, você tem que acreditar em você mesmo, você tem que acreditar e confiar, ser sereno e ser tranquilo. Construa a sua caminhada sem se preocupar com o resultado a curto prazo, tenha isso como uma missão de vida, uma missão de trabalho, uma missão de colaboração, porque as pessoas têm que entender que muitas vezes o maior obstáculo está quando a pessoa não acredita, quando ele espera muito do outro, então cada um de nós temos que fazer a nossa parte”, finaliza.

O CURSO INTERLIGADO A OUTROS CURSOS

Em épocas passadas, ter um curso de Comunicação Social no interior do Piauí era apenas um sonho distante, que através de muita luta e empenho acabou se tornando realidade. O curso de Comunicação Social surgiu na Uespi no ano 2002, e, posteriormente, no ano de 2006 no Instituto Superior Raimundo Sá, ambos na cidade de Picos.

Quem diria que aquele sonho distante desejado por jornalistas sem uma graduação seria realizado. É aquela mesma história quem planta, colhe. Hoje, o Piauí conta com cinco cursos de jornalismo, sendo três na capital do estado e dois no interior do sertão piauiense.

Atualmente, a Uespi de Picos tem um corpo docente formado não apenas por professores do estado do Piauí, mas de outros lugares, como Paraíba, Minas Gerais, Pernambuco, Sergipe e etc. Esta mistura acaba interligando não apenas os cursos, mas a cultura de quem faz o curso.

Mais do que um atravessar de BR, os cursos de jornalismo da Uespi e da Faculdade da R. Sá têm dividido o campo comunicacional picoense, a organização dos eventos, a equipe de professores e outras memórias.

Cursos interligados: instituições de ensino contribuem para uma Picos comunicacional

Dayanne Lopes Borges

Lana Krisna, Orlando Berti e Ruthy Costa são professores da Universidade Estadual do Piauí (Uespi), mas também exerceram a docência na Faculdade R. Sá por um tempo considerável. Esses professores, além de possuírem a visão holística da comunicação piauiense, também proporcionaram conexões entre os alunos dos dois cursos de jornalismo de Picos, na instituição pública e na privada.

Orlando Berti, apesar de lecionar, hoje, na Uespi de Teresina, contribuiu ativamente para o desenvolvimento dos cursos de jornalismo nas duas instituições. “Eu e a professora Sônia Maria tivemos a oportunidade de sermos os primeiros professores efetivos da Uespi”, revela. Orlando também contou que os cursos de jornalismo da Uespi e da R. Sá são semelhantes por terem sido pensados pelo atual reitor da Uespi, Evandro Alberto de Sousa.

De acordo com a lembrança de Lana Krisna, que foi professora e coordenadora na Faculdade R. Sá, e é professora na Uespi, a implantação do curso de jornalismo aconteceu justamente na fundação da faculdade, em 2006. Nesse período, Orlando Berti e Sônia Maria foram convidados para serem docentes da faculdade.

Ruthy Costa e Lana Krisna foram alunas das primeiras turmas dos cursos de jornalismo, da Universidade Estadual do Piauí e da Faculdade R. Sá, respectivamente. Nessa época já acontecia a ligação dos dois cursos: o professorado. Hoje, essa ligação foi estendida e acontece também por iniciativa dos alunos. Ruthy Costa reforça este envolvimento quando conta que foi solicitada pelos então alunos da graduação Vinícius Coutinho (Uespi) e Aparecida Mota (R.Sá) para ser orientadora de um artigo científico da dupla de universitários.

Momentos emblemáticos que explicitam a ligação dos cursos de jornalismo de Picos são os eventos. Tradicionalmente, todo ano acontece o *Fórum de Jornalismo*, na R. Sá, e a *Semana de Comunicação*, na Uespi. Esses são momentos em que os alunos de jornalismo interagem nas oficinas, rodas de conversas e grupos de apresentação de trabalhos.

Ruthy Costa também comentou outras formas de integração dos cursos: “sempre tem um convite para participar de uma banca de TCC. Eu lembro que, no ano passado, eu participei de muitas bancas do pessoal de Teresina”. De acordo com Ruthy Costa, a parceria institucional que vai da capital ao interior também é importante.

*Ruthy e Lana
com estudantes
da Uespi e da
R.Sá durante a
programação do
4º Fórum de
Jornalismo da
Faculdade R. Sá.
Foto: Arquivo
pessoal de
Vinícius
Coutinho*



Questionados sobre as principais diferenças e desafios, a professora Ruthy destacou: “eu sempre disse que os desafios existem em todo lugar, porque, às vezes, as pessoas e, até mesmo os estudantes, têm uma visão de que o estudante dá outra tem mais coisa, tem mais curso, tem mais aquilo. Mas existem dificuldades em todas. E, muitas vezes não são as mesmas dificuldades, mas não quer dizer que não exista”.

De acordo com a professora Lana Krisna: “é possível destacar na estadual a problemática orçamentária, já na privada o condensamento de disciplinas”. No entanto, hoje, as disciplinas das duas universidades estão semelhantes, o que muda é a nomenclatura ou organização.

Os professores convergiram na percepção das contribuições comunicacionais na região picoense e piauiense por parte das universidades. “Picos é a terceira maior cidade do Piauí, ela se destaca como a segunda cidade com maior potencial midiático. Por

exemplo, Picos tem um radiojornalismo muito forte. Picos teve uma inserção profunda no telejornalismo e, hoje, também tem uma presença marcante no webjornalismo e nas assessorias de comunicação”, ressalta o docente Orlando Berti.

Para Ruthy, a principal contribuição é a regionalização da comunicação. “A gente passou a discutir nas pesquisas e em sala de aula a nossa comunicação e a registrar a história da nossa comunicação, e não mais a história da comunicação nacional ou de realidade totalmente distante da gente”, pondera.

Já Lana Krisna ressalta que a formação do jornalista contribui para o desenvolvimento social. “Observo que os cursos de jornalismo em Picos não só atuam na melhoria da comunicação de qualidade, mas também para a própria organização da cidade, que se torna um pólo. Nós temos, hoje, acho que cerca de 15 portais ou 20 portais na cidade, temos duas emissoras de TV, temos correspondentes, temos várias emissoras rádio, temos rádio educativa, rádio comunitária, rádio comercial”, afirma.



Registro feito logo após a última aula da professora Lana Krisna na turma concludente de 2022. A disciplina era Estágio Supervisionado.

Foto: Arquivo pessoal de Vinícius Coutinho.

Assim, desde 2002, Picos vive um novo momento em sua comunicação, que pulsa em outros campos da sociedade, graças aos dois cursos existentes, e, para além, com as relações com o curso da capital, sobretudo da Uespi. Essas contribuições só crescem quando as interligações acontecem para colaboração e desenvolvimento.



Alunos de Jornalismo da Uespi de Picos no 8º Fórum de Jornalismo da Faculdade Rsá, em 2023.

Foto: Arquivo pessoal de Thaila Vitória.



Alunos de Jornalismo da Uespi de Picos no 8º Fórum de Jornalismo da Faculdade Rsá, em 2023.

Foto: Arquivo pessoal de Thaila Vitória.

Uma enfermeira entre jornalistas

Ylana Nunes de Oliveira

Meu nome é Ylana Nunes de Oliveira Vasconcelos, sou estudante de Enfermagem na Universidade Estadual do Piauí (Uespi). Meu primeiro contato com o curso de jornalismo da Uespi veio com a publicação de um edital selecionando novos membros para fazer parte de uma liga. A liga abriu oportunidade para pessoas de outros cursos fazerem parte. Ali, vi a chance de estar em um local com pessoas que entendiam mais sobre pesquisa e extensão e sabia que estando ali iria aprender mais sobre o assunto.



Ylana Nunes em ensaio de formatura

Foto: Arquivo pessoal da Ylana Nunes

Em dezembro de 2021, meu coração se encheu de alegria por ter sido selecionada para a Liga Acadêmica de Jornalismo, Educação e Memória - Joeme. Devido à pandemia da covid-19, os primeiros encontros foram no meio virtual. Mesmo assim, me senti tão feliz com a recepção calorosa que fizeram, com músicas, textos e reflexões falando sobre a liga e a trajetória de seus membros, era impossível não me emocionar estando no meio de pessoas tão acolhedoras.

Abriram, então, vagas para a diretoria da liga e deixaram novos integrantes, como eu, fazer parte. Depois de uma recepção tão maravilhosa que tive, foi impossível recusar o pedido, queria ser como eles, conhecer mais desse amor que foi exposto.

No início de 2022, a liga fez um Curso de fontes historiográficas e, mais uma vez, deu oportunidade para pessoas de outros cursos se inscreverem e aos membros da liga para dirigirem os encontros. Eu percebi ali a organização e o compromisso dos membros em fazerem o curso ter um bom andamento. O clima me fez querer ajudar e participar mais.



*Ylana Nunes durante o encontro da Liga Joeme, em novembro de 2022.
Foto: Arquivo da Liga Joeme*

A pandemia foi sendo controlada e as aulas presenciais voltaram. Já no primeiro dia de aula, tive o primeiro encontro presencial da liga. Era a vez de conhecer as fundadoras da liga frente a frente e saber como tudo funcionava ao vivo e a cores. No início veio um certo nervosismo, mas que logo foi passando com a roda de conversa, conheci pessoas reais, que se conhecem e ajudam os outros, enfrentam problemas e se aconselham.

Foi um novo mundo para mim. Mesmo tímida no início, me vi em meio a pessoas que eu podia contar e ser amiga. A Liga Joeme é se sentir em casa, mesmo estando na Universidade, é sobre estar cansada e sentir descanso e conforto. Muitas vezes, ao ver um edital de um outro curso podemos ter a percepção de que ele não terá significância no conhecimento, por ser de uma área diferente. Mas, estar em um meio diferente do seu, faz você ter conhecimento que você nunca teria se optasse por não sair de sua zona de conforto. Espero que quem leia o meu relato possa também sentir vontade de fazer parte dessa liga e conhecer os jornalistas.

O CURSO HOJE

Final de 2024, indo para 2025, e como está o curso hoje? Bom, é nítido dizer (sem modéstia) que está bem melhor, apesar de ainda existirem dificuldades.

Hoje, com laboratórios mais equipados, biblioteca, câmeras fotográficas, projetos de extensão e de pesquisa, liga acadêmica, atlética, um evento anual fixo, um DCE ativo, composto por alunos do curso de jornalismo e um corpo docente maior do que no início e sempre disposto a incentivar seus alunos, podemos dizer que o Jornalismo da Uespi de Picos cresceu, de fato.

O curso de hoje é um curso melhor que o de ontem, mas que ainda luta. Arriscamos dizer que é um curso que não forma apenas jornalistas, ele prepara e forma pessoas humanas e fortes.

Com premiações locais, nacionais e internacionais, o curso de jornalismo da Uespi de Picos tem transformado vidas. Caiu um cisco no olho dos organizadores. Confira esta seção que traz memórias do curso narradas por professores e alunos.

Memórias cruzadas na Universidade: o Curso de Jornalismo na atualidade

Dayanne Lopes Borges

Para falar do curso de jornalismo na atualidade, passamos pelas histórias de pessoas cujas memórias se cruzaram no fazer universitário. Com histórias e trajetórias diferentes, Jaqueline Torres, Thamyres Sousa e Vinícius Coutinho escolheram e foram escolhidos para fazer parte do curso de jornalismo da Universidade Estadual do Piauí (Uespi), Campus Professor Barros Araújo, na cidade de Picos.



Jaqueline Torres e aluno do curso, durante a VI Semana de Comunicação Social da Uespi, em 2024.

Foto: Arquivo pessoal de Bismark Sousa

A história de Jaqueline Torres com a Uespi começa em 2005, quando a professora se candidatou para o concurso que iria selecionar apenas um professor para fazer parte do quadro docente do, até então, curso de comunicação social, no Campus Professor Barros Araújo. Embora não tenha sido aprovada em primeiro lugar e ficado com a vaga no primeiro momento, no ano de 2006, Jaqueline foi convocada para assumir o cargo.

Junto com a atividade de professora, Jaqueline Torres foi construindo seu perfil de pesquisadora. “Na graduação, não tive a oportunidade de me preparar para ser docente, eu fui preparada para atuar no mercado de trabalho”, afirma. Apesar de não ter tido contato com o âmbito acadêmico na graduação, a professora Jaqueline Torres caminhou para sua construção como docente intelectual, e ao tempo em que atuava, estudava, concluindo seu doutoramento em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale no ano de 2022.

Já a relação de Thamyres Sousa com a Uespi teve início bem cedo, ainda na infância dela. Por morar próximo ao Campus Torquato Neto, em Teresina, e seu pai trabalhar na antiga sede do Governo do Estado, no Palácio do Pirajá, espaço que hoje é a Reitoria da Universidade Estadual do Piauí, Thamyres acompanhava seu pai no trabalho e brincava naquele espaço. Até que em 2018, foi convocada no concurso público para professor efetivo. Aí, nesse ano, a relação da docente foi oficialmente formalizada com a Uespi.

Thamyres Sousa revelou um certo receio em prestar o concurso para ser docente do curso de jornalismo da Uespi, Picos, pois nas experiências que teve nos certames, sempre ficava presa por conta da titulação, por ainda não possuir o doutorado. Mas diante da obstinação e amor da professora Mayara Ferreira pela Uespi e pela cidade de Picos, Thamyres se sentiu estimulada e se inscreveu para o processo seletivo. “Mayara sempre

teve um amor muito grande por Picos e pela Uespi de Picos, ela colocava muito para a gente de maneira muito incisiva que queria voltar para a terra dela. Então, aquilo foi me mexendo também”, lembra.



Thamyres Sousa durante um encontro da Liga Joeme, em 2022. Foto: Arquivo pessoal de Thaila Vitória

Assim, entre idas e vindas da capital ao interior, essa professora atua em atividades de ensino, pesquisa e extensão no curso de jornalismo de Picos, mas da universidade que, por toda uma vida, foi vizinha de sua casa, enquanto morava com os pais, na capital.

Por outro lado, Vinícius da Silva Coutinho foi estudante do curso de jornalismo da Uespi, Picos, hoje, jornalista egresso dessa casa. Ao longo da graduação, Vinícius buscou viver o tripé da universidade pública: o ensino, a pesquisa e a extensão. O aluno participou dos programas de monitoria, do programa de iniciação científica, de projetos e programas de extensão, como a Liga de Jornalismo, Educação e Memória (Joeme). “Todas as ações que tiveram para mim, que estavam ao meu alcance, eu fui pegando e procurei desenvolver ao máximo possível”, conta. O formado revela que quando

ingressou no ensino superior, em 2018, sabia que estava na universidade certa e no curso certo. “Sempre quis Jornalismo”, afirma.



Vinícius Coutinho durante apresentação de artigo no Intercom Nordeste de 2022, em Salvador-BA.

Foto: Arquivo pessoal de Vinícius Coutinho

Hoje, o jornalista Vinícius é mestrando em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos, na Universidade do Estado da Bahia, carregando experiências de pesquisa, como também do campo prático em atuações como redator, social media e assessor de comunicação.

Eu, Dayanne, sou estudante de Jornalismo em final de curso na Uespi [Dayanne terminou o curso antes da publicação da obra], lugar com que tenho desenvolvido relações que se aprofundam desde que vim de Fortaleza a Picos para me graduar. Também tenho vivido a pesquisa e a extensão por aqui. Conversei com os três personagens sobre suas memórias e sobre o nosso curso. Vamos ao papo com eles?

Dayanne: Como vocês vêem o curso de Jornalismo da Uespi de Picos, hoje?

Jaqueline: A minha percepção é de que o curso teve muitas evoluções em todos os sentidos. Eram poucas turmas, no caso, só duas. Eram apenas dois professores efetivos, fora eu. Tinha também a própria carência de material, carência de logística. A gente sabe que a biblioteca é carente hoje, que precisa de material, mas a gente consegue suprir com o que a internet disponibiliza para a gente. E, antes, a gente não tinha essa possibilidade. Então, a carência de laboratório também sempre existiu e foi muito forte, inclusive, porque as parcerias que foram estabelecidas com outros órgãos para suprir essa necessidade foram sendo vinculadas só depois. No início, a gente não tinha isso. Hoje, eu vejo nos alunos muita certeza no que querem, muita certeza nas escolhas. Antes, não eram tão comprometidos, mas, hoje, eu vejo uma certeza em cada aluno. O próprio Vinícius, né? Ah, desde o primeiro momento ele quis ser professor. Hoje, já temos um número maior de professores efetivos, apesar de precisarmos de um quadro maior. O comportamento dos professores substitutos é bem diferente dos [professores] do passado. Hoje, eles são comprometidos e empenhados! Eu acho que o curso de jornalismo completa 20 anos em seu auge, na sua efervescência, enquanto produção acadêmica, enquanto relações humanas. E eu acho que o caminho é esse, bem promissor para o nosso curso.

Dayanne: Quais as contribuições do curso de jornalismo da Uespi para a cidade de Picos?

Vinícius: Com a chegada da TV Cidade Verde em Picos, em 2022, foi necessário buscar profissionais daqui. Segundo os próprios funcionários da emissora, 90% do quadro de servidores é formado por egressos da Uespi. Outro ponto é que Picos é um entroncamento

importante do Nordeste. Se em todo lugar hoje em dia precisa de comunicadores, imagine uma cidade como Picos que é “mãe” dessas cidades pequenas. Creio que o curso de jornalismo capacita essas pessoas, nos capacita para trabalhar com diversas coisas que acontecem nessa cidade.



*Thamyres Sousa, Thaila Vitória e Paloma de Sousa em atividades do projeto de extensão Hemeroteca: um lugar de memória do Jornalismo de Picos-PI.
Foto: Arquivo do Projeto Hemeroteca*

Dayanne: Como acontece, hoje, a extensão no curso de jornalismo?

Thamyres: Eu vim de uma instituição, a Universidade Federal do Piauí, que a organização dela em si no curso de jornalismo, nos projetos de extensão, era um pouco distante da comunidade geral. Hoje, aqui na Uespi, os projetos são criados de acordo com as necessidades que os professores percebem dentro do curso e buscam fazer com que esse nosso aluno consiga atender a comunidade. Também é importante que o aluno traga a

comunidade para dentro da universidade. Nós temos um projeto de extensão que tem se desenvolvido no curso nas mais variadas instâncias, estamos em uma fase em que o projeto maior do impulso tem sido a Liga Joeme, mas outrora, existiram outros projetos de extensão a partir da professora Michele, que foi substituta, ela desenvolveu muitas atividades na área assessoria e na área de TV. Com o número maior de professores que nós temos, agora, espera-se que esse número de projetos de extensão cresça mais ainda, de modo que possamos ter linhas de atuação distintas.

Dayanne: Desde que o Campus Professor Barros Araújo ganhou a nova sede, como tem sido para o curso de jornalismo contar com essa estrutura?

Jaqueline: Eu acredito que um dos pilares de uma boa formação perpassa pela estrutura física, né? Porque se a gente não tem uma estrutura física adequada, nós, professores, não vamos conseguir desenvolver nossos trabalhos. Eu acho que a estrutura é primordial, é um dos pilares para que a gente consiga construir um profissional de qualidade, tanto profissional docente como profissional discente. Mas, eu acho que o caminho é esse, a gente está caminhando para isso, a gente sabe que as coisas do [Governo do] Estado são muito difíceis, são muito demoradas, mas há perspectivas de melhores dias, de ampliações. Quem sabe a gente não consiga aí um refeitório? Eu acho que é primordial para vocês [estudantes] a questão da alimentação. Um lugar de repouso para os professores, também seria muito interessante. Um dia desses, estávamos discutindo no grupo dos professores da Uespi que os docentes, a maioria, que vem de fora, não têm um local para descansar, uma cadeira mais confortável para tirar um cochilo de 20 minutos, já era o suficiente para esses professores que passam cinco, seis, sete horas dentro de um ônibus e, depois que chegam, já têm que ir logo ministrar suas disciplinas.

Dayanne: Como a pesquisa tem se desenvolvido?

Vinicius: Minha turma, de 2018, teve contato com a pesquisa já no primeiro período. Dos oito períodos cursados, apenas no 2º não tivemos produção de artigos. Embora alguns colegas não tenham se identificado, a pesquisa não é um bicho de sete cabeças, é mais uma percepção que você constrói dela. Ter vivido a pesquisa naturalizou a construção do meu TCC, não tive dificuldade, porque já estava ambientado com a estrutura. Eu acho muito interessante que, na Uespi, alguns professores colocam a 3º nota voltada para a construção de artigo, isso é uma das coisas que pretendo aderir, se eu for dar aula. Se algum aluno não gosta ou não faz pesquisa é uma coisa construída por ele, porque o curso oferta muito bem o tripé e dá uma base para se inserir no mundo da pesquisa.

Dayanne: Quais as expectativas para o curso de jornalismo da Uespi de Picos para os próximos 20 anos?

Thamyres: Eu vejo muitos alunos que estão conosco agora, com vontade de exercer a docência. Eu visualizo-os como colegas de trabalho. Eu vejo neles vontade de voltar. Então, eu vejo que tem um potencial do curso de jornalismo de Picos logo, logo ser, mais uma vez, recomposto por egressos do curso. Eu tenho a expectativa de que exista a possibilidade de a gente expandir essa questão de laboratórios. Às vezes, a gente planeja e pretende desenvolver outras atividades, mas quando chega no laboratório, na estrutura do laboratório, a gente ainda não tem o suficiente. Então, eu queria que daqui a 20 anos, a gente tivesse uma estrutura de laboratórios melhor, uma estrutura que nos contemplasse a ponto de as emissoras se inspirarem na gente. Eu também gostaria que no nosso curso houvesse mais linhas de pesquisa e extensão.

Jornalismo na Uespi de Picos: um curso que transforma realidades

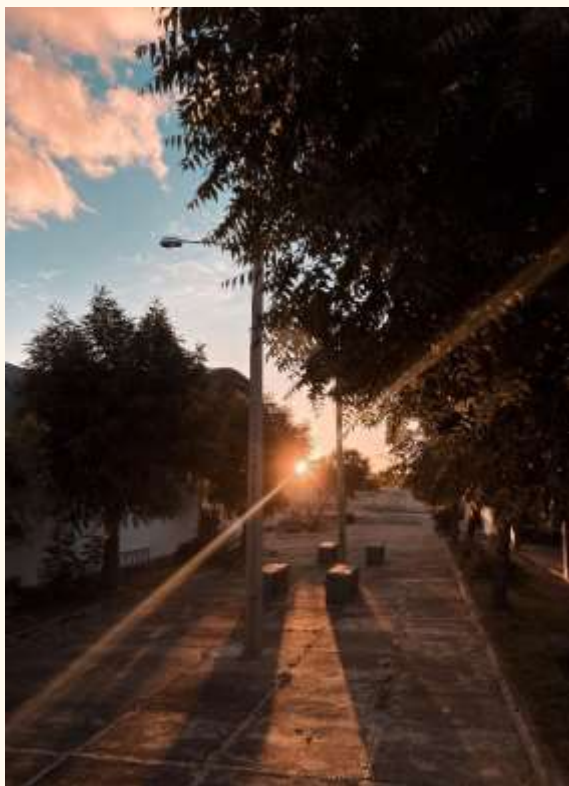
Ruthy Manuella de Brito Costa

A Uespi de Picos é lugar de muitas histórias, muitas memórias para tantas pessoas, não só de Picos ou da região, mas de tantos outros lugares do Piauí e do Brasil. Anualmente, a instituição forma centenas de profissionais que fazem a diferença em múltiplas áreas do conhecimento. Uma dessas áreas é o Jornalismo, uma profissão que encanta, que permeia o imaginário de muitas pessoas, principalmente pelo encantamento da televisão e que hoje se desdobra em tantas outras áreas de atuação.

Em Picos, o curso iniciou a primeira turma no ano de 2002. Uma turma de 40 pessoas começava ali a trilhar um caminho para moldar o curso, para fortalecer a instituição e contribuir com a sociedade. Àquela época, um prédio simples no Bairro Junco foi espaço para muitos sonhos, para muitos planos que viriam transformar a vida de muitas pessoas. O curso começou como bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Relações Públicas. Era uma formação ampla com possibilidade de atuação em duas grandes áreas da comunicação. A habilitação em Jornalismo se concretizava nos quatro primeiros anos do curso. Em seguida, o estudante tinha a opção de escolher se parava e saía com a formação de Comunicação Social –

Jornalismo ou se seguia por mais um ano para a conclusão também da habilitação em Relações Públicas.

Minha história com o curso e com a Uespi de Picos teve início no ano seguinte, 2003, integrando a segunda turma que seria a primeira a ter concluintes habilitados em Jornalismo e Relações Públicas. Já são 20 anos de um curso que, sem dúvida, é o sonho de muita gente e que realmente transforma realidades. Sobre as realidades transformadas podemos incluir a dos estudantes, que tiveram nesse curso a possibilidade da realização profissional; de professores e professoras que se dedicaram verdadeiramente para que o curso seguisse firme e cumprisse seus propósitos; técnicos e administração sempre envolvidos e comprometidos.



Uespi de Picos-PI.

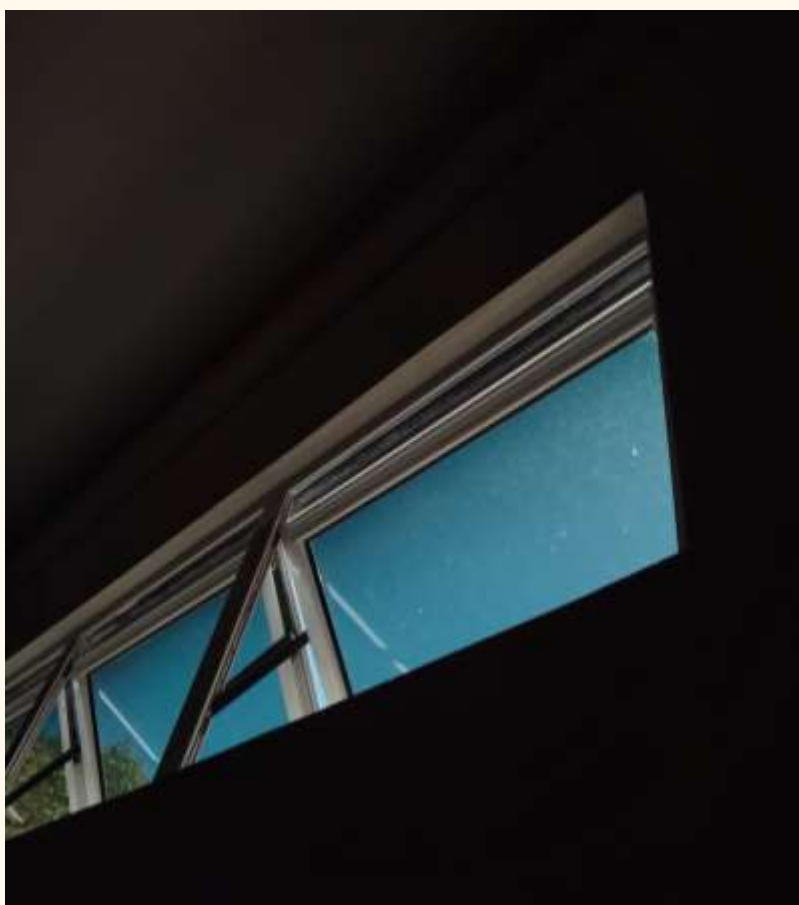
Foto: Matheus Moura Alencar de Barros

Nesses 18 anos [data em que Ruthy entrou no curso até a data de escrita do texto], o caminho foi, por muitas vezes, difícil, doloroso, mas as dificuldades nunca foram impedimento. Tenho memórias vivas de como o curso funcionava. A Uespi funcionava com os cursos divididos em dois prédios que eram assim identificados: prédio da Samambaia e prédio do Junco. Os nomes fazem referência aos bairros onde estavam situados. O curso de comunicação social funcionava no prédio do Bairro Junco. Foram anos lutando contra a falta de estrutura, principalmente a física. Não havia laboratórios ou equipamentos. As atividades práticas eram feitas utilizando os equipamentos que alguns professores disponibilizavam, a estrutura de veículos de comunicação locais e laboratório de informática de escolas estaduais. Os professores, em sua maioria, tinham que vir de fora, geralmente de Teresina.

De Picos, tínhamos o professor Evandro Alberto, um dos primeiros coordenadores do curso, atualmente Reitor da instituição. A história do curso e o quanto ele cresceu passa por muitas pessoas, mas aqui, peço licença para enaltecer essas pessoas através do professor Evandro, que nunca mediu esforços para que o curso se tornasse referência de qualidade. Evandro sempre foi uma engrenagem fundamental para esse curso. Buscando parcerias, buscando convênios, abrindo a própria casa para que os estudantes pudessem ter aulas práticas. Hoje, ele segue nesse propósito, agora, pela instituição como um todo.

Sobre a referência em qualidade, sim, o curso de jornalismo da Uespi de Picos hoje é referência em qualidade, não só pelos índices institucionais estabelecidos pelas regras de avaliação do Ministério da Educação, mas pelo que o curso oferece à sociedade. Os profissionais formados em Jornalismo pela Universidade Estadual do Piauí, campus de

Picos, destacam-se nas diversas áreas de atuação. Muitos empreenderam no campo comunicacional, ampliando a rede de comunicação da região; outros integram grandes veículos de comunicação do Estado, da região e também de outras partes do país e do exterior. Há quem tenha seguido pelo campo da pesquisa, da docência, e hoje contribui com a formação de muitos outros profissionais. É um ciclo, e é um ciclo que se fortalece a cada giro. Aprendendo com a história e com a memória do curso e daqueles que fizeram e fazem parte dele, os que hoje ajudam a girar essa engrenagem seguem também fazendo história e construindo mais e mais memórias.



Uespi de Picos-PI.

Foto: Alisson Breno Dias de Sousa

O curso transformou pessoas e também passou por muitas transformações. Hoje, o curso é Bacharelado em Jornalismo. Infelizmente a habilitação em Relações Públicas ficou para trás, mas deixou seu legado. Aquele curso que enfrentou tantas dificuldades ainda enfrenta algumas, afinal, elas fazem parte do crescimento da própria formação e também da instituição. Contudo, essas dificuldades se apresentam hoje em proporções bem menores. Atualmente, a Uespi de Picos tem um prédio novo, com uma estrutura bem mais ampla e com a oferta de condições humanas e estruturais de qualidade que fazem com que o curso cresça ainda mais. Os estudantes têm a oportunidade de vivenciar a universidade em sua essência, com o ensino de qualidade, através de aulas dinâmicas e participativas; com a extensão que os aproxima da comunidade e do campo profissional e com a ciência, que faz despertá-los para o olhar e senso crítico e científico sobre o fazer Jornalismo.



Uespi de Picos-PI.

Foto: Thaila Vitória

Hoje, o curso tem um quadro de professores efetivos, parte deles são egressos da Uespi, egressos do Campus Professor Barros Araújo e que, orgulhosamente seguem sendo exemplo e inspiração para tantos que veem no Jornalismo o sonho da realização pessoal e profissional. O Jornalismo é essencial para a humanidade, tem um papel social que fortalece as pessoas através da informação com ética, responsabilidade e qualidade, que contribui para o fortalecimento da democracia. E a Uespi de Picos tem a sua contribuição com o curso de Bacharelado em Jornalismo. É inevitável fazer o paralelo entre o curso em sua fase inicial e o curso agora. A transformação é gigantesca. É uma transformação que nos faz brilhar os olhos e encher o coração de felicidade e orgulho, o coração de quem faz parte dessa história.

Liga Joeme: diálogos, reflexões e uma xícara de café

Erika Ravena da Silva Alves

Pode pegar o seu cafezinho, se aproximar, vamos conversar... Esse é o clima da liga que faço [fiz- Érika saiu da Liga antes da finalização da obra] parte há quatro anos. A Liga Acadêmica de Jornalismo, Educação e Memória (Joeme) é um programa de extensão que tem como proposta promover o desenvolvimento de leituras, reflexões e atividades que vão além da sala de aula. Claro que não podemos esquecer: também tem como intuito promover a produção de pesquisa científica.



Primeiro encontro da Liga Joeme, em 2019. Foto: Arquivo da Liga Joeme.

A primeira liga acadêmica vinculada ao curso de jornalismo da Uespi foi criada em junho de 2019, e é coordenada pelas professoras Mayara Sousa Ferreira (doutora) e Thamyres Sousa de Oliveira (mestre). A Liga Joeme se estabeleceu, desde a criação e implementação, como um espaço de interdisciplinaridade. Inclusive, as vagas para integrar o programa são disponibilizadas para estudantes de quaisquer cursos ou instituições, como também para a comunidade em geral.

Com o protagonismo estudantil, a liga é gerida por uma diretoria constituída por integrantes comuns (alunos ou comunidade em geral), uma forma de incentivar o envolvimento e a responsabilidade com as ações extensionistas, aflorando a criatividade e estimulando a proatividade dos membros.



Primeiro encontro da Liga Joeme no ano de 2023.

Foto: Arquivo pessoal de Thaila Vitória.

Em 2021, lançou um e-book chamado *Jornalismo, educação e memória: um diálogo possível*, composto por artigos científicos produzidos pela e na liga acadêmica. O livro

digital foi organizado pelas professoras Mayara e Thamyres e por dois estudantes de jornalismo, membros da liga, Luana de Sousa Rodrigues Moura e Vinícius da Silva Coutinho. Abrindo novamente espaço para participação, proatividade e protagonismo estudantil.



Encontro para receber os novos e atuais ligantes, em outubro de 2023.

Foto: Arquivo pessoal de Thaila Vitória.

Em todos os aspectos, em cada detalhe, há uma sensação de pertencimento, aconchego e aprendizado expressivos. É importante destacar que, ainda no início de tudo, surgiu a ideia de aliar as reflexões a momentos de descontração. Ou seja, a cada encontro, nós nos planejamos para levar algumas comidas (biscoito, bolo, café etc.) e podemos comer enquanto discutimos os textos/assuntos, fazendo das reuniões reflexivas lugar para descontração, quebras de formalidade e aconchego.

Levando em consideração que as rotinas nas universidades e no mercado de trabalho estão cada vez mais corridas e cansativas, tornar os momentos de encontro mais agradáveis facilita e estimula a permanência dos ligantes no grupo e a presença nas reuniões. Além disso, ajuda a dar também uma aliviada na correria básica e frenética do dia-a-dia.



Encontro da Liga Joeme para receber novos integrantes, em novembro de 2022.

Foto: Arquivo Pessoal de Thaila Vitória

A liga existe desde antes da pandemia, que marcou nosso tempo. Quer saber como sobrevivemos a ela? À época das restrições sociais, como fizemos para realizar os encontros e manter a produtividade, dentro do possível para aquele momento? Não foi nada simples, mas, não deixamos a peteca cair. Buscamos nos planejar e, então, passamos a fazer as reuniões de forma virtual. Em meio às dificuldades, entretanto, estivemos sempre unidos e procurando manter também a atmosfera acolhedora e descontraída da liga, cada um liberado para comer o seu lanchinho e falar de seus sentimentos.

Último encontro da Liga Joeme no ano de 2022, onde foi realizado o Seminário de Pesquisa: Jornalismo e Memória.

Foto: Arquivo pessoal de Thaila Vitória.



Então, retornamos ao presencial em abril de 2022, juntamente com a volta às aulas presenciais da Uespi. Agora, surgiu um novo processo de adaptação e, com isso, novos desafios. Mas, os momentos de encontros para aprender, comer, compartilhar reflexões e, especialmente, para recarregar as energias fazem tudo ter sentido e valer à pena.

AAA Midiática

Mikaelly Nagyla da Silva Santos

Thaila Vitória Santos Vieira

Criada no ano de 2020, a *Associação Atlética Acadêmica Midiática* marca um levante no curso de jornalismo da Universidade Estadual do Piauí, Campus de Picos, por ser essa a primeira associação atlética do curso. A princípio, sua criação estava ligada à ideia de fortalecer o vínculo entre os alunos, como também proporcionar lazer e esporte, tal como acontece em outras associações atléticas.



Captura de tela da página da atlética no Instagram.

Foto: Reprodução/Instagram.

Em uma fase marcada pela pandemia da covid-19 no Brasil, em que o mundo foi surpreendido pela disseminação do vírus, aulas escolares e universitárias foram interrompidas, o comércio barrado, entre outros trágicos acontecimentos decorrentes desse período, muitos projetos saíram do papel, ganharam aplicabilidade prática e foram à luta. Com o isolamento social, a humanidade adotou válvulas de escape, como a migração para o meio on-line, maior rede de comunicação do presente.

Nessa impossibilidade do contato físico, a Atlética Midiática realizou um projeto de *Lives Temáticas* que trataram de assuntos discutidos pela sociedade, assim como temas que traziam formas para lidar com a pandemia, ao menos de forma mais leve. Política, esporte, saúde, pesquisa foram temáticas trabalhadas e fortalecidas nas discussões realizadas pela atlética durante esse período.



Post sobre a Live: Violência contra a mulher em tempo de pandemia.

Foto: Reprodução instagram.

As *lives* funcionaram como uma alternativa de comunicação e de divulgação da atlética recém-criada. Com o projeto, o vínculo entre estudantes e comunidade esteve mais forte. Com a facilidade de acesso ao mundo on-line, esse contato tomou grandes proporções que fortaleceram a luta por melhorias da classe estudantil e, como dito anteriormente, a união entres os alunos do curso para entretenimento.

A luta faz parte da rotina jornalística e isso passou a ser um pilar da atlética, um portal de representatividade e expressão do curso de jornalismo. Exemplo disso foi a apresentação de uma proposta, em conjunto com outros órgãos da classe estudantil, à deputada estadual Tereza Brito, solicitando auxílio estudantil que amenizasse os agravos financeiros de muitos alunos, decorrentes da situação pandêmica. Processo esse que foi protagonizado por colaboradores da atlética, alunos do curso, como Cecília Matos e João Pedro Nunes.

A proposta foi levada adiante e a atlética entendeu a importância do seu papel para com a comunidade estudantil, tão desassistida em alguns momentos. Com fala expressiva, Cecília Matos, destacou a importância dessa ação: “a gente foi ouvido e foi muito importante para a gente. Poucas pessoas sabem que foi um projeto nosso, mas que a gente ficou muito feliz de estar realizando. A gente sentiu que [...] poderia fazer a diferença, porque o nosso grito foi ouvido, a nossa voz foi ouvida e eu acho que tudo que a gente conseguiu durante todo o ano de 2020 deu um gás, um incentivo, para a gente, mostrando que se a gente for lutar, mesmo sendo poucas pessoas, conseguiremos sim. E eu acredito que esse tenha sido o marco mais importante da atlética”.

Posteriormente, a atlética ficou desativada, devido a divergências com horários de aulas, e todo o sistema de aulas on-line e presencial, que vem modificando os conceitos de educação depois desse período marcante da pandemia. No entanto, a ideia dos colaboradores é prosseguir com o projeto, pois no primeiro momento foi algo promissor dentro do curso e ofereceu oportunidades de expansão de contribuição e de crescimento para o Jornalismo em um campus do interior do Piauí.

Todavia, tudo que vai um dia volta e assim foi a atlética. Após o período de pandemia e o retorno das aulas presenciais em março de 2022, a atlética permaneceu em hiato por mais de um ano, sem realizar eventos ou competições. Em setembro de 2023, houve uma nova eleição para escolher a nova diretoria, que contou com a participação de vários candidatos e uma grande mobilização dos estudantes, trazendo consigo novos cargos e uma visão renovada para a atlética. O aluno Davi Barbosa Petrola assumiu a presidência, enquanto a vice-presidente eleita foi Josiana Araújo Santos. Mesmo com as alterações na diretoria, a atlética optou por manter a antiga logo até que uma nova fosse criada. As ações da nova diretoria foram focadas em fortalecer os laços entre os estudantes e promover atividades esportivas e de lazer, entre elas a criação do time de futsal feminino, time de vôlei e queimada.

Juntos, formamos uma só voz

Ediara Sousa dos Santos

O curso de jornalismo tem muita história, o processo de construção foi árduo até aqui. Há cada ano que passa, vai deixando sua marca, merece até dedicatória. Se continuarmos em busca do seu desenvolvimento, iremos bem longe, vamos conseguir!

Nos capítulos deste livro foi descrita uma parte do percurso, é impossível não se emocionar. Desde 2002, estreou em Picos e vem cativando o seu público. Além da universidade, nosso coração é o seu lugar.

A conquista do curso veio por meio de pessoas compromissadas que tinham a prática do Jornalismo, faltava formação. Esse fator foi o motivo que impulsionou os interessados a tomarem uma decisão.

A lição que o caminho percorrido pelo curso traz é que não devemos desistir dos nossos objetivos. Foi através de jovens comunicadores que seguiram em frente e não olharam para trás, que a vitória teve sentido.

Nessa temporada, o curso completou 20 anos. Por vezes, perde em algumas causas, nem sempre consegue realizar seus planos. Mas, além das dificuldades e carência de recursos, a família acadêmica é acolhedora. Por tudo que tem conquistado, é grandiosa e vencedora.

O livro conta, desde o princípio, como tudo começou. É composto por detalhes, entrelaçando a trajetória e a sensação de ter cumprido o dever de aluno a professor.

Nos dias atuais, temos bastantes profissionais da comunicação formados. Mas onde estão os uespianos? Estão espalhados pelo Piauí. Alguns, em outros estados.

Hoje, o curso tem conquistado seu espaço, quem passa por ele com certeza guarda os momentos vividos na memória. As atividades interligam outros cursos, o jornalismo faz parte da nossa vida, é como se fosse a nossa trilha sonora.

Já passaram pelo curso discentes e docentes que deixaram sua contribuição. Atualmente, temos seis professores efetivos e quatro professores com contratos temporários, os quais têm diversas qualidades, tudo que fazem é com disposição. São maravilhosos, possuem uma bagagem enorme de experiências. A cada dia que passa renovam seus conhecimentos. Gratidão pela força, coragem e persistência.

Professores excelentes! Somos privilegiados com suas presenças. Dedicados na forma de se expressarem e transmitirem suas instruções, dificilmente ouvimos falar em desavenças.

A *Semana da Comunicação Social* é um dos destaques que temos de investimento do curso para agregar valores aos participantes. A partir desse evento aumentaram as chances do curso ficar avançado, manter os estudantes em busca da aprendizagem, bem mais interessados.

Atualmente, o curso conta com a Liga Acadêmica de Jornalismo, Educação e Memória. Sem sombra de dúvida, não poderia faltar um grupo de pesquisa que envolvesse afetividade e história. Esse programa de extensão implantado no campus Professor Barros

Araújo é uma assembleia que possui mais do que estudos, vai além da sala de aula, são trocas de experiências que nos permitem aprender, mais que ler textos e discursos.

É provável que do jeito que vai, o curso só tem a ganhar. Uma conquista aqui, outra ali, só não podemos parar de lutar. Juntos somos mais fortes, temos vez. Juntos formamos uma só voz, não vale um só, dois ou três.

Enfim... a Uespi é mesmo feita de NÓS

E o tempo vai passando... aqueles estudantes que dedicam quatro anos, ou mais, das suas vidas ao curso escolhido começam a ingressar no mercado de trabalho. Apesar das dificuldades que todo uespiano enfrenta na graduação, os bons frutos chegam... grandes profissionais.

O uespiano é um estudante sofrido, há quem diga que todo universitário sofre na universidade. Não querendo desmerecer o sofrimento dos outros cursos ou instituições, mas o uespiano é um ser que luta todo dia. E são essas lutas que estão presentes e marcam/moldam a história desta instituição e de quem a atravessa.

No dia a dia, os NÓS que fazem esta instituição ajudam na motivação e aguçam uma garra que (ao que nos parece) só o uespiano (em todas as dimensões) tem! Através da Uespi, os uespianos veem a vida de outra forma. Ela pode não possuir toda a estrutura que outras universidades possuem, mas ela tem carinho, afeto e pessoas dedicadas a transformar vidas e essa cereja do bolo faz o uespiano não desistir dos seus sonhos e vencer na vida.

Onde estão os uespianos? São tantos lugares que não é possível descrever aqui. Eles estão em todo lugar, continuando a safra, plantando sementes para cuidar e transformar o mundo num lugar melhor.

Ser uespiano é sinônimo de luta, mas, é uma luta que, com o passar dos anos, vale a pena. Como disse Elis Regina, “viver é melhor que sonhar” e essa luta para viver uma universidade melhor é um sonho que não tem preço.

Aqui, buscamos reunir um pouquinho dessa grande história, cientes da impossibilidade de trazer o que seria uma história completa e sem recortes, desejamos que as lacunas despertem novas escritas e a nossa responsabilidade para com a memória.

Os autores

